UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

SARAH FERNANDES LINO DE AZEVEDO

Consilium muliebre ac deterius (Tac. *Ann.*, XV, 54, 4): As personagens femininas e a construção da imagem imperial no principado de Nero

Mariana
2011

SARAH FERNANDES LINO DE AZEVEDO

Consilium muliebre ac deterius (Tac. *Ann.*, XV, 54, 4): As personagens femininas e a construção da imagem imperial no principado de Nero

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História. Área de concentração: Poder e Linguagens. Linha de pesquisa: Ideias, Linguagens e Historiografia.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Faversani

Mariana
Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ UFOP
2011

A994c **Azevedo, Sarah Fernandes Lino de.**

Consilium muliebre ac deterius (Tac. *Ann.*, XV, 54, 4) [manuscrito] : as personagens femininas e a construção da imagem imperial no principado de Nero / Sarah Fernandes Lino de Azevedo. - 2011.

136f. : tabs.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Faversani.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-graduação em História.

Área de concentração: Poder e Linguagens.

1. Roma - História - Teses. 2. Tácito, Cornélio - Teses. 3. Nero, Imperador de Roma, 37-68 - Teses. 4. Mulheres - História - Teses. 5. Historiografia - Teses. I. Universidade Federal de Ouro Preto. II. Título.

CDU: 94(37)-055.2

Catalogação: sisbin@sisbin.ufop.br

UFOP
Universidade Federal de Ouro Preto

Sarah Fernandes Lino de Azevedo

Consilium muliebre ac deterius (Tac. *Ann.*, XV, 54, 4):
As personagens femininas e a construção da imagem imperial no principado de Nero

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da UFOP como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Dr. Fábio Faversani
Departamento de História, Universidade Federal de Ouro Preto

Prof. Dr. Ana Teresa Marques Gonçalves
Departamento de História, Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Norberto Luiz Guarinello
Departamento de História, Universidade de São Paulo

A meus pais, Isabel e Mauro.

Agradecimentos

Escrever agradecimentos não se trata da tarefa mais fácil na elaboração de uma dissertação. Ao escolher as palavras mais adequadas, temendo pelo esquecimento, incorremos em uma incompetência de expressão. Entretanto, tentarei expor meus sentimentos de gratidão àqueles que ou se fizeram presentes ou compreenderam minha ausência no decorrer da feitura deste trabalho.

Agradeço, primeiramente, aos professores do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFOP que fizeram parte da minha formação. Dentre estes, destaco aqueles que, de alguma forma, me deram apoio e incentivo, são estes: Celso Taveira, Elzira Divina Perpértua, Fernando Felizardo Nicolazzi, Francisco Eduardo de Andrade, Helena Miranda Mollo e Mateus Henrique de Faria Pereira. Ao Professor Valdei Lopes de Araújo agradeço imensamente a leitura atenta de meu memorial de qualificação, a sua participação nesta banca, e as sugestões para o desenvolvimento do trabalho, as quais se fizeram importantes no processo de escrita.

Dentre os pesquisadores da área de História Antiga e que fazem parte do LEIR (Laboratório de Estudos sobre o Império Romano), registro agradecimentos especiais àqueles que muito me incentivaram, destaco: Fábio Duarte Joly (UFOP), Norberto Luiz Guarinello (USP), Carlos Augusto Machado (UNIFESP) e Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG). A esta útima, agradeço ainda a participação na banca de qualificação com seus essenciais apontamentos para a elaboração da pesquisa.

Ao Prof. Alexandre Agnolon (UFOP), agradecimentos enormes pela amizade, pelo mais que inestimável auxílio com as traduções do Latim para o Português e pelos ensinamentos sobre retórica e Literatura Clássica. Ainda a respeito dos estudos de Latim, agradeço também ao Prof. Bernardo Guadalupe Lins Brandão (UFPR).

A todos os alunos do LEIR-UFOP – Annelizi Fermino, Daniela Barbosa da Silva, João Victor Lanna de Freitas, Laura Zamuner Vasconcellos, Lucas Almeida de Souza, Mamede Queiroz Dias, Prema Hari Perroni Campos, Willian Mancini Vieira, e, em especial, Mariana Alves Aguiar e Ygor Klain Belchior – meus amigos e companheiros da rotina universitária marianense, e também de viagens a congressos, agradeço o apoio e a constante oportunidade de trocar ideias.

Registro também minha gratidão a alguns amigos, de Santa Luzia e/ou Mariana, que sempre se fizeram presentes: Tatá, Keyth, Dayse, Mia, Fran, Zizi, e Clara. À Dona Talita, agradeço o café que nunca me faltou. Agradecimentos, com muito carinho, àquelas que, pela convivência diária, se tornaram quase tão versadas em Tácito quanto eu: Sabrina, Lina e Ágata. Para estas três últimas, e para as seguintes que passo a agradecer, confesso, nunca encontrarei palavras, serão, sempre, agradecimentos inexprimíveis: Eterna gratidão aos meus pais e aos meus irmãos, pelo apoio incondicional, por compreenderem minha ausência.

Agradeço também a bolsa concedida pela PROPP-UFOP, sem a qual este trabalho teria sido praticamente inviável.

Por último, agradecimentos sem tamanhos, imensos, desmedidos e excessivos àquele que, óbvio, não tenho palavras para agradecer: grande Fábio Faversani, eminente orientador, pesquisador, professor, educador e amigo. Nem é preciso dizer que este trabalho não existiria se não fosse por você.

"*...peruicacibus magis et impotentibus mulierum iussis...*"
(Tac. *Ann*., III, 33, 4)

Resumo

AZEVEDO, Sarah F. L. *Consilium muliebre ac deterius* (Tac. *Ann.* XV, 54, 4): *As personagens femininas e a construção da imagem imperial no principado de Nero* / Sarah F. L. Azevedo. – 2011. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Programa de Pós-Graduação em História.

A presente dissertação trata da relação estabelecida entre as personagens femininas dos *Anais*, de Tácito, e a construção da imagem de Nero como um mau imperador. A partir da identificação de dispositivos retóricos relativos às mulheres, principalmente nos livros XIII ao XVI dos *Anais*, parte do relato referente aos acontecimentos do principado de Nero (54-68 d.C.), buscamos compreender como Tácito utilizou-se das personagens femininas como recurso retórico na elaboração de críticas a este imperador. Tais críticas indicam valores morais pelos quais se orientava a sociedade romana. Neste sentido, analisamos como as interações entre as personagens e a composição de *exempla* (exemplos) evidenciam modelos de vícios e virtudes. A fim de fundamentar nossa análise, exploramos questões a respeito da condição social e política em que viviam tais mulheres, principalmente aquelas que pertenciam à *domus Caesarum* (Casa dos Césares).

Palavras-chave: Tácito, Nero, Mulheres na Roma Antiga, História e Retórica.

Abstract

This dissertation deals with the relationship established between the female characters of the Tacitus's *Annals*, and the making of the Nero's image as an evil emperor. Identifying rhetorical devices relating to women, especially in the *Annals*'s books XIII to XVI, as part of the narrative regarding the events of the Nero's principate (54-68 AD), aims to understand how Tacitus had used the female characters as a rhetorical tool to censure the emperor. These criticisms indicate moral values which the Roman society was embeded. In this way, we analyse how the interactions between the characters and the composition of *exempla* (examples) show models of vices and virtues. In order to substantiate our analysis, we will explore questions about the social and political conditions in which these women have lived, especially those who belonged to *domus Caesarum* (Caesars household).

Keywords: Tacitus, Nero, Women in Ancient Rome, History and Rhetoric.

Sumário

Introdução.....11

1. História, Retórica e Personagens nos *Anais*, de Tácito.....14

1.1. Tácito: biografia e obras.....15

1.2. História e Retórica.....20

1.3. Retórica e História: *Exempla* e Personagens.....27

2. A *Domus Caesarum* e as mulheres da Dinastia Júlio-Cláudia.....49

2.1. A *Domus Caesarum*.....50

2.2. Estereótipos retóricos.....65

3. As personagens femininas e a construção da imagem de Nero.....77

3.1. Personagens de menor visibilidade na narrativa.....78

3.2. Personagens de maior visibilidade na narrativa.....103

Conclusão.....124

Anexos:

1. Estema da Dinastia Júlio-Cláudia: Augusto e Tibério.....126
2. Estema da Dinastia Júlio-Cláudia: Calígula, Cláudio e Nero.....127
3. Lista das personagens femininas dos *Anais*, livros XIII-XVI.....128

Referências Bibliográficas.....130

Introdução

Há exatamente 20 anos, em 1991, Kristine Wallace publicou um balanço historiográfico sobre estudos a respeito das mulheres em Tácito.[1] Neste texto, a autora apresenta trabalhos, que, no decorrer do século XX, buscaram compreender e responder questões sobre a presença das mulheres na narrativa tacitena por meio de diversas abordagens. Duas destas abordagens se fazem importantes: uma primeira, elaborada a partir da identificação de tópicas de um discurso misógino em Tácito e, uma segunda, baseada em métodos próprios da história das mulheres ou dos estudos de gênero. A primeira abordagem se mostrou insustentável, uma vez que uma leitura atenta das obras taciteanas revela que, além do caráter misógino não se mostrar presente de forma coerente em toda a narrativa, tal método incorre em anacronismos por não atentar para especificidades das representações literárias à época de Tácito. Já as análises baseadas em métodos dos estudos de gênero têm avançado de acordo com a progressiva consolidação desta área.

Embora não atentemos para métodos próprios dos estudos de gênero com fins de circunscrever nosso trabalho nesta área do conhecimento histórico, o conceito de gênero ajudou-nos a pensar e problematizar nosso objeto. Joan Scott, ao explicar a amplidão e utilidade deste conceito como categoria de análise histórica, ressalta que:

> A alta política, ela mesma, é um conceito de gênero, porque estabelece a sua importância decisiva e seu poder público, as razões de ser e o fato de sua autoridade superior, precisamente devido à exclusão das mulheres do seu funcionamento. Gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político foi concebido, legitimado e criticado.[2]

Neste sentido, tal conceito se mostrou importante em nossa pesquisa, pois se encontra estritamente relacionado ao nosso objetivo central: compreender como Tácito fez uso de personagens femininas na elaboração de críticas ao imperador romano Nero (54-68 d.C.). Uma hipótese é que o historiador utilizou-se destas personagens como um recurso retórico. Desta forma, ao caracterizar determinada personagem feminina, Tácito procurou enfatizar algum aspecto negativo da personalidade do imperador ou do

[1] WALLACE, 1991, p. 3556-3574.
[2] SCOTT, 1996, p. 173. "High politics itself is a gendered concept, for it establishes its crucial importance and public power, the reasons for and the fact of its highest authority, precisely in its exclusion of women from its work. Gender is one of the recurrent references by which political power has been conceived, legitimated and criticized."

governo deste. Desta forma, propomos aqui fazer uma análise da obra de Tácito intitulada *Anais*, especialmente a parte do relato na qual o historiador narra acontecimentos ocorridos durante o principado de Nero, ou seja, livros XIII ao XVI. Nosso método é fundamentado em análises de aspectos da retórica latina relacionados à composição de personagens em uma narrativa histórica.

A respeito da estrutura de nosso estudo, dividimos a dissertação em três capítulos:

O primeiro capítulo é dedicado à apresentação de Tácito e dos *Anais*, e à discussão da relação entre História e Retórica no âmbito da tradição nomeada *historia magistra uitae*. O objetivo inicial será compreender como Tácito se insere nesta tradição, identificando as especificidades no que diz respeito à ideia de história presente nos *Anais*. Trataremos da relação entre a ideia de história taciteana, a composição de personagens e o caráter exemplar da *historia magistra uitae*. Com base nesta relação, buscaremos entender o processo de caracterização de personagens em uma narrativa histórica e identificaremos alguns preceitos retóricos que orientavam a composição de personagens. A fim de fundamentar a análise da fonte, definiremos os conceitos de *exemplum*, *retraho* e imagem. A noção de *exemplum* se mostrará importante no decorrer do texto, na medida em que, analisando a composição de situações ou personagens exemplares, perceberemos quais vícios ou virtudes Tácito procurou ressaltar. Deste modo, compreenderemos códigos éticos pelos quais foram elaboradas críticas, não só aos imperadores, mas também a determinados agentes da aristocracia romana à época da dinastia Júlio-Cláudia. O segundo conceito, *retraho*, está baseado em tratados de retórica latina e se faz importante na compreensão do agente histórico como uma representação em uma narrativa. Este conceito está relacionado com aquele denominado imagem, uma vez que o processo de caracterização de personagens visa a evidenciar, ou seja, expor à vista, as principais características que determinam o caráter de uma personagem, informando assim uma imagem. Deste modo, associamos o verbo *retraho* (retirar) com a composição de personagens, pois um autor retira, da pessoa, objeto ou situação a ser representada, argumentos que lhe podem ser úteis por ser capaz de colocar algo em evidência.

No segundo capítulo trataremos das implicações da presença das personagens femininas em toda a narrativa dos *Anais*. Nesta parte do texto, nosso objetivo será identificar as razões pelas quais as mulheres ocuparam lugar na historiografia taciteana, fundamentando-se em aspectos da condição social e política em que viviam tais mulheres, principalmente aquelas que pertenciam à *domus Caesarum* (Casa dos

Césares). Deste modo, buscaremos compreender como Tácito retratou estas mulheres, utilizando-se de argumentos que possibilitaram ao historiador a elaboração de críticas aos imperadores da dinastia Júlio-Cláudia figurados nos *Anais.* Em outras palavras, veremos que Tácito, por meio da caracterização de algumas personagens femininas, colocou em evidência aspectos negativos de determinado imperador, ou de seu governo.

O terceiro capítulo é dedicado a uma análise sistemática da fonte. Tendo como recorte os livros neronianos dos *Anais*, livros XIII ao XVI, analisaremos as personagens femininas desta parte do relato, com objetivo de identificar qual a relação entre elas e a construção da imagem de Nero como um mau imperador. Dividimos este capítulo em duas partes. Na primeira parte estudaremos as personagens que classificamos como "personagens de menor visibilidade na narrativa". São estas aquelas que aparecem entre uma e quatro vezes no relato. Veremos que uma análise pormenorizada das menções a estas personagens auxilia no entendimento destas como recurso retórico. Poderemos perceber como Tácito foi seletivo, empregando personagens em determinados momentos da narrativa, com objetivo de ressaltar características, da própria personagem ou de outra, vinculada a esta. A compreensão do modo como as personagens são colocadas em interação se faz importante na identificação de vícios e virtudes relacionados ao comportamento de agentes da aristocracia ou do imperador. Muitas dessas personagens fazem parte da constituição de *exempla,* e o modo como são colocadas em interação fornece indícios de *topoi* utilizados na caracterização de modelos ideais de conduta. Na segunda parte deste capítulo, apresentaremos um estudo das personagens que classificamos como "personagens de maior visibilidade na narrativa." São estas aquelas que aparecem cinco vezes ou mais no decorrer dos livros neronianos, a saber: Acte, liberta e amante de Nero; Octávia, primeira esposa do imperador; Popeia, segunda esposa, e Agripina, mãe de Nero. Estas são apresentadas como as personagens mais próximas ao imperador. Veremos como a presença delas na narrativa, além de colocar em evidência aspectos negativos do comportamento de Nero, enfatiza a desordem social e política dentro, e fora, da *domus Caesarum*.

1. História, Retórica e personagens nos *Anais*, de Tácito

Ao ler a obra *Anais*, de Tácito, nos deparamos com uma sucessão de maus imperadores. Os imperadores são personagens que apresentam toda a sorte de vícios, ainda que não sejam apenas eles os viciosos no relato de Tácito. Aliás, as personagens que apresentam vícios predominam largamente. Há, contudo, também as personagens virtuosas. O historiador contrapõe estas aos imperadores viciosos. Existem as personagens principais e as personagens secundárias, e é exatamente na imagem que resulta da relação entre estes dois tipos de personagens que reside nossa questão. Os protagonistas da narrativa taciteana, evidentemente, são os imperadores. Têm o papel de personagens secundárias todas as outras que compõem a trama. Nossa questão é: como Tácito, em sua narrativa, construiu a imagem de um mau imperador, a partir da relação deste com outras personagens, especificamente com as personagens femininas? As personagens secundárias não apenas auxiliam na caracterização do imperador, mas nossa hipótese é de que elas desempenham papel essencial na construção retórica de um mau imperador. Podem, por exemplo, enfatizar um aspecto negativo da personagem principal. Estas personagens são tão importantes que, por vezes, se tornam centrais em alguns episódios da narrativa. Mulheres e libertos poderosos aparecem, em diversas situações, representando um papel que socialmente não era adequado a eles. Tomam importantes decisões políticas e, de fato, exercem poder. Qual o papel destas personagens em uma narrativa histórica? Quais os recursos retóricos foram utilizados para construí-las? Dentre outras, estas são as duas questões principais deste primeiro capítulo.

Para responder tais questões, estudaremos a relação entre a ideia de história, a retórica e a concepção de personagens na narrativa dos *Anais*. Primeiro, apresentaremos o autor, através de uma breve biografia de Tácito. Depois, partiremos para uma análise da ideia de história taciteana, com base nos dois proêmios desta obra. Veremos também, como a história pode ser relacionada com o gênero epidítico. Discutiremos algumas questões sobre a constituição retórica de personagens. Por fim, veremos como se fundamentavam os *exempla*. No decorrer do texto, teremos como chave de análise o *tópos* da *historia magistra uitae* e seu caráter exemplar.

1.1. Tácito: biografia e obras

Historiador Latino, *Gaius* (ou *Publius*)[3] *Cornelius Tacitus* nasceu no ano de 56 ou 57 d.C., [4] e morreu por volta do ano 120.[5] O local de seu nascimento é incerto, talvez tenha nascido na Gália Narbonense.[6] Sobre sua família, sabemos de um certo Cornélio Tácito,[7] procurador da Gália Bélgica, que pode ter sido tio ou pai do historiador. Isto indica que Tácito deveria pertencer a uma família com membros de *status* equestre, o que talvez tenha favorecido sua inserção na política romana. Tácito dedicou sua juventude aos estudos da retórica e eloquência. Supõe-se que Quintiliano foi seu mestre.[8] Casou–se aproximadamente aos 25 anos com a filha do general Agrícola. Através de uma passagem dos *Anais*, podemos afirmar que no ano de 88, no principado de Domiciano, Tácito ocupou o cargo de pretor, e ao mesmo tempo era sacerdote quindecenviral, membro do colégio sacerdotal dos *quindecimuiri sacris faciundis*, quando por mandato do príncipe, se encarregou da organização dos jogos seculares (*Ludi Saeculares*).[9] Parece ter se ausentado de Roma por alguns anos, a partir de 89. Em *Agrícola*, escreve que na ocasião do falecimento de seu sogro, no ano de 93, já se encontrava no quarto ano fora de Roma. No ano de 97, Tácito, como *consul suffectus* (cônsul substituto), deu continuidade às funções de Virgínio Rufo depois da morte deste.[10] A última referência que temos sobre o seu *cursus honorum* é que exerceu o pró-

---

[3] Não há certeza sobre qual era o seu prenome, *Gaius* ou *Publius*. Uma inscrição em Mylasa atesta que Tácito ali exerceu o pró-consulado nos anos 112 e 113, mas está corrompida justamente na parte onde estaria o prenome. Cf. SYME, 1958, p. 59.

[4] *Ibidem*, 1958, p. 63.

[5] Acredita-se que Tácito morreu depois da redação dos *Anais*, entre 117 e 120. Algumas passagens dos *Anais* (*Ann.* II, 56, 60 e 61) indicam fatos ocorridos no ano de 115, o que nos permite deduzir que a conclusão desta obra se deu depois desta data.

[6]Existem várias hipóteses quanto ao local de nascimento de Tácito, uma delas tem base em uma passagem de caráter anedótico do epistolário de Plínio *(Ep.* IX, 23, 2), e estabelece como itálica, a origem do historiador. Outra hipótese que parece ser a mais provável, propõe algum lugar das Gálias. Um elemento que concorda com esta possibilidade é uma passagem de Plínio, o Velho (*Nat. Hist.*, VII, 75: "*ipsi non pridem vidimus eadem ferme omnia praeter pubertatem in filio Corneli Taciti, equitis Romani Belgicae Galliae rationes procurantis*"), quando ele afirma ter conhecido pessoalmente um certo Cornélio Tácito, equestre romano, procurador da Gália Bélgica, que tinha um filho maior de idade. Este Cornélio Tácito poderia ser pai ou tio de Tácito. Outro elemento que favorece esta hipótese é o casamento de Tácito com a filha de Agrícola, que tinha como origem o *Forum Iulii*, na Gália Narbonense. Cf. *Agr.*, IV, 1-4; IX, 9.

[7] Como foi dito na nota anterior, era um conhecido de Plínio, o Velho. Cf. *Nat. Hist.* VII, 75.

[8] BOISSIER, sem data, p. 10.

[9] *Ann*, XI, 11, 3.

[10] O que nos permite saber deste fato é uma carta de Plínio, o Moço, a seu amigo Vocônio Romano, na qual refere à morte e aos funerais de Virgínio. (*Ep.*II, 1).

consulado na Ásia Menor, provavelmente no ano de 112, durante o principado de Trajano.[11]

Das obras escritas por Tácito e que chegaram até nós, dispomos de cinco. São elas, em ordem cronológica:

1 - *Vida de Agrícola (De Vita Iulii Agricolae)*: biografia de seu sogro *Agrícola*, contém uma descrição da Bretanha e um relato das conquistas romanas. Parece ter sido finalizada em 98 d.C.

2 – *Germânia (De origine et situ Germanorum)*: também finalizada em 98 d.C, nesta obra Tácito descreve a geografia e os costumes do povo germano.

3 – *Diálogo dos oradores (Dialogus de Oratoribus)*: trata da eloquência no período imperial de Roma. De estilo ciceroniano, o diálogo que Tácito relata se passou nos anos de 74-75. Mas a data de sua composição é desconhecida.[12] Há dúvida sobre a autoria desta obra, que foi atribuída ao historiador devido à descoberta de um códice no monastério de Hersfeld, na Alemanha, no século XV. Neste códice, estavam compiladas as chamadas 'Obras menores' (Germânia, Vida de Agrícola e Diálogo dos Oradores).[13]

4 – *Histórias (Historiae)*: Relata a história do Império Romano, depois da morte de Nero, até quase o fim do principado de Domiciano, no ano de 97. A conclusão desta obra deve ter ocorrido entre os anos de 104 e 109. Com a redação das *Histórias*, Tácito inicia suas atividades como historiador.

5 – *Anais (Annales)*: Nesta obra, Tácito relatou a história dos imperadores da linha Júlio-Cláudia, desde a morte de Augusto (14 d.C.) até a morte de Nero (68). Como referimos anteriormente, uma passagem dos *Anais* nos permite saber que Tácito estava redigindo esta obra em 115. Acredita-se que ele a tenha concluído entre 116 e 120 d.C. Dispomos de oito livros inteiros dos *Anais* e quatro incompletos. Falta-nos a história de todo o principado de Calígula, dos primeiros seis anos de Cláudio e dos últimos três anos de Nero.

Os *Anais* de Tácito são a principal fonte de nossa pesquisa, porquanto convém deter-nos um pouco em como se deu sua transmissão textual. O texto dos *Anais* chegou

---

[11] A inscrição de Mylasa é o documento de mais peso que faz referência ao pró-consulado de Tácito.
[12] Pode ter sido concluída no ano 102. Sobre o debate acerca desta data, Cf. LUCE, 1993, p. 11-38. In: LUCE T.J. & WOODMAN, A.J. (ed.), 1993.
[13] PARATORE, 1983, p. 722.

até nós graças a dois códices, chamados *Mediceus prior* e *Mediceus alter.*[14] O primeiro é da segunda metade do século IX, e o segundo é de meados do século XI. *Mediceus prior*, com o título *Ab excessu diui Augusti libri*, contém os quatro primeiros livros dos *Anais*, e partes dos livros V e VI, incompletos. *Mediceus alter* contém os seis últimos livros que conhecemos dos *Anais*, (XI, incompleto, XII ao XV completos, e XVI incompleto), e, com numeração corrida e sem título, os quatro primeiros livros e um breve fragmento que seria do quinto livro das *Histórias*.

Mediceus prior foi encontrado na abadia de Cörwy, por volta do final do século XV e foi levado para a Itália. No século XVIII, passou a fazer parte da biblioteca Laurenziana de Florença (registro LXVIII, 1). *Mediceus alter* foi descoberto por Boccaccio na abadia de Monte Cassino, na segunda metade do século XIV. Mais tarde, o manuscrito passou para o convento de São Marcos, em Florença, e como o anterior, foi para a biblioteca Laurenziana (registro LXVIII, 2).[15]

A partir da descoberta destes manuscritos, as obras de Tácito passaram a ser traduzidas com certa frequência. Estas traduções, parciais ou totais, fizeram com que o historiador fosse inserido no pensamento político moderno, sobretudo depois do século XVI, dando início ao que se denomina 'tacitismo'.[16] Moses Hadas, em um prefácio de uma tradução das obras completas de Tácito para a língua inglesa, indica que por volta de 1837, existiam 393 versões parciais ou totais das obras taciteanas.[17] Este número compreende as traduções feitas para as línguas italiana, francesa, alemã e inglesa. Sobre

[14] ZÚÑIGA, 2002, p. 18.

[15] Para mais informações sobre a descoberta dos manuscritos, ver: MARTIN, In: WOODMAN, 2009, p. 241-252.

[16] Considera–se como tacitismo o debate desenvolvido entre os séculos XVI e XIX em torno das obras de Tácito. Tal debate esteve relacionado ao seu contexto de produção, e possui caráter político, significando a busca de um "Estado Ideal", foi intensificado depois de publicações das edições do humanista Justus Lipsius entre 1574 e 1607. Sobre a influência de Tácito no início do período moderno europeu e surgimento do 'Tacitismo', ver: GAJDA, In: WOODMAN, 2009, p. 253-268 e, principalmente, SCHELLHASE, 1976. Gajda trata, em linhas gerais, a inserção de Tácito no pensamento político europeu entre 1530 e 1640, e aponta os principais autores modernos que fizeram uso das obras de Tácito. Já Schellhase, em uma abordagem mais detalhada, analisa o processo de inserção de Tácito no pensamento político, notadamente dos séculos XV e XVI na Itália, Alemanha, França, Espanha e Inglaterra. Centrando sua análise na influência de Tácito entre italianos e alemães, o autor apresenta um estudo da influência de Tácito entre os humanistas italianos no século XV e na historiografia alemã do século XVI. Apresenta, também, uma análise da influência de Tácito no desenvolvimento do pensamento político na Itália no início do século XVI e no desenvolvimento do debate acerca da "Razão do estado", ademais, apresenta como se deu o fim da influência de Tácito no renascimento do pensamento político e aponta qual foi seu legado.

[17] Trata-se de uma edição publicada em 1942 pela "Random House". Apresenta as obras completas de Tácito traduzidas por Alfred John Church e William Jackson Brodribb.

versões para a língua portuguesa, temos notícias de apenas duas traduções completas dos *Anais,* uma das *Histórias* e uma das *Obras Menores.*[18]

A princípio, os *Anais* se dividiam em 16 livros. Como já dissemos, uma parte considerável não foi preservada e, com isso, temos apenas oito livros inteiros e três incompletos. Nos livros I ao VI Tácito narra acontecimentos do principado de Tibério, e por isso estes livros são conhecidos como a "hexa de Tibério." Destes, os quatro primeiros estão completos; do quinto livro existe apenas um fragmento; do livro VI falta a parte final. No início do livro I, Tácito narra brevemente os acontecimentos derradeiros do principado de Augusto que levaram à sucessão de Tibério e já no capítulo 6 passa ao relato dos eventos ocorridos sob o principado de Tibério. O livro II é dedicado, quase todo, ao relato das campanhas de Germânico e sua morte. No livro III Tácito relata, dentre outros eventos, o funeral de Germânico, o suicídio de Píson, suspeito de matar Germânico e o processo contra Píson. A partir do capítulo 31 do livro III, Tibério passa a ser caracterizado como imperador ausente de Roma. No livro IV há uma mudança de foco na narrativa, a figura de Sejano adquire preponderância e Tibério passa ser caracterizado cada vez mais como tirano, além de imperador ausente. No fragmento do livro V, temos a morte de Augusta e a descoberta da conspiração de Sejano. O livro VI é quase todo dedicado às acusações e sentenças decorrentes da conspiração. Neste livro, há também o relato da morte de Agripina maior e, no final, a de Tibério. Segue-se então uma considerável perda e, deste modo, falta-nos os livros VII ao X, o que corresponderia ao relato dos acontecimentos de todo o principado de Calígula, a sucessão de Cláudio e os seis primeiros anos deste governo. Nos livros XI, sem o início, e XII, inteiro, estão o relato dos últimos oitos anos do principado de Cláudio, anos 47 a 54. No livro XI Tácito narra, dentre outros acontecimentos, ações de Cláudio sob influência de Messalina, o casamento desta com Sílio, seguido da morte

[18] Não temos conhecimento de outras edições, em língua portuguesa, que foram publicadas ou que circulam no Brasil. A tradução das *Obras Menores* é da autoria de Agostinho da Silva, publicada em 1974 e a das *Histórias* é de Berenice Xavier, publicada em 1937. Os dois tradutores dos *Anais* são José Liberato Freire de Carvalho e Leopoldo Pereira. Não há data alguma registrada na edição de Leopoldo Pereira, portanto desconhecemos o ano de sua publicação. Já a tradução de José Liberato Freire de Carvalho foi publicada pela primeira vez em 1820 por uma editora inglesa, pois o tradutor estava exilado em Londres. Dez anos depois foi publicada uma segunda edição em Paris. Sofrendo poucas modificações, esta mesma tradução ganhou nova publicação em 1952, desta vez no Brasil, pelos editores "W. M. Jackson inc.". As referências completas estão listadas em nossa bibliografia. Para mais detalhes sobre a tradução de José Liberato Freire de Carvalho, recomendamos o estudo de Ygor Klain Belchior: BELCHIOR, Y. K. Uma análise dos estudos críticos sobre Tácito em Portugal no século XIX. *Politeia*: *História e Sociedade*, v. 10, n. 1, p. 187-202, 2011.

dela. O livro XII tem início com a escolha da nova esposa de Cláudio, Agripina é a escolhida, segue então o casamento do César com sua sobrinha. Temos também, no livro XII, a adoção de Nero por Cláudio, o casamento de Nero com Octávia, o retorno de Sêneca, que passa a ser tutor de Nero, a nomeação de Burro como chefe da guarda pretoriana, e o planejamento e morte de Cláudio por envenenamento. Vale ressaltar que todas estas ações são retratadas por Tácito como ações perpetradas por Agripina ou sob sua influência.

Os livros XIII a XVI correspondem aos livros nos quais Tácito relata acontecimentos do principado de Nero, são conhecidos como os livros 'neronianos' dos *Anais*. Os livros XIII ao XV estão inteiros, do livro XVI falta a parte final, onde provavelmente estaria o relato da morte de Nero. No livro XIII Tácito narra eventos ocorridos nos quatro primeiros anos do principado de Nero, de 54 a 58. Durante este período, Nero aparece associado a Sêneca, Burro e Agripina, personagens centrais para o entendimento da primeira fase deste principado. O livro XIV compreende os anos 59 a 62, e, deste modo, começa com a morte de Agripina e termina com a morte de Octávia, a primeira esposa de Nero. O matricídio marca uma fase do principado neroniano. A partir de então, Tácito passa a dar mais ênfase na caracterização de Nero como imperador que se entrega aos vícios de forma independente. Contudo, a associação de Nero com personagens femininas representa um ponto importante em toda a narrativa dos livros neronianos. A caracterização de Nero como personagem viciosa é reforçada pela sua associação com Popeia, principalmente depois do casamento, no final do livro XIV. O livro XV é assinalado, dentre outros acontecimentos, pela descoberta da conspiração pisoniana, dando início a uma sequência de relatos de mortes de homens e mulheres de virtudes. A parte preservada do livro XVI também é assinalada pelo relato das mortes das vítimas da conspiração, além de outros acontecimentos, como por exemplo, a morte de Popeia.

Em sua narrativa, Tácito utiliza de vários recursos retóricos para construir suas personagens de maneira que elas se tornem exemplos a serem seguidos ou evitados. Mas para além de personagens e situações como *exempla*, percebemos que determinadas personagens exercem um papel que poderíamos classificar como retórico, em certos pontos do relato taciteano. Algumas personagens aparecem em certos momentos da narrativa para enfatizar determinado aspecto de uma outra personagem, como no caso de algumas personagens femininas, que são caracterizadas de forma a

ressaltar alguma característica do imperador a que aparecem associadas. Neste caso, estas personagens femininas podem representar, elas mesmas, um *exemplum*, ao mesmo tempo que auxiliam na caracterização da personagem central da narrativa, o imperador.

Nesse sentido, torna-se fundamental entender a relação entre a retórica e a história na antiguidade a fim de compreendermos como Tácito construiu retratos - palavra que deriva de *retraho*, "retirar", pois o autor 'retira' argumentos, baseando-se em características de pessoas ou acontecimentos que lhe são úteis para a construção da representação da personagem ou situação. A ideia de história presente nos *Anais* se encontra estritamente relacionada ao modo como Tácito enfatizou a caracterização de personagens em sua narrativa. Neste sentido, discutiremos, na próxima seção deste capítulo, questões a respeito da especificidade da ideia de história taciteana no âmbito da relação entre história e retórica.

1.2. História e Retórica

Momigliano, em um ensaio intitulado "Tácito e a tradição taciteana", considera que o retrato do despotismo que Tácito forneceu tornou-se clássico, no sentido em que este historiador fundou uma tradição. Momigliano nos mostra que Tácito, por adotar um método histórico que prima o indivíduo, foi capaz de transmitir "a antiga experiência da tirania aos leitores modernos."[19] O modo de descrição e caracterização das personagens, a atenção dada ao comportamento humano e às tradições sociais são elementos que caracterizam o estilo taciteano. Para Momigliano, o método de Tácito é ambivalente e dá conta de uma análise da tirania através de uma abordagem dupla: aborda tanto questões relativas àquele que possui a total liberdade provida pelo excesso do poder, o tirano; como também relativas àqueles que vivem em um momento de supressão da liberdade, ou seja, as vítimas da tirania. Este estilo taciteano difere o historiador dos historiadores de sua época e predecessores. Segundo Momigliano, "admitir que Tácito tivesse predecessores reais é admitir que o estilo taciteano existisse antes dele mesmo."[20] Apesar de apresentar um estilo próprio, Tácito não manifesta, em suas obras, ter pretensões de romper com uma determinada tradição historiográfica. Ao mesmo tempo em que se filia às grandes correntes da historiografia antiga, Tácito constrói um

[19] MOMIGLIANO, 2004, p. 182.
[20] *Ibidem*, p. 166.

lugar específico no interior destas para suas obras. Veremos algumas razões que justifiquem essa afirmação.

Enumeramos três razões fundamentais: a primeira seria o período em que Tácito escreveu suas obras, ou seja, o principado de Trajano, príncipe que é tido por Tácito como um governante excelente, que permite o exercício da verdade. Em segundo lugar, seu objeto de investigação, bastante específico, pois além de tratar de um longo período onde predominam os maus governantes, Tácito teve por desafio narrar um período de instauração de um novo regime político, o principado. Por fim, uma terceira característica que o particulariza no interior das tradições historiográficas é a busca, por parte do historiador, em construir a legitimidade de seu trabalho contrapondo-se (tanto em sentido positivo quanto negativo) aos demais historiadores que o antecederam. O sentido positivo desta contraposição está explícito, por exemplo, no primeiro proêmio dos *Anais*, quando Tácito anuncia a imparcialidade de seu relato frente aqueles que foram escritos durante o período Júlio-Cláudio.[21] O sentido negativo pode ser apreendido com a leitura do segundo proêmio dos *Anais*, quando Tácito compara sua obra com as dos historiadores republicanos, e julga que a sua é inferior, e por isso menor será sua glória, ou menor será o reconhecimento de sua obra. Esta inferioridade se pauta no conteúdo da história relatada por Tácito nos *Anais*, conteúdo aparentemente irrelevante, como o historiador ressalta. Trata-se, segundo Woodman, de uma inversão que Tácito faz de um *tópos* muito presente nos prefácios dos historiadores antigos, e que consistia em apresentar razões a fim de reivindicar a superioridade de sua obra frente às de seus predecessores.[22]

Veremos partes dos dois proêmios dos *Anais*:

Sed veteris populi Romani prospera vel adversa claris scriptoribus memorata sunt; temporibusque Augusti ***dicendis*** *non defuere decora ingenia, donec gliscente adulatione deterrerentur. Tiberii Gaique et Claudii ac Neronis res florentibus ipsis ob metum falsae, postquam occiderant, recentibus odiis* ***compositae*** *sunt. inde consilium mihi pauca de Augusto et extrema* ***tradere****, mox Tiberii principatum et cetera, sine ira et studio, quorum causas procul habeo.*[23] (grifo nosso)

Os antigos feitos do povo romano, prósperos ou adversos, já foram rememorados por célebres escritores; e não faltou engenho elegante àqueles que se propuseram a dar a conhecer os sucessos dos tempos de Augusto, até o momento em que foram desviados pela crescente adulação. Os acontecimentos dos reinados de Tibério, Caio, Cláudio e Nero que foram compostos pelos próprios contemporâneos são falsos devido ao medo e, depois da morte daqueles, ao ódio recente. Por esse motivo, é meu desígnio narrar pouco sobre Augusto – em particular, os feitos

[21] Considera-se que existem dois proêmios nos *Anais.* O primeiro, evidentemente, é o capítulo I do Livro I. O segundo é uma digressão que ocupa os capítulos 32 e 33 do Livro IV.
[22] WOODMAN, 1988, p. 183.
[23] *Ann.*, I, 1, 2-3.

derradeiros –, passando logo em seguida para o Principado de Tibério e de seus sucessores, sem cólera e nem parcialidade, de cujas causas mantenho distância.[24]

Pleraque eorum, quae rettuli quaeque referam, parva forsitan et levia memoratu videri non nescius sum: sed nemo annalis nostros cum scriptura eorum contenderit, qui veteres populi Romani res composuere. ingentia illi bella, expugnationes urbium, fusos captosque reges, aut si quando ad interna praeverterent, discordias consulum adversum tribunos, agrarias frumentariasque leges, plebis et optimatium certamina libero egressu memorabant: nobis in arto et inglorius labor; immota quippe aut modice lacessita pax, maestae urbis res et princeps proferendi imperi incuriosus erat. non tamen sine usu fuerit introspicere illa primo aspectu levia ex quis magnarum saepe rerum motus oriuntur.[25]

Não ignoro que a maior parte de tudo que referi – e referirei –, pareça pequena e talvez sem importância para ser digna de memória. Porém, meus *Anais* não devem ser comparados às obras daqueles autores que escreveram as antigas façanhas do povo romano. Estes narravam grandes guerras, cidades sitiadas, reis derrotados e capturados e, se porventura voltavam o espírito para assuntos internos, em livre curso rememoravam as discórdias entre cônsules e tribunos, as leis agrárias e frumentárias, as disputas entre a Plebe e os patrícios. Nosso trabalho é, em sua estreiteza, sem glória: tratar de uma paz, estável sem dúvida – ou pelo menos contra a qual pouco se atentou – , de fatos tristes da Cidade e de um príncipe negligente quanto à expansão do Império. Contudo, não fora sem proveito perscrutar estes sucessos, insignificantes de início, mas é a partir de eventos assim que amiúde se originam as causas de grandes acontecimentos.

Observamos que, no primeiro proêmio, quando Tácito anuncia sua imparcialidade, ele compara sua obra com as de outros historiadores. Contrapor seus *Anais* com as obras dos historiadores antecedentes é também uma forma de Tácito contrapor presente e passado. Veremos que é uma contraposição que visa valorizar o presente e o passado republicano, de forma a depreciar um passado mais recente.[26]

Quando o historiador declara que em sua narrativa ele irá se ocupar somente dos últimos acontecimentos do governo de Augusto, dando início ao relato do governo de Tibério, ele justifica que, para narrar aquele período, não faltaram "talentos ilustres" (*decora ingenia*).[27] Assim como "famosos escritores" (*clari scriptores*)[28] publicaram os sucessos do período republicano. Ao fazer esta demarcação temporal de sua narrativa, Tácito rompe com os historiadores da Roma imperial, imediatamente antecedentes a ele

[24] As traduções dos prefácios dos *Anais* de Tácito, bem como todas as traduções das citações dos *Anais* presentes nesta dissertação, são de autoria minha e de Alexandre Agnolon, professor de Estudos Clássicos do Departamento de Letras da UFOP.
[25] *Ann.*, IV, 32.
[26] Esta contraposição também está presente no prefácio das *Histórias*. Indicamos a tradução e comentário deste prefácio em HARTOG, 2001, p. 209-221.
[27] *Ann.*, I, 1, 2.
[28] *Ann.*, I, 1, 2.

e indica uma associação, no que diz respeito à sua ideia de história, aos historiadores do período republicano.[29]

Esta contraposição está estritamente vinculada à concepção de verdade na historiografia taciteana. Para Tácito, os historiadores que escreveram durante o período Júlio-Cláudio não conseguiram atingir a verdade. Tais historiadores escreveram sobre o presente, portanto viviam sob governo tirano e por isso não tinham liberdade suficiente para narrar os assuntos de forma verdadeira. Joly indica que Tácito distingue três temporalidades do passado no primeiro capítulo dos *Anais* e relaciona cada uma delas a um tipo de narrativa histórica.[30] Durante o período republicano os historiadores viviam em condições propícias para a produção de uma narrativa na qual predominava a veracidade. O período do principado de Augusto é classificado por Tácito como o período que compreende a mudança das narrativas históricas, comprometendo a verdade. Para Tácito, há um momento de continuidade com os historiadores republicanos, mas logo há um declínio, e os historiadores começam a corromper suas narrativas com bajulações. Por último, temos o período dos sucessores de Augusto, de Tibério a Nero. Tácito considera que, neste período, nada de caráter verdadeiro foi produzido. Os historiadores que escreveram sobre o presente não tiveram condições de atingir a verdade, por medo de dizê-la. Os que escreveram pouco tempo depois dos acontecimentos foram igualmente parciais, pois apresentaram narrativas falseadas pelo ódio, pois os acontecimentos estavam ainda muito recentes. Depois de apresentar estas três temporalidades, que irão orientar a narrativa dos *Anais*, Tácito anuncia sua imparcialidade através da expressão que virou sua marca registrada: *"sine ira et studio"*. Expressão que sintetiza a afirmação do historiador como agente que, além de possuir autoridade para narrar, vive sob um governo (o principado de Trajano) que lhe proporciona todas as condições para a escrita de uma narrativa verdadeira. Podemos entender que por trás desta imparcialidade, apresentada como uma estratégia retórica, encontra-se uma valorização das condições políticas vigentes, em detrimento das condições políticas do passado recente que Tácito propôs narrar. Desta maneira, o historiador enfatiza a ausência e a necessidade de uma história verdadeira sobre o período Júlio-Cláudio, ao mesmo tempo em que reivindica este lugar para os seus *Anais*.

---

[29] JOLY, 2001, p. 30.
[30] *Ibidem*, p. 29.

Os verbos que foram empregados por Tácito, no primeiro proêmio, reforçam a contraposição que o historiador faz entre as três temporalidades citadas acima. Destacamos três verbos: *dico, compono* e *trado*. O primeiro significa "dizer, expor, pronunciar, descrever, contar, dar a conhecer" e aparece associado ao principado de Augusto. Já o verbo *compono* pode significar tanto "compor, construir, fazer, fabricar, escrever" como também "fingir, simular, inventar, maquinar, urdir, arranjar, dispor, enfeitar". Este verbo aparece relacionado ao principado Júlio-Cláudio, ou seja, com o que foi escrito durante este período. Possivelmente Tácito fez uma escolha consciente ao empregar tais verbos. Enfatiza assim o caráter imparcial dos historiadores que narraram o tempo de Augusto, enquanto aqueles que escreveram sobre o período da dinastia Júlio-Cláudia compuseram obras que podem ter sido "construídas". O sentido de "construir", "compor" aponta para um debate retórico, na medida em que Tácito acusa estes historiadores de falsearem sua narrativa através de um uso equivocado da retórica. Esta hipótese é reforçada pela escolha de Tácito pela palavra "*studium*", traduzida por "parcialidade", significa também "esforço, estudo, atividade intelectual literária".[31] Considerando que este segundo significado está associado ao estudo e uso da retórica, podemos perceber que, com o emprego deste termo, Tácito indica, além de uma imparcialidade temporal, uma imparcialidade retórica. Ou seja, o historiador sugere que as narrativas do período Júlio-Cláudio são caracterizadas por um "esforço" retórico, o que resultou em narrativas que tem um sentido de verdade corrompido ou pelo excesso de elogios (adulação) ou pelo inverso. O terceiro verbo, "*trado*", tem como um dos significados: "transmitir, narrar, contar, dizer". Este é utilizado para designar os *Anais*, especificamente a parte do relato sobre os acontecimentos de Augusto, está relacionado com a escrita taciteana. Com a comparação destes três verbos, principalmente de "*compono*" e "*trado*", torna-se evidente, mais uma vez, o sentido de imparcialidade atribuído à narrativa dos *Anais*.

Imparcialidade, verdade e posteridade: são os três pontos principais, que, interligados direcionam a narrativa de um historiador. Não é difícil perceber que Tácito atentou para todos eles. Luciano de Samósata, que não era historiador, mas escreveu um livro intitulado "*Como se deve escrever a história*", nos fornece indícios interessantes sobre o que se esperava do historiador que escrevia a *historia magistra uitae.*[32] Luciano,

[31] A palavra "*studium"* aparece em *Ann*., XVI, 4, 3 relacionada à eloquência.
[32] Vale ressaltar que Tácito não tinha conhecimento de Luciano de Samósata, que é um escritor posterior. Mas sua obra "*Como se deve escrever a história*" é baseada nos trabalhos de História de sua época e

no capítulo 61 de sua obra, enfatiza que a preocupação com a posteridade deve ser primordial na escrita da história. Desta maneira, aconselha ao historiador que:

> não escreva olhando só para o presente, para que os contemporâneos o elogiem e honrem. Pelo contrário, tenha em vista o conjunto do tempo, escreva sobretudo para a posteridade – e peça a ela a recompensa por sua obra, de modo que se diga: "Aquele era seguramente um homem livre e totalmente franco, nada bajulador, nada servil, mas verdadeiro em tudo."[33]

Deste modo, notamos que Tácito não se distancia dos pontos principais que determinavam a tradição historiográfica na qual estava inserido. Entretanto, os fatos que tinha para narrar e o modo como os tratou, especialmente a maneira como os selecionou e os dispôs, revelam como Tácito tomou para si um lugar específico na historiografia clássica.

No segundo proêmio, Tácito escreve sobre a especificidade de sua história. Explica as razões de escrever sobre assuntos internos.[34] Tácito indica que a matéria de sua história é diferente da dos historiadores republicanos. Estes encontravam, no curso dos acontecimentos da República, fatos memoráveis para narrar. Mas a matéria de Tácito era outra. O historiador atenta para o fato de que precisou adequar a narrativa ao assunto. Em uma estratégia retórica, Tácito lamenta não poder narrar conquistas militares, grandes guerras e ações de homens virtuosos. Ele tem por tarefa, narrar os acontecimentos de um tempo inglório, e seu desafio é fazer uma obra de história elevada, porém com matéria de pouco valor. Devemos notar que o historiador inicia o capítulo 32 indicando que o conteúdo de sua obra pode parecer insignificante, e o conclui declarando que nem por isso representam uma inutilidade para a história. Ou seja, Tácito justifica a utilidade de sua história. Narra assuntos que parecem ser inadequados ou impróprios ao gênero historiográfico, por parecerem insignificantes. Mas atenta para o fato de que acontecimentos que aparentam ser irrelevantes podem ser a causa de grandes eventos.

O segundo proêmio dos *Anais* pode ter ainda um outro sentido. A utilidade implicada por Tácito para seu trabalho possivelmente exprime uma expectativa do historiador, que espera que, relatando ações negativas, estas gerem um efeito inverso.

---

antecedentes, por isso achamos pertinente identificar, no relato de Tácito, preceitos apontados por Luciano.

[33] A tradução utilizada é aquela proposta por Jacyntho Lins Brandão: BRANDÃO, 2009.

[34] *Ann*., IV, 32 e 33.

Ou seja, a partir do relato de atitudes que demonstram vícios, o historiador procura inibi-las, estimulando um comportamento orientado por virtudes.

Um dos caminhos para compreender a proposta de Tácito é a associação da condição política e social do historiador com sua concepção de história. Este foi o método utilizado por Ronald Syme, autor do principal estudo sobre Tácito.[35] Syme, fazendo uso de uma análise prosopográfica, indica que a ideia de história presente nas obras do historiador está estritamente vinculada à trajetória sociopolítica deste, ou seja, a atividade historiográfica poderia estar relacionada ao *cursus honorum* estabelecido pelo autor. Adotando esta perspectiva, um outro autor, Dylan Sailor, em estudo mais recente, analisa a autonomia, tanto política quanto social, proporcionada pelo exercício historiográfico.[36] Desta maneira, Sailor considera a narrativa histórica como forma de intervenção no principado. Esta relação indissociável, entre autor e agente sociopolítico, considerada por estes dois autores se faz evidente nos dois proêmios taciteanos, já que, como vimos, o historiador associa narrativas históricas com formas de governo, expondo sua opinião sobre cada uma delas.

Já Woodman, autor com um tipo de abordagem que valoriza mais a narrativa, desconsiderando o autor como agente sociopolítico, faz uma análise dos dois prefácios dos *Anais* e o prefácio das *Histórias*. Comparando-os com outros prefácios de obras de historiadores antecedentes à Tácito, indica em que pontos Tácito se aproxima da tradição e em que pontos se afasta. Aproxima-se da tradição quando parece se inspirar em modelos de historiografia disponíveis em sua época, como Salústio. E se afasta quando inverte certos *topoi* da historiografia clássica. Como Woodman aponta, a especificidade da noção de história em Tácito também pode ser pensada a partir de elementos da narrativa em que Tácito deixa transparecer uma inversão da ideia de história. Esperava-se que o historiador se orientasse por certos preceitos, como por exemplo, escrever uma narrativa agradável, que desse prazer ao leitor, prendendo sua atenção. Na digressão do livro IV, Tácito se diz impossibilitado quanto a este aspecto em seu relato. Ele entende que os exemplos e fatos que narra com o propósito de instruir, podem enfastiar o leitor. Woodman identifica traços ciceronianos no prefácio das *Histórias* e também lembra que Tácito segue alguns preceitos de escrita da história propostos por Cícero, como por exemplo, descrições geográficas e a busca da vivacidade nas descrições das batalhas. Já nos prefácios dos *Anais* Tácito inverte

[35] SYME, 1958, 2v.
[36] SAILOR, 2008, p. 6-50.

aspectos da ideia ciceroniana de história, fundamentalmente quando declara a aparente irrelevância do assunto que trata. Cícero afirma que a matéria da história deve ser importante o bastante para ser lembrada, em outras palavras, deve ser digna de memória. Apesar destas inversões de *topoi*, que confirmam a particularidade da ideia de historia presente na obra taciteana, o objetivo da história, para Tácito, não difere daqueles objetivos que se esperava de uma obra de história inserida na tradição *historia magistra uitae*.[37] Objetivo entendido no sentido da utilidade: a história deve instruir. Tais ensinamentos se dão através do fornecimento de exemplos, baseados na narrativa de acontecimentos, situações e descrições de personagens. Atentando para a caracterização de personagens na narrativa taciteana, e tendo como base a retórica, veremos adiante alguns aspectos relacionados à constituição de personagens como *exempla.*

1.3. Retórica e História: *Exempla* e Personagens

Como vimos, Tácito é reconhecido, muitas vezes, por ser um autor que privilegia a caracterização de personagens em sua narrativa.[38] O processo de composição de personagens em uma narrativa histórica está fundamentado em práticas retóricas. Desta maneira, propomos identificar determinados mecanismos retóricos relacionados à construção de personagens na narrativa taciteana. Teremos como objetivo inicial a tarefa de tentar compreender a noção de história inserida no campo da retórica. Para isso, veremos em que aspectos a história se relaciona e se assemelha ao gênero epidítico. Depois, partiremos para análises de preceitos retóricos que fundamentam os *exempla*. Procuraremos compreender a relação entre *exempla*, personagens e narrativa histórica tendo em vista a retórica e também o discurso exemplar.

Comecemos pelas definições que nos orientarão no decorrer do texto: para tratar da retórica, consideraremos, principalmente, a retórica aristotélica, base dos tratados de retórica da antiguidade. Já para a definição de história, tomaremos como referência a definição ciceroniana, que deu nome à tradição *historia magistra uitae.*

---

[37] HARTOG, 2001, p. 221; CLASSEN, 1988, p. 116.
[38] JOLY, 2010, p. 101.

A retórica esteve na base da formação intelectual dos homens letrados durante todo o período clássico. Apesar de ser reelaborada ao longo do tempo, teve sempre como base a retórica grega. Isto significava uma aspiração pela continuidade com a chamada "tradição clássica". A importância da retórica também se deve à ideia de que habilidade oratória combinada com grandes ações (sobretudo militares) representou, desde Homero até Bizâncio, características essenciais do governante ideal.[39] Nero, por exemplo, foi criticado por Tácito por não apresentar eloqüência.[40] De todos os imperadores da linha Júlio-Cláudia, Nero, segundo Tácito, era o único que não demonstrava qualidades oratórias. Nosso historiador atribui esta falta de Nero à sua formação. Durante a infância exercitou-se em outras artes, como pintura e música, deixando de lado os indispensáveis exercícios de retórica.

Aristóteles, na *Retórica*, o mais antigo tratado de retórica que chegou até nós, traz uma breve e ampla definição de retórica: "Entendamos por retórica a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir".[41] Aristóteles explica que a lógica do raciocínio retórico tem como objetivo criar um juízo, formulado pelo ouvinte ou leitor do discurso:

> Uma vez que o uso dos discursos persuasivos tem por objeto formular um juízo (pois acerca daquilo que sabemos e temos juízo formado já não são precisos mais discursos), usamos os discursos nos casos seguintes: quando nos dirigimos a uma só pessoa para a aconselhar ou dissuadir, como, por exemplo, o fazem aqueles que tratam de repreender ou de persuadir (pois pelo fato de um ouvinte ser único, não significa que seja menos juiz, visto que aquele a quem se deve persuadir é, em termos absolutos, juiz); quando se fala contra um adversário, ou contra uma tese proposta (já que forçosamente é preciso usar o discurso para refutar os argumentos contrários, contra os quais se faz o discurso, como se se tratasse da parte adversa); o mesmo acontece nos discursos epidíticos (neste caso, o discurso dirige-se ao espectador como se fosse dirigido a um juiz, embora, em geral, só seja absolutamente juiz aquele que, nos debates políticos, julga as questões submetidas a exame; são estas, no fundo, as questões controversas e sujeitas a deliberação e para as quais se procura solução).[42]

Importante notar que Aristóteles aponta que nos discursos de gênero epidítico, o espectador deve ser considerado, por aquele que produz o discurso, como um juiz, mesmo que não possua poder de deliberação. Este gênero de discurso, denominado

[39] HEATH, In: WISEMAN, 2002, p. 419-439.
[40] *Ann.*, XIII, 3.
[41] ARISTÓTELES. *Retórica*. 1355b.
[42] *Ibidem*, 1391b.

Epidítico ou *Demonstrativo* pode ser associado ao gênero historiográfico.[43] Fundamental entender os motivos desta associação, para compreender como recursos retóricos são aplicados na historiografia clássica.

Aristóteles considera a seguinte tripartição dos discursos retóricos: judiciário, deliberativo e epidítico (ou demonstrativo). Duas características fundamentais estão na base da divisão dos discursos: cada um destes discursos é direcionado para um tipo de auditório; cada um corresponde a um tempo. O gênero judiciário tem como auditório os juízes, procurando ressaltar o que é justo ou injusto, o discurso visa acusar ou defender, é associado ao passado, porque julga fatos ocorridos no passado. Já o gênero deliberativo tem como auditório a assembléia, buscando persuadir sobre o que é útil ou nocivo, tem como objetivo aconselhar ou desaconselhar, e por isso é associado ao futuro. Por fim, o gênero epidítico, cujo auditório é o espectador, tem como objetivo louvar ou censurar, através do discernimento de valores como o nobre ou o belo e o vil ou o feio. O gênero epidítico é associado ao tempo presente, pois requer admiração ou vitupério do auditório, mas pode, a longo prazo, orientar escolhas futuras. É também relacionado ao passado, pois o orador pode extrair exemplos do passado como recurso para amplificação do discurso.

O gênero historiográfico, na antiguidade, apresenta características de todos os três gêneros de discurso da retórica. Mas é associado principalmente ao gênero epidítico por este apresentar especificidades comuns ao discurso historiográfico.[44] Uma destas especificidades é a escrita. Segundo Aristóteles: "O estilo do gênero epidítico é o mais apropriado ao texto escrito, pois a sua função é ser lido".[45] Outra característica é que o epidítico visa à amplificação do discurso, baseando-se em fatos que já são conhecidos pelo público. Ou seja, o orador deve demonstrar os fatos, discernindo o que é nobre do que é vil. Como já dissemos, Aristóteles recomenda ao orador que faz um discurso de gênero epidítico, que considere o ouvinte (ou leitor) como um juiz. Este também é um ponto comum deste gênero retórico e da história, na medida em que o historiador fornece fatos e exemplos que serão julgados, e imitados se elevados, ou vituperados se condenados, pela posteridade.

---

[43] Aristóteles não faz esta associação. Seus sucessores incluíram a história como sub-gênero do gênero epidítico. Cf: REBOUL, 1998, p. 47. Ver também WOODMAN, 1988, p. 95: indica que Cícero fez esta associação. (Cícero, *De oratore*, 2, 35-6 e *Orator*, 37 e 66).
[44] WOODMAN, *op. cit.*, p. 98.
[45] ARISTÓTELES. *Retórica*. 1414a.

Como já dissemos, a retórica grega esteve na base da formação intelectual dos homens letrados durante todo o período clássico. Por volta do primeiro século, esta formação se dava da seguinte forma: a partir dos sete ou oito anos de idade, a criança exercitava a escrita, a leitura e o cálculo através dos ensinamentos do *paedagogus* (escravo preceptor a serviço da família) ou do *magister ludi* (professor de uma escola); entre doze e dezesseis anos, durante o ensino secundário, o *grammaticus* transmitia ensinamentos teóricos sobre a língua (latim e grego) baseando-se nos clássicos da literatura, a começar por Virgílio e Horácio;[46] finalmente, no ensino superior, o aluno se dedicava à arte oratória, aprendia todos os procedimentos, normas e regras da retórica, conhecimentos estes que eram ministrados pelo *rhetor*. A técnica retórica latina difere pouco da retórica grega. Mas uma diferença essencial foi o acréscimo de mais um elemento na constituição da matéria retórica, a *memoria*, desta forma a técnica passa a ser dividida em cinco partes: *inuentio, dispositio, memoria, elocutio* e *pronuntiatio*.[47] O expoente da retórica latina foi Cícero, que procurou fundamentar os preceitos retóricos na filosofia, principalmente, mas também nos conhecimentos do direito e da história.[48] Segundo Marrou, Cícero considerava que estes conhecimentos eram essenciais para os cidadãos romanos, principalmente para aqueles que estavam a serviço da república, pois a história transmitia as experiências humanas e, dessa forma, fornecia orientação.[49]

Podemos considerar que a história, como todo gênero discursivo, pertencia ao campo da retórica. Todavia, sabemos que a história, na antiguidade, não era compreendida como um gênero particular inserido no âmbito da retórica.[50] Poderíamos dizer que a história se apropria da retórica e vice-versa. Nos tratados de retórica, assim como se recomenda aos oradores o uso de fatos históricos para exemplificar;[51] se recomenda aos historiadores o uso de preceitos retóricos para a constituição de sua

---

[46] MARROU, 1975, p. 424.
[47] {CÍCERO} *Retórica a Herênio*, I, 3.
[48] MARROU, *op. cit.*, p. 438; PLEBE, 1978, p. 68.
[49] MARROU, *op. cit.*, p. 438.
[50] Aristóteles, em uma passagem da *Retórica*, situa o conhecimento do passado no campo da política. Isto porque considera que aquele que legisla ou delibera deve ter ciência dos fatos e realizações humanas através do conhecimento do passado: ARISTÓTELES. 1360a. – Ver também GINZBURG, 2002, p.47. O autor argumenta que a polêmica gerada pela célebre passagem da *Poética* (1451b) na qual Aristóteles define a Poesia por contraposição à História é, de certa maneira, infundada, já que, para Ginzburg, Aristóteles trata de historiografia na *Retórica* e não na *Poética*, pois o processo de construção da "prova" no discurso histórico antigo era fundamentado na lógica retórica, na persuasão.
[51] Sobre a utilidade e recomendação do uso de fatos históricos em um discurso oratório: ARISTÓTELES. *Retórica.* 1394a; {CÍCERO} *Retórica a Herênio*, I, 10; QUINTILIANO. *Instituições Oratórias*, X, 31.

narrativa.[52] A nossa preocupação aqui, em perceber a história na tradição retórica se faz necessária como um meio de fundamentar nosso método: identificar construções retóricas na narrativa dos *Anais* de Tácito com base em tratados de retórica antiga e, assim, procurar analisar qual o papel que as personagens femininas desempenham na construção da imagem do imperador.

Corrobora nossa proposição, a concepção de história formulada por Cícero, na mui famosa definição da *historia magistra uitae,* presente na obra *De oratore*. Citamos a passagem: "Quanto à História, testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, mensageira da Antiguidade, que outra voz a confia à eternidade, senão a do orador?" (*Historia uero testis temporum, lux ueritatis, uita memoriae, magistra uitae, nuntia uetustatis, qua voce alia nisi oratoris immortalitati commendatur?*).[53] Podemos perceber que Cícero não escreve sobre a história visando à escrita da história. Ele escreve particularmente para os oradores. No contexto em que Cícero escreveu, a voz do orador era essencial para a completude da história. Como nos lembra Hartog: "Para Cícero, a história, para ser verdadeiramente escrita, para não ser simples *narratio*, necessita do orador".[54] Se a história era escrita para instruir, ensinar, era o orador quem deveria transmitir as lições, tornar a história útil.

Mas, apesar desta estreita relação entre história e retórica - ou entre a história e os gêneros próprios da retórica -, há de se atentar que a escrita da história guardava especificidades que a diferenciava de outras narrativas. Luciano de Samósata pondera que:

> Com efeito, os historiadores não escrevem como os oradores, já que o que há de ser dito existe e será dito (pois já aconteceu), bastando ordená-lo e dizê-lo. Desse modo, não devem buscar o que dizer, mas como dizê-lo.[55]

Luciano ressalta que os processos de *inuentio* e *dispositio*[56] – a busca e a disposição de argumentos na constituição de um discurso – não são o mesmo para o historiador e para o orador. Enquanto este último deve encontrar os argumentos para o

---

[52] Théon recomenda os exercícios retóricos para aqueles que pretendem se dedicar à História, já que esta é uma composição narrativa. Cf: Théon, 60.
[53] Cícero, *De oratore,* 2, 36. Utilizo aqui a tradução de Adriano Scatolin. Cf.: SCATOLIN, 2009, p. 201.
[54] HARTOG, 2001, p.181.
[55] Luc. *Como se deve escrever a História,* 50.
[56] O autor anônimo da *Retórica a Herênio* define *inuentio* e *dispositio* da seguinte forma: "Invenção é a descoberta de coisas verdadeiras ou verossímeis que tornem a causa provável. Disposição é a ordenação e distribuição dessas coisas: mostra o que deve ser colocado em cada lugar." (*Inuentio est excogitatio rerum uerarum aut ueri similium, quae causam probabilem reddant. Dispositio est ordo et distributio rerum, quae demonstrat, quid quibus locis sit conlocandum*). (*Retórica a Herênio,* I, 3)

discurso, o historiador já os tem, ou seja, os argumentos do historiador são os acontecimentos. Ao historiador cabe a tarefa de ordenar e narrar os fatos seguindo os preceitos retóricos necessários.

Sabemos que a verdadeira utilidade da história, para os antigos (Gregos e Romanos) não se fundava na ideia da concepção de um relato completo dos acontecimentos, mas sim no relato dos acontecimentos memoráveis. Acontecimentos que se sobressaem ou por apresentar um caráter grandioso ou torpe. Tácito, no capítulo 65 do Livro III, indica ser este o objetivo dos *Anais*:

Exsequi sententias haud institui nisi insignes per honestum aut notabili dedecore, quod praecipuum munus annalium reor ne uirtutes sileantur utque prauis dictis factisque ex posteritate et infamia metus sit.[57]	Resolvi que não deveria expor opiniões, senão as mais insignes por seu caráter louvável (ou por notável opróbrio), pois creio ser esse o principal benefício destes meus *Anais*: que as virtudes não sejam silenciadas e que, mediante os fatos e ditos viciosos aqui rememorados, causemos temor à posteridade e à própria infâmia.

Tão importante quanto relatar os acontecimentos memoráveis, seria relatar as suas causas, ou seja, inserir os fatos em cadeias causais.[58] Como ressalta Miriam Griffin, causalidade histórica para os historiadores antigos estava relacionada com intenções humanas, assim como motivações e decisões.[59] Ademais, descrevendo personagens e suas respectivas ações, o historiador poderia cumprir o seu ofício de instruir fornecendo modelos de conduta.

A ênfase na personagem na narrativa histórica representa também um sintoma da vinculação entre história e gênero biográfico. Segundo Daitz, há uma tendência na historiografia romana em direção à biografia.[60] Esta tendência é explicada pelo fato de que na visão dos historiadores romanos, as personalidades desencadeavam os eventos. Stadter, em um artigo intitulado *Biography and History*, indentifica sete categorias de biografias antigas.[61] Destas, a mais importante para compreender a aproximação entre

---

[57] *Ann.* III, 65, 1.

[58] No Prefácio das *Histórias*, Tácito ressalta a importância de descrever as causas dos acontecimentos: "Mas, antes das outras coisas que decidi escrever, devo retroceder, para verificar qual o estado da Urbe, qual a moral do exército, quais as atitudes das províncias, o que em todo orbe da terra estava são e o que estava doente, a fim de que se conheçam não só as circunstâncias e os resultados dos acontecimentos, que na maior parte foram fortuitos, mas também sua disposição e suas causas." (*Ceterum atequam destinata componam, repetendum uidetur qualis status urbis, quae mens exercituum, quis habitus prouinciarum, quid in toto terrarum orbe ualidum, quid aegrum fuerit, ut non modo casus euentusque rerum, qui plerumque fortuiti sunt, sed ratio etiam causaeque noscantur.*) Tac. *Hist.*I, 4, 1; Tradução: HARTOG, 2001, p. 213.

[59] GRIFFIN, In: WOODMAN, 2009, p. 175.

[60] DAITZ, 1960, p. 31.

[61] STADTER, In: MARINCOLA, 2007, p. 529.

história e biografia seria a "biografia político-histórica" (historical/political biography). Stadter apresenta uma análise dos quatro principais autores deste sub-gênero de biografia: Cornélio Nepos, Tácito, Suetônio e Plutarco. Sabemos que Tácito escreveu a biografia de seu sogro, o general *Agrícola* (*De Vita Iulii Agricolae*), antes de iniciar a redação dos *Anais*. As categorias de biografias estabelecidas por Stadter não são categorias fixas, representam um instrumento para facilitar a análise. Considerando isto, Stadter situa a biografia *Agrícola* em duas categorias: 1) biografia de personalidades – políticos ou militares – biografados pouco tempo depois da morte (estas biografias tem, por vezes, formas de elogios funerais e possuem como foco a carreira política ou militar) e; 2) biografia histórica-política, gênero que biografia e história se encontram sobrepostos, tornando difícil a distinção entre os dois objetos próprios de cada um destes gêneros: sujeito X evento. Neste sentido, Stadter aponta elementos próprios da história presentes em *Agrícola* e considera que estes elementos são importantes para entender as obras posteriores e de caráter histórico de Tácito, na medida em que podemos perceber a maturação da ideia de história taciteana centrada no indivíduo. Exemplos de elementos próprios do gênero histórico presentes em Agrícola são: descrição geográfica da Bretanha (*Agr*. 10-11) e história da presença romana na província (*Agr*. 13-17). Para o autor, Tácito obteve êxito ao inserir elementos próprios do gênero histórico em sua biografia, pois fez isto sem perder de vista o foco no sujeito, ou seja, na trajetória de vida de Agrícola.

Além da influência da biografia, devemos também considerar as influências de outros gêneros literários, que provavelmente fizeram parte dos estudos de Tácito, em sua formação oratória. Daitz indica a influência da sátira, principalmente no que diz respeito à preocupação em evidenciar os defeitos da personalidade daquele que representa o tema central da narrativa.[62] Mas como ressalta este autor, é impossível ter conhecimento exato de quais e em que medida outros gêneros literários influenciaram a narrativa dos *Anais*.[63] Entretanto, é possível distinguir *topoi* retóricos na narrativa taciteana. Considerando ser este um exercício válido para a compreensão das personagens femininas como recurso retórico de caracterização de outros personagens, principalmente do imperador Nero, discutiremos adiante algumas questões sobre métodos retóricos de caracterização de personagens relacionando-as com a constituição de exemplos na narrativa.

---

[62] DAITZ, 1960, p. 30.
[63] *Ibidem*, p. 31.

No segundo proêmio dos *Anais*, Tácito explicita qual função exercia o fornecimento de exemplos em uma narrativa histórica, veremos a segunda parte da digressão:

Nam cunctas nationes et urbes populus aut primores aut singuli regunt; delecta ex iis et consociata rei publicae forma laudari facilius quam euenire, uel, si euenit, haud diuturna esse potest . Igitur, ut olim plebe ualida uel cum patres pollerent, noscenda uulgi natura et quibus modis temperanter haberetur, senatusque et optimatium ingenia qui maxime perdidicerant callidi temporum et sapientes credebantur, sic, conuerso statu neque alia re romana quam si unus imperitet, haec conquiri tradique in rem fuerit, quia pauci prudentia honesta ab deterioribus, utilia ab noxiis discernunt, plures aliorum euentis docentur.[64]

Todas as nações, pois, e Cidades as governam o povo ou os principais cidadãos ou um só. Uma forma de governo escolhida e composta a partir destes é mais fácil de se louvar do que se produzir ou, se porventura vier a se produzir, não será capaz de perseverar por longo tempo. Portanto, assim como outrora o poder estava com a plebe violenta ou como eram os senadores que dominavam, devia-se conhecer a natureza do vulgo e por quais modos moderadamente considerá-la; e aqueles que eram capazes de conhecer inteiramente o caráter do Senado e dos aristocratas eram tomados por homens sábios e versados nas coisas dos tempos. Assim também, tendo agora mudado o estado de coisas e não sendo o Estado romano outra coisa que se um só homem governasse, estes exemplos narrados e aqui reunidos serão úteis, haja vista que poucos, por prudência, são capazes de discernir as coisas honestas das vis; as úteis, das nocivas, muitos, porém, aprendem com os eventos alheios.

Está implícita nesta passagem, qual seria o ofício do historiador: conhecer a natureza do poder, e consequentemente o caráter de quem detinha o poder e transmitir seu conhecimento em forma de exemplos. É o que Fábio Joly explica com estas palavras:

> Ao historiador cabe fornecer a seus leitores ações de personagens históricos que primam tanto pela grandeza positiva quanto pela negativa, a fim de que tenham referenciais para suas próprias ações. Ao elencar exemplos de conduta que sejam malignos e prejudiciais, espera que o leitor adote a postura contrária, o caminho do bom e do honesto.[65]

Notamos que Tácito trata de três formas de governo na digressão: democracia, aristocracia e monarquia. O autor afasta a ideia de uma forma mista de governo que comporta estes três elementos, pois apesar de ser louvável, não é duradoura. Tácito passa então a considerar o duo República e Império e indica que, para cada forma de governo, há uma narrativa histórica, que se conforma a cada período e tem particular

[64] *Ann*., IV, 33, 1-2.
[65] JOLY, 2001, p. 39.

utilidade.[66] Enquanto na república era importante conhecer o caráter dos senadores e da aristocracia, sob o império era não menos importante conhecer o caráter do primeiro dos cidadãos, o *princeps*.

Ter conhecimento do caráter de quem detinha o poder poderia se tornar também uma forma de poder. Demonstrando o verdadeiro caráter do imperador e fornecendo modelos de conduta para as pessoas que o cercam, Tácito estaria também ensinando como sobreviver sob uma tirania.

Um dos principais sentidos do *exemplum* na narrativa histórica é estimular a emulação. Tácito, em outra digressão, no livro III, ressalta que o desejo de imitar o príncipe é, para o próprio príncipe, fonte de poder inigualável. E indica que Vespasiano, por ter sido um ótimo príncipe, inspira a emulação.

Sed praecipuus adstricti moris auctor Vespasianus fuit, antiquo ipse cultu uictuque. Obsequium inde in principem et aemulandi amor ualidior quam poena ex legibus et metus.[67]	Vespasiano, porém, foi especial disseminador de costumes mais austeros, ele próprio, tanto à mesa quanto no modo de se vestir, comportava-se à maneira dos antigos. Desde então, a submissão em relação ao Príncipe e o amor por emulá-lo passam a ser mais poderosos do que o castigo pelas leis e o medo.

A exemplaridade é uma característica fundamental da escrita da história em Roma, que a faz distinguir de outras. Como exemplo, citamos argumentos de Wiedemann.[68] Para este autor, a importância dos *exempla* na historiografia romana pode ser entendida através de uma comparação entre o pensamento político grego e romano. Wiedemann argumenta que, apesar do intenso uso da retórica grega, os romanos não utilizavam, com frequência, na historiografia, conceitos de teoria política grega. Nas palavras do autor:[69]

> Enquanto os esquemas teóricos redigidos pelos Gregos poderiam ser explorados pelos escritores romanos – a tríplice categorização de constituições como monarquia, aristocracia e democracia, e a ideia de que existia uma tendência natural de estarem separadas uma das outras – eles fazem pouco uso de tais teorias em explicações ou organizações do desenvolvimento político de Roma. Até em textos nos quais se tem o uso da retórica e teoria grega, exemplificação é crucial.[70]

---

[66] JOLY, 2001, p. 38.
[67] *Ann*. III, 55, 4.
[68] WIEDEMANN, In: ROWE, 2008, p. 517-531.
[69] Todas as traduções de citações em inglês para a língua portuguesa são de minha autoria. Os trechos, em sua língua original, se encontram disponíveis nas notas de rodapé.
[70] WIEDEMANN, *op. cit.*, p. 519-520. "While the theoretical schemata drawn up by Greek speculation may be exploited by Roman writers – the tripartite categorization of constitutions as monarchy/ aristocracy/ democracy, the idea that there was a natural tendency to slip from one into another – they

A narrativa dos *Anais* exemplifica bem esta ideia. Vimos que Tácito inicia a digressão do livro IV com uma pequena discussão sobre as possíveis constituições de uma República, mas logo passa para a questão da utilidade da exemplaridade.

Wiedemann enfatiza que o contraste entre pensamento político grego – de caráter aparentemente teórico – e romano pode ser percebido através da importância atribuída ao sentido prático do *exemplum.* Este sentido prático está pautado no que já referimos: a capacidade de instrução dos *exempla.* Porém, tal contraste revela um paradoxo: os discursos que narram os *exempla* são compostos a partir dos preceitos da retórica grega.[71] Neste sentido, o autor questiona qual seria a capacidade da audiência de identificar a utilização de preceitos retóricos e teoria política em um discurso - neste caso, em um discurso historiográfico:

> Como a oratória, a narrativa histórica – descrita por Cícero como 'o tipo mais retórico de escrita'(*Leg.* 1.5) – reflete ideias e pressupostos da política romana, mas apresenta-os por meio do uso de um pesado arsenal retórico, provido pelos Gregos. Isto deixa o estudioso moderno, que analisa um discurso em uma obra de história latina, com o problema de avaliar justamente o quanto de condicionamento retórico e de teoria política deveria ser deduzido por determinada audiência, até para assumirmos que existia alguma relação, de alguma forma, entre o texto do historiador e a realidade histórica.[72]

O autor chama atenção para este problema da relação entre autor e audiência tendo em vista análises modernas equivocadas. Estudos que procuram identificar os meios constitucionais pelos quais governantes exerceram poder, minimizando a importância da exemplaridade para a sociedade romana. Desta forma, Wiedemann indica que: "tal especulação é relevante somente para preocupações modernas sobre constitucionalidade;"[73] e enfatiza que: "O sistema político era julgado não com referência a constituição ou a um ideal constitucional, mas com referência aos *exempla*, providos pelo seu melhor representante."[74] Deste modo, entendemos que, mesmo

---

make little use of such theories in explaining or ordering the political development of Rome. Even in texts which do make use of Greek rhetoric and theory, exemplification is crucial."

[71] WIEDEMANN, In: ROWE, p. 518.

[72] *Ibidem*, p. 518-519. "Like oratory, historical writing –described by Cicero as 'the most rhetorical type of writing' (*Leg*. 1.5) – reflects Roman political ideas and presuppositions, but presents them in forms which draw heavily on the arsenal provided by Greek rhetoric. This leaves the modern scholar analyzing a speech in a Latin history with the problem of assessing just how much of the rhetorical packaging and the political theory would have been discounted as such by a Roman audience, even if we assume that there was any relationships at all between the historian's text and historical reality."

[73]*Ibidem*, p.521. "such speculation is really relevant only to modern-day concerns about constitutionality"

[74]*Ibidem*, p.521. "The political system was judged not with reference to a constitution or ideal constitutional ideal, but with reference to the *exempla* provided by its greatest player."

considerando a impossibilidade de saber com exatidão qual o nível de capacidade de uma audiência em decodificar preceitos retóricos e conceitos de teoria política em um determinado discurso, pressupõe-se que *exempla* cumpriam um papel importante na transmissão de sentido, na medida em que era a partir deles que a audiência fazia julgamentos.

Ademais, os *exempla* apresentam estreita relação com a noção de indivíduo presente na historiografia antiga. A centralidade do indivíduo na historiografia romana está relacionada com a exemplaridade, ou seja, a função que o *exemplum* exerce na sociedade. Wiedemann indica que os historiadores romanos concebiam as mudanças políticas, como a mudança do regime republicano para o imperial, fundamentalmente em termos de divisão de poder entre indivíduos e não em termos de mudanças constitucionais.[75] O autor ressalta que isto não significava que eles não percebiam a diferença entre República e Principado: um aspecto que provavelmente foi evidente para eles com relação a esta mudança foi o deslocamento do centro de decisão política do Fórum para a casa imperial (*Domus Caesaris*).

Desta forma, além de serem modelos de conduta que forneciam orientação, os *exempla* serviam de base para avaliações de eventos do presente. Ou seja, ações perpetradas no passado e que se tornavam *exempla*, eram utilizadas para julgamentos de ações ocorridas no presente. Veremos, adiante no texto, como se davam estas avaliações tendo em vista a produção de *exempla* no discurso exemplar. Por hora, devemos atentar para o seguinte: *exempla* possuem caráter moral, na medida em que deve fornecer subsídios para o julgamento de determinada ação. Nas palavras de Wiedemann:

> Uma consequência era que comportamento político não poderia estar divorciado de julgamento moral: se a principal função de um precedente é legitimar propostas para ações atuais (e também seus proponentes), então *exempla* não teriam valor ao menos que fossem bons ou maus.[76]

Neste sentido, os *exempla* ganham importância quando explicitam valores positivos ou negativos, de forma que, incitando uma avaliação, inspirem a imitação ou o vitupério. Para alcançar tais efeitos, no leitor ou ouvinte de uma narrativa histórica, o historiador, assim como o orador, deveria levar em consideração certos preceitos retóricos. Deste modo, veremos o que ensina o autor anônimo da "Retórica a Herênio":

---

[75] WIEDEMANN, In: ROWE, 2008, p. 521.

[76] *Ibidem*, p. 522. "One consequence was that political behaviour could not be divorced from moral judgment: if the principal function of a precedent is to legitimate proposals for current action (and their proposers), then *exempla* have no value unless they are either good or bad."

Veri similis narratio erit, si, ut mos, ut opinio, et natura postulat, dicemus; si spatia temporum, personarum dignitates, consiliorum rationes, locorum opportunitates constabunt, ne refelli possit aut temporis parum fuisse, aut causam nullam, aut locum idoneum non fuisse, aut homines ipsos facere aut pati non potuisse. Si uera res erit, nihilominus haec omnia narrando conseruanda sunt; nam saepe ueritas, nisi haec seruata sint, fidem non potest facere. [77]

A narração será verossímil se falarmos como o costume, a opinião e a natureza ditam, se nos ativermos à duração do tempo, à **dignidade dos personagens**, aos motivos das decisões e às oportunidades do lugar (...). Se a matéria for verdadeira, ainda assim, todos esses preceitos devem ser observados ao narrar, pois é comum acontecer de a verdade não conseguir obter a fé quando são negligenciados.

O autor enumera alguns preceitos retóricos essenciais para o orador alcançar a verossimilhança na narrativa. A negligência destes, por parte do autor, pode incorrer na inverossimilhança, o que leva à descrença por parte do leitor ou ouvinte. Importante notar que o autor enfatiza que mesmo "se a matéria for verdadeira" é preciso observar certas regras. Ou seja, alcançar a verossimilhança não é produto apenas do que se narra, mas especialmente das opções que se opera para a construção da narrativa.

Importante notar também que um dos preceitos é se fixar na "dignidade dos personagens." No final do livro IV, o autor enumera e define vários "ornamentos de sentenças", destes, destacamos dois, os quais guardam estrita relação com a caracterização de personagens em uma narrativa, são estes: a sermocinação (*sermocinatio*) e a notação (*notatio*). O primeiro, o autor define como: "discurso acomodado à dignidade de certa personagem".[78] Deste modo, o uso deste ornamento consiste em atribuir falas que visam demonstrar o caráter da personagem. Através da sermocinação o orador poderia dar mais intensidade (descritiva) à caracterização da personagem. Já a notação é definida da seguinte maneira: "A notação é a descrição da natureza de alguém pelos sinais distintivos que, como marcas, são atributos daquela natureza" (*Notatio est cum alicuius natura certis describitur signis quae, sicuti notae quaedam, naturae sunt adtributa*).[79] O autor ressalta que as caracterizações, através do uso da notação, são importantes na medida em que permitem ao orador criar ou fornecer uma imagem:

Huiusmodi notationes, quae describunt, quod consentaneum sit unius cuiusque naturae, uehementer habent magnam delectationem: totam enim naturam cuiuspiam ponunt ante óculos, aut gloriosi, ut nos exempli causa

Caracterizações desse tipo, que descrevem o que é conforme à natureza de cada um, trazem, forçosamente, muito deleite, pois dão a ver tudo o que é característico de alguém, seja um vanglorioso, um invejoso, um

[77] {CÍCERO} *Retórica a Herênio*, 1, 16.
[78] *Ibidem*, IV, 55. "(...) *personae oratio adcommodata ad dignitatem* (...)"
[79] *Ibidem*, IV, 63.

coeperamus, aut inuidi aut tumidi aut auari, ambitiosi, amatoris, luxuriosi, furis, quadruplatoris; denique cuiusuis studium protrahi potest in médium tali notatione.[80]

soberbo, um cobiçoso, um adulador, um amante, um dissoluto, um ladrão, um delator, enfim, com a notação, as inclinações de quem quer que seja podem ser exibidas aos olhos de todos.

Trataremos a imagem criada através de mecanismos retóricos de caracterização de personagens como um 'retrato'. A palavra retrato deriva do verbo *retraho,* que significa 'retirar'. Em uma narrativa, um autor retira argumentos da pessoa para compor a personagem. No ato de retirar os argumentos o autor visa uma unidade, um decoro. Vejamos o que diz Quintiliano, no livro V das *Instituições oratórias*:

> *In primus igitur argumenta saepe a persona ducenda sunt, cum sit, ut dixi, divisio ut omnia in haec duo partiamur, res atque personas, ut causa tempus locus occasio instrumentum modus et cetera rerum sint accidentia. Personis autem non quidquid accidit exequendum mihi est, ut plerique fecerunt, sed unde argumenta sumi possunt. Ea porro sunt: genus, nam similes parentibus ac maioribus suis plerumque creduntur, et nonnumquam ad honeste turpiterque vivendum inde causae fluunt; natio, nam et gentibus proprii mores sunt nec idem in barbaro, Romano, Graeco probabile est; patria, quia similiter etiam civitatium leges instituta opiniones habent differentiam; sexus, ut latrocinium facilius in viro, veneficium in femina credas; aetas, quia aliud aliis annis magis convenit; educatio et disciplina, quoniam refert a quibus et quo quisque modo sit institutus; habitus corporis, ducitur enim frequenter in argumentum species libidinis, robur petulantiae, his contraria in diversum; fortuna, neque enim idem credibile est in divite ac paupere, propinquis amicis clientibus abundante et his omnibus destituto (condicionis etiam distantia est: nam clarus an obscurus, magistratus an privatus, pater an filius, civis an peregrinus, líber an servus, maritus an caelebs, parens liberorum an orbus sit, plurimum distat); animi natura, etenim avaritia iracundia misericordia crudelitas severitas aliaque his similia adferunt fidem frequenter aut detrahunt, sicut victus luxuriosus an frugi an sordidus quaeritur; studia quoque, nam rusticus forensis negotiator miles navigator medicus aliud atque aliud efficiunt.*
>
> 23. Assim, em primeiro lugar, os argumentos devem ser amiúde extraídos da pessoa, visto que, como eu já disse, dividimos todos eles em duas partes: a primeira, relativa às matérias e a segunda, às pessoas, de modo que a causa, o tempo, o lugar, a ocasião, o instrumento, o modo, etc. sejam consequência das ações. Entretanto, não devo tratar tudo que sucede às pessoas, tal como fez a maioria dos autores, mas só aquilo de que se podem retirar argumentos. 24. Ei-los: origem, pois quase sempre os filhos julgam-se semelhantes aos pais e aos antepassados e por vezes é disto que emanam as razões de viver honesta ou torpemente; nação, pois os povos têm seus próprios costumes e não é provável que o mesmo costume exista num bárbaro, num romano ou num grego; 25. pátria, porque de igual modo também nas civilizações as leis, as instituições e as opiniões têm diferença; sexo, pois se crê que assim como o latrocínio é mais provável num homem, assim também o

[80] {CÍCERO} *Retórica a Herênio,* IV, 65.

> envenenamento é à mulher; idade, pois uns comportamentos se ajustam mais a algumas idades, outros a outras; educação e instrução, já que é importante saber por quem e por que meio cada um foi educado. 26. constituição física, pois a beleza é frequentemente tomada como argumento da libidinagem; a força, como argumento da arrogância, assim como analogamente seus contrários; riqueza, pois é improvável esperar o mesmo de um homem rico e de um pobre, de alguém cheio de parentes, amigos, clientes e de alguém destituído de tudo isso. Há ainda a diferença de condição, pois é muito divergente se alguém é ilustre ou desconhecido, se é magistrado ou cidadão, se é pai ou filho, se é romano ou estrangeiro, se é livre ou escravo, se é casado ou solteiro e se tem filhos ou não; 27. Natureza do ânimo: com efeito, a cobiça, a cólera, a severidade e outros [caracteres] semelhantes a estes, amiúde, inspiram credibilidade ou a retiram, assim como quando se questiona se os hábitos de alguém são excessivos, moderados ou miseráveis. Importam também os ofícios, pois o camponês, o defensor, o negociante, o soldado, o marujo e o médico desempenham atividades muito diferentes entre si.[81]

Deste modo, percebemos que a composição de personagens em uma narrativa histórica está estritamente relacionada com práticas retóricas. A verossimilhança, relacionada ao caráter verdadeiro de uma narrativa, é produto de um decoro. Ou seja, o autor adéqua certos mecanismos retóricos ao gênero que narra. Neste sentido, a caracterização de personagens em uma narrativa histórica também obedece a um decoro, o autor 'retira' argumentos das pessoas e acontecimentos, constituindo, assim, retratos de caráter exemplar.

Métodos retóricos de caracterização de personagens a partir de 'argumentos' são muito utilizados por Tácito. O historiador associa características físicas a características relativas à personalidade. Além disso, amplifica a descrição da personagem através do uso de estereótipos retóricos.[82] O uso destes dispositivos retóricos se faz evidente quando identificamos na narrativa taciteana um método denominado "descrição direta". Este método foi estudado por Stephen Daitz e, segundo este autor, por ser um método muito comum e ter muitas variações, possui definição ampla.[83] Consiste basicamente em uma descrição da personagem, que deixa transmitir de maneira direta (mas nem sempre de forma clara) características da personagem descrita. Daitz indica três tipos de "descrição direta" utilizadas por Tácito: (1) descrição feita pelo narrador, (2) descrição feita por um personagem da narrativa, de modo que uma personagem descreve a outra e

[81] Quintiliano, *Instituições oratórias*, V, 10, 23-27. (Tradução de Alexandre Agnolon)
[82] Definiremos estereótipo retórico no segundo capítulo.
[83] DAITZ, 1960, p. 30-52.

(3) descrição de uma personagem através das próprias palavras da personagem.[84] A maneira como Tácito utiliza da descrição direta para descrever as suas personagens torna evidente um traço distintivo na narrativa taciteana: o foco na personalidade da personagem, sua natureza e seu caráter. Outro método descritivo muito utilizado por Tácito é o "contraste". Consiste, simplesmente, na comparação de duas personagens. O autor faz uso deste dispositivo para destacar um aspecto da personagem, efetivando assim sua caracterização.

O método do contraste nos é particularmente importante. Pois notamos que Tácito utiliza de muitas personagens femininas para caracterizar outras personagens, contrastando-as com estes. O comportamento das personagens femininas é, muitas vezes, demonstrado em forma de contraste com o comportamento masculino, evidenciando assim uma característica, vício ou virtude, de determinada personagem masculina. Mas percebemos que o contraste também se dá na caracterização de personagens femininas contrastadas a outras personagens femininas. As atitudes de algumas mulheres são contrastadas com as de outras, de maneira a tornar evidente um certo comportamento, vicioso ou virtuoso.

Há um ponto importante a ser destacado sobre o método do contraste. Este método nos permite averiguar a validade de conceitos que regem as relações sociais presentes na narrativa dos *Anais.* Por exemplo, a relação entre o comportamento feminino e o masculino. Muitas vezes, a simples oposição entre o masculino e feminino não é suficiente para compreender algumas contraposições de comportamentos estabelecidas na narrativa dos *Anais*. Pois outros tipos de relações perpassam este campo e se fazem fundamentais. A principal delas é a relação de servidão. O comportamento feminino assemelha-se, muitas vezes, ao do escravo. Neste sentido, é impossível perceber modelos de comportamentos femininos sem levar em consideração as características da conduta de natureza servil.

Retomamos agora a discussão sobre o caráter exemplar de personagens inseridas em uma narrativa histórica. Como já dissemos, os retratos compostos por Tácito em sua narrativa têm caráter exemplar. Vimos alguns preceitos retóricos que fundamentam a constituição de personagens como *exempla.* Procuraremos, então, definir o *exemplum*, segundo o discurso exemplar.

---

[84] Daitz não cita os termos da retórica em seu estudo. Mas presumimos que os métodos de descrição 1 e 3 se referem aos ornamentos supracitados: notação e sermocinação.

Consideramos que a exemplaridade é o princípio fundamental da *historia magistra uitae.* Neste contexto, uma personagem adquire preponderância por ser capaz de representar, ela mesma, um *exemplum.* Consideramos que todas as personagens da narrativa taciteana dos *Anais* foram dispostas de modo a propiciar a construção de *exempla.* Diante desta constatação, torna-se importante compreender o que é um *exemplum,* o que o define e qual sua utilidade. Antes de definir o *exemplum,* veremos algumas observações sobre a exemplaridade considerada como um discurso. Para isso, seguiremos o esquema proposto por Matthew Roller.[85] Em primeiro lugar, citaremos a definição, sugerida por este autor, da exemplaridade como discurso: "exemplaridade é um discurso, um sistema coerente (e amplo) de símbolos que organiza e representa o passado de um modo particular, e, por consequência facilita o conhecimento deste". [86]

A exemplaridade apresenta uma dinâmica fundamentada nos 'monumentos'. Podemos denominar 'monumentos' elementos que fazem referência a algum determinado *exemplum.* Tal referência deve ser capaz de trazer a ação comemorada à memória daquele que está inserido nesta dinâmica. Os monumentos podem ser de natureza material ou imaterial, podendo ser considerados como monumentos, por exemplo, estátuas, máscaras funerárias, moedas, medalhões, títulos, obras literárias, rituais ou outras performances. O monumento visa comemorar uma ação. Comemorar não apenas no sentido de festejar, mas também, e principalmente, no sentido de fazer recordar. O monumento tem por objetivo lembrar as ações e os agentes que as executaram e, para isso, uma *narratio* se torna importante. Para Matthew Roller, a narrativa é a forma primaz de monumento, e todas as formas monumentais requerem uma *narratio*, mesmo as formas monumentais não-narrativas - pois necessitam de narrativas que relatem a ação que tal monumento comemora.[87] Desta maneira, podemos concluir que todo monumento possui caráter narrativo, pautado no sentido do verbo *narro*: "dar a conhecer, tornar conhecido, narrar, expor". Como fazem parte de um discurso, os monumentos não estão isolados, eles podem reforçar ou complementar outros. Dentro deste contexto, uma narrativa histórica ganha importância como monumento expressivo. De natureza essencialmente narrativa, uma obra de história é

[85] ROLLER, In: FELDHERR, 2009, p. 214-231; ROLLER, 2004, p.1-56.
[86] *Idem*, 2009, p. 216. "exemplarity is a *discourse*, a (loosely) coherent system of symbols that organizes and represents the past in a particular way, and thereby facilitates a particular way of knowing it."
[87] *Idem*, 2004, p.10.

ela mesma um monumento, que adquire uma forma coletiva, por ser capaz de expor uma série de *exempla*.[88]

Uma ação e/ou um determinado agente é reconhecido como um *exemplum* através de 'monumentos'. Nas palavras de Matthew Roller:

> A ação, seu agente e o julgamento que ela sofreu são comemorados, e então feitos disponíveis para uma mais larga audiência de contemporâneos e pósteros, através de um ou mais monumentos, os quais defino como algum sinal capaz de chamar a ação à recordação de forma consciente: máscaras, nomes honoríficos ou títulos, estátuas, topônimos, templos, rituais e outras performances, narrativas historiográficas, etc.[89]

Para este autor, quando uma ação, depois de ser avaliada como positiva ou negativa, vem a se tornar um monumento, ela adquire caráter normativo. Desta forma, a ação, como um monumento, se apresenta investida (ou 'compartilha') de valores éticos e morais, transmite a ideia de um modelo moral disponível para a avaliação de seu valor, assim como do agente que a exerceu. Pode resultar desta avaliação uma possível emulação ou rejeição dos princípios morais transmitidos. A maneira como se dá a recepção dos valores pode garantir ou não a continuidade de um sentido de determinado *exemplum* através da criação (ou restauração) de novos monumentos.

A validade dos *exempla*, no tempo e no espaço, é determinada pelo que Koselleck denominou 'espaço de experiência'.[90] Ou seja, na dinâmica da exemplaridade há uma imediata apreensão dos valores transmitidos pelos *exempla*, pois a transmissão e a recepção operam num mesmo plano de valores éticos e morais, isto é, operam num mesmo espaço de experiência.[91]

O discurso exemplar conecta ações, audiências, valores e memória.[92] Roller destaca e enumera quatro elementos que considera como principais para entender estas

---

[88] Em uma perspectiva retórica, uma obra de história, como um monumento, é também um *exemplum*, disponível para emulação, como toda obra literária no período clássico.

[89]ROLLER, In: FELDHERR, 2009, p.217. "(The) deed, its performer, and the judgment(s) passed upon it are commemorated, and thus made available to wider audiences of contemporaries and posterity, through one or more "monuments", by which I mean any sign capable of summoning the deed to conscious recollection: scars, honorific names or titles, statues, toponyms, temples, rituals and other performances, narrative historiography, and so on."

[90] KOSELLECK, 1993, p. 42.

[91]Matthew Roller aponta para a diferença fundamental das duas formas de apreensão do passado, "exemplar" e "historicista": o passado do ponto de vista exemplar apresenta um espaço de experiência contínuo, de forma que há possibilidade de uma apreensão imediata de seu sentido pelos agentes do presente; enquanto que na forma historicista busca-se compreender o passado em seu "próprio contexto". O autor toma como base as concepções de Koselleck (supracitado), autor fundamental para o entendimento da crise da *historia magistra vitae* e o surgimento do conceito *historia (Geschichte).* (KOSELLECK, 1993, p. 41-66)

[92] ROLLER, 2004, p. 4.

conexões: ação, audiências, comemoração e imitação.[93] Sobre a ação, importante ressaltar que deve ser uma ação guiada por princípios éticos. As audiências são fundamentais na dinâmica da exemplaridade. Roller considera dois tipos de audiência: primária e secundária. A audiência primária consiste nas testemunhas da ação, que são as responsáveis por uma primeira apreciação da ação. A audiência primária avalia se a ação testemunhada é consequencial para a sociedade, e transformam o acontecimento em uma ação socialmente e eticamente significante. A partir daí, passa-se a comemorar a ação através de monumentos. A audiência secundária avalia o valor da ação através dos monumentos. O resultado da apreciação da audiência secundária nem sempre corresponde ao mesmo sentido atribuído à ação pela audiência primária. A comemoração visa trazer a ação à memória, e comemora não só a ação, como também a sua consequência para a sociedade e a avaliação ética feita pela audiência primária. Na comemoração, a audiência secundária vê a ação já constituída através do julgamento realizado pela audiência primária, ou seja, a ação então apresenta caráter normativo. A comemoração motiva a imitação. Quando um espectador, da audiência primária ou secundária, imita ou supera a ação a fim de adquirir glória similar, ou a rejeita (no caso de uma ação negativa), temos mais uma vez, uma ação guiada por princípios éticos que pode ser exposta como novo modelo disponível para imitação. Deste modo, a dinâmica exemplar demonstra dimensão cíclica, nas palavras de Matthew Roller, "ações geram outras ações."[94]

Uma ação e o sujeito que a desempenhou representam um *exemplum*, um modelo disponível para interpretação e orientação. Um *exemplum* não é algo estático e fechado. A produção e manutenção de sentidos do *exempla* denota uma disputa constante de interpretações. Um mesmo *exemplum* pode ser interpretado de maneira positiva segundo uma categoria ética, e de modo negativo por outra. Até mesmo aspectos de uma mesma ação podem demonstrar valores diferentes. Deste modo, a produção do discurso exemplar é baseada em contradições, instabilidades e contestações. Segundo Roller:

> Produzir um exemplo, então, é uma disputa constante para estabilizar ou desestabilizar uma interpretação particular do valor de uma ação, uma referência a um monumento, ou o sucesso de uma imitação, e

[93] ROLLER, 2004, p. 4-6.
[94] *Ibidem*, 2004, p. 6. "deeds generate other deeds"

> leituras alternativas ameaçam proliferar (ou de fato proliferam) a todo instante.[95]

Um último ponto importante a ser destacado sobre a produção do discurso exemplar é a comparação que pode ser estabelecida entre os *exempla*. Como já dissemos, um *exemplum* está baseado em princípios éticos, o que permite que ele seja compreendido dentro de um processo de descontextualização histórica. Neste sentido, no discurso exemplar, modelos do passado são utilizados como padrões de comportamento para julgar ações do presente. Deste modo, sentidos de *exempla*, produzidos em momentos distintos, podem ser comparados, de forma a reforçar uma determinada interpretação.

A compreensão da dinâmica exemplar se faz importante para entender algumas questões a respeito da caracterização de personagens na narrativa dos *Anais.* Como, por exemplo, esta noção de comparação. Vimos que Tácito teve como objetivo narrar ações passadas que avaliou como negativas a fim de exaltar o tempo presente. Ou seja, ele relatou os acontecimentos do período Júlio-Cláudio estabelecendo, implicitamente, uma comparação com as ações do período de Trajano. Mas Tácito não faz apenas uma comparação entre presente e passado que narra. Tácito também estabelece comparações, em sua narrativa, entre os imperadores da dinastia Júlio-Cláudia. Uma hipótese, é que ao cotejar as ações destes imperadores, Tácito traça uma linha de decadência que culmina em Nero.[96] Tais comparações têm como base um modelo: Augusto, o primeiro imperador da dinastia. Deste modo, Nero e todos os outros imperadores foram caracterizados por Tácito a partir de uma avaliação que teve como base o modelo protagonizado por Augusto. Ou seja, Tácito avaliou o presente estabelecendo uma comparação entre seu tempo e dois tempos passados: a concepção de Nero como um *exemplum* é feita a partir do contraste de *exempla,* entre Nero e todos os outros imperadores da sua dinastia e também entre estes e Trajano. A comparação estabelecida diretamente entre Nero e Augusto, é particularmente interessante. Em vários aspectos, Nero é tido como o reflexo inverso de Augusto. Ou seja, os vícios que Nero apresenta são as virtudes de Augusto de forma avessa. Desta maneira, a comparação entre estes dois imperadores faz tornar evidente as qualidades de Augusto e os vícios de Nero.[97]

---

[95] ROLLER, 2004, p. 7. "To produce an exemplum, then, is to struggle constantly to establish or disestablish a particular interpretation of an action's value, a monuments reference, or an imitator's success, and alternative readings threaten to (or do) proliferate at every instant."
[96] MARQUES, 2010, p. 44-57.
[97] MILNOR, 2005, p. 287.

Conclusão do capítulo 1:

Para concluir, buscaremos ressaltar os pontos mais importantes das questões tratadas neste primeiro capítulo.

De início, vale destacar dois aspectos relacionados à ideia de história presente nos *Anais.* Esta se encontra estritamente relacionada, primeiro, ao modo como Tácito enfatizou a caracterização de personagens em sua narrativa e, segundo, à forte presença de personagens femininas no relato. O primeiro aspecto se deve ao fato de que este historiador procurou demonstrar os efeitos da tirania sob um ponto de vista duplo, ou seja, através do relato do comportamento tanto de quem detinha o excesso do poder, o tirano, como daqueles que sofreram a perda da liberdade. Para dar conta de tal análise, Tácito fundou um método que privilegia o indivíduo, razão pela qual deu ênfase em caracterizações de personagens em sua narrativa. O segundo aspecto, a presença de personagens femininas nos *Anais*, é consequência do primeiro aspecto. Dando especial foco no indivíduo, Tácito demonstrou a importância das relações interpessoais na condução da política imperial. Com a mudança do regime político, da república para o império, a *Domus Caesaris* adquire preponderância como espaço onde público e privado se encontram imbricados. A narrativa taciteana tem como foco, em muitas partes do relato, acontecimentos que se passam neste espaço de confluência entre agentes diversos, como escravos, mulheres, senadores, militares e outros. Tácito reconhece esta particularidade de sua história, ou seja, reconhece que a matéria de sua história é diferente frente às obras de seus contemporâneos e predecessores. O historiador justifica sua obra em que pese o fato de sua matéria ser baixa. Isto não retiraria a utilidade de sua história, ou seja, o fornecimento de *exempla.* Deste modo, a presença de personagens femininas nos *Anais* se deve fundamentalmente à atenção que Tácito dá aos acontecimentos que se passam ao redor do imperador, acontecimentos relacionados aos membros da *Domus Caesaris*. Mas há também, outros motivos, que exploraremos mais adiante, que explicam a forte presença de mulheres na narrativa taciteana, como por exemplo, as funções, algumas de caráter político, exercidas por elas dentro da *domus* governante. As personagens femininas são fundamentais na compreensão da caracterização do imperador, quando exercem papel retórico na narrativa. Vimos que técnicas retóricas como ‘contraste’ são utilizadas para a caracterização do imperador e revelam como foram estabelecidas as interações entre personagens na narrativa taciteana.

Neste capítulo, procuramos traçar os principais preceitos retóricos que fundamentam a caracterização de personagens. O conhecimento de tais preceitos nos será particularmente útil para a análise da fonte, na medida em que, no segundo capítulo, procuraremos identificá-los e exemplificá-los e desta maneira analisar o seu efeito na narrativa dos *Anais.*

Dois conceitos se fizeram importantes para uma compreensão inicial sobre a caracterização de personagens nos *Anais*, são estes: *retraho* e *exemplum*. Com base em tratados retóricos, principalmente a *Retórica a Herênio*, vimos que personagens são constituídas a partir de argumentos retirados das pessoas que se busca representar na narrativa. Tal representação, que consideramos como um 'retrato', é composta a partir de um decoro que visa à verossimilhança. Caracterizações de personagens na narrativa tacitena se dão através de descrições diretas, onde se percebe o uso de *notatio* e *sermocinatio,* e também através do relato de ações que revelam o caráter da personagem. Dado o sentido exemplar tanto das personagens como do relato das ações perpetradas por estas, buscamos compreender o *exemplum* a partir de elementos que fundamentam o discurso exemplar. Deste modo, vimos que a produção de *exempla* pode ser entendida por meio de uma dinâmica de dimensão cíclica, onde ações exemplares geram outras ações exemplares através da produção de monumentos, comemorações e imitações. *Exempla* são modelos de cunho ético e moral disponíveis para orientação, e podem ser entendidos dentro de um processo de descontextualização histórica na medida em que monumentos que fazem referências a ações passadas são interpretados e reinterpretados ao decorrer do tempo. As várias interpretações e contestações sobre um mesmo *exemplum* revelam a disputa constante que envolve a produção de sentidos destes. Ademais, a exemplaridade denota a forma de consciência histórica dos antigos, o modo como percebiam o passado, e a importância atribuída ao *mos maiorum*. No contexto exemplar, a comparação entre *exempla* era fundamental para a criação e manutenção de sentidos. Deste modo, entendemos que Tácito estabeleceu comparações entre os imperadores da dinastia Júlio-Cláudia. Os contrastes entre comportamentos na narrativa taciteana são fundamentais para compreender como Tácito buscou criar uma imagem de cada um desses imperadores, pois estas comparações, tomadas como recurso retórico, evidenciam vícios ou virtudes que visam caracterizar as personagens em contraste. O historiador estabelece comparações que envolvem comportamentos de várias naturezas, ou seja, de vários agentes, como por exemplo, homens, mulheres, escravos, senadores e imperadores. Neste sentido, perpassam, nestas comparações,

diversos tipos de relações sociais e políticas. Tais comparações pressupõe modelos de comportamentos fechados, que conecta a natureza do agente com uma certa expectativa de conduta. Mas, veremos que existe um fator que torna tal fórmula (natureza+conduta) complexa. Este fator é o que chamaremos de 'inversões de comportamentos'. Por vezes, Tácito retrata certos agentes agindo a partir de uma moral que não corresponde à sua natureza. Dentre outras questões que procuraremos explorar na próxima parte do texto, buscaremos identificar o efeito de comparações e inversões de comportamentos estabelecidas na narrativa dos *Anais*, principalmente no que diz respeito à conduta das mulheres.

2. A *Domus Caesarum* e as mulheres da Dinastia Júlio-Cláudia

Neste capítulo estudaremos questões relativas à presença de personagens femininas nos *Anais*, dando ênfase às funções das mulheres dentro da *Domus*, principalmente da *Domus Caesarum* no período Júlio-Cláudio. Trabalharemos neste capítulo, ainda, problemas relativos à representação da influência das mulheres na política e, neste sentido, como se dava o uso de estereótipos retóricos na constituição dos retratos das personagens femininas na historiografia romana. No decorrer do texto, analisaremos algumas personagens femininas dos livros I ao VI e XI e XII dos *Anais*, ou seja, dos livros referentes ao relato dos acontecimentos do principado de Tibério e de Cláudio. O objetivo, nesta parte do texto, em tratar das personagens femininas dos livros referentes aos principados de Tibério e Cláudio é perceber, de forma mais geral, o modo como as personagens femininas foram caracterizadas e utilizadas como dispositivo retórico em toda a narrativa dos *Anais.* Desta forma, compreenderemos como Tácito fez uso de personagens femininas como recurso retórico para alcançar diversos efeitos na narrativa em diferentes pontos desta. Procuraremos identificar estes efeitos através de uma análise das interações estabelecidas entre as personagens. Deste modo, veremos como algumas personagens femininas auxiliaram na caracterização de outras personagens, notadamente, dos imperadores.

Um primeiro fator que explica a presença das personagens femininas nos *Anais* é a própria exemplaridade. As personagens femininas, todas elas, denotam aspectos da exemplaridade na narrativa taciteana. Como já dissemos, muitas delas auxiliam na composição de um *exemplum*, na medida em que representam um recurso retórico. Mas elas também podem ser, elas mesmas, *exempla*.

Um segundo fator seria o nível de proximidade delas com os personagens masculinos da narrativa. Muitas vezes elas aparecem associadas a homens da *domus* a que pertenciam, especialmente da *domus* governante, tratada aqui como *domus Caesarum* (Casa dos Césares). Acontecimentos que se passam dentro da *domus Caesarum* ou relativo aos integrantes desta representam o foco principal da narração taciteana.

2.1. A *domus Caesarum*

Antes de partir para uma análise das mulheres da *Domus Caesarum* no período Júlio-Cláudio, veremos definições de alguns conceitos que se fazem importantes em nosso estudo, são estes o próprio conceito de *domus*, e também os conceitos de *familia* e *gens*. Estes três termos possuem definições que se encontram interligadas, apresentam semelhanças, porém também apresentam diferenças essenciais. Segundo Richard Saller, em estudo que procura definir *familia* e *domus* a partir de uma análise do uso destes termos na literatura romana, identifica quatro significados da palavra *domus*: 1.casa, no sentido da estrutura física, 2.residentes de uma casa, incluindo família e escravos, 3.um largo grupo familiar incluindo agnatos e cognatos, ancestrais e descendentes e 4.patrimônio.[98] Todas estas acepções estão presentes nos *Anais* de Tácito. Os significados de *domus*, em alguns casos, estão imbricados e, deste modo, pode acontecer deste termo apresentar, em uma única ocorrência, uma ou mais de suas acepções.[99] A primeira acepção, por exemplo, pode ser identificada em seis capítulos dos *Anais*: XIII,18; XV, 38, 41, 43, 50 e 52. O segundo significado de *domus* guarda estrita semelhança com um dos significados da palavra *familia*. O termo *familia*, em latim, é essencialmente diferente de 'família', em português ou mesmo do termo 'family', em inglês. Como nota Saller, a palavra *familia* aproxima-se da nossa concepção moderna de família apenas em um sentido jurídico. Ou seja, a definição de *familia* que mais se aproxima de nossa concepção de unidade familiar 'pai, mãe e filhos' seria uma definição que para os romanos era de uso jurídico. Neste sentido, *familia* consistia em todas as *personae* que viviam sob a *potestas* de um *paterfamilias*, incluindo a *materfamilias*, filhos, filhas, netos, netas e filhos adotados. Esta definição de *familia*, presente no *Digesto* de Ulpiano considera a existência de uma linha agnática e, deste modo, não compreendia parentes cognatos.[100] Contudo, Saller nota registros, não muito frequentes, do uso do termo *familia* de modo que inclui parentes cognatos, mas ressalta que: "No geral, não há uma boa evidência de que os romanos consideravam

[98] SALLER, 1994, p. 80.
[99] *Ibidem*, p. 86-87.
[100] Sobre a definição de *familia* segundo o Digesto de Ulpiano, recomendamos: GRUBBS, 2002, p.17-20. Grubbs, em seu estudo, fornece uma tradução do trecho do Digesto que contém esta definição (50.16.195.1) seguida de comentários da autora. Para mais informações sobre a família romana, inclusive sobre definições ao longo da historiografia recente, ver o primeiro capítulo de DIXON, 1992. Ver também, para uma definição de *familia* relacionada ao tema da sucessão, CROOK, 1967, p. 98-106.

parentes cognatos como sendo parte de suas *familiae*".[101] E, neste sentido, o autor afirma que o uso do termo *domus* era muito mais frequente para designar uma unidade familiar, no sentido de residentes de uma casa (não necessariamente de uma mesma casa) que se encontram unidos por agnação ou cognação do que o próprio termo *familia*, o que nos leva ao sentido de *domus* como definido acima, na acepção de número três.[102] Como a palavra *familia* está relacionada com o agnatício, ela pode, por vezes, apresentar significado equivalente ao de *gens.* Uma *gens* pode ser definida por um grupo de indivíduos que advém de uma linhagem masculina e que compartilham um mesmo *nomen.* Uma família, por sua vez, compartilha de um mesmo *cognomen.* O termo *familia* tem ainda um outro significado, a saber: era também utilizado para designar um grupo de escravos dentro de uma casa ou pertencentes a um único *dominus*. Neste sentido, a palavra *familia* podia servir para distinguir os membros livres dos não-livres no interior de uma casa. Já o termo *domus*, como definido acima, na acepção de número dois, podia englobar todos os membros residentes de uma casa, marido, esposa, filhos, escravos, libertos e outros. Segundo Saller, a acepção de número quatro, aquela de *domus* como patrimônio, é menos frequente na literatura latina.[103] Para explicar o sentido de *domus* como patrimônio o autor associa a acepção de *domus* como uma linhagem de descendentes e a acepção de *domus* como casa, no sentido físico. Estas duas acepções denotam o *status* social que uma *domus* poderia apresentar. Neste sentido, o autor chama atenção para o fato de que a sobrevivência de uma *domus* dependia da manutenção de uma linhagem através da produção de descendentes e recursos financeiros a fim de preservar um *status*.[104] Devemos também atentar para uma observação importante feita por Saller: "O campo de significados de *domus* proporcionou o uso deste termo como forma mais adequada e mais utilizada de medida de respeitabilidade social do que o termo *familia* durante o principado".[105] O autor nota que há uma mudança no tratamento do termo *familia* depois da instituição do Principado, e neste contexto, o termo *domus* adquire preponderância. Isto porque na República o *nomen* de um homem, símbolo de sua *gens* e transmitido através da *familia*, representava uma importante qualidade para aqueles que seguiam a carreira política.

---

[101] SALLER, 1994, p. 78. "Altogether, then, there is no good evidence that Romans commonly considered cognate relatives to be part of their *familia*."
[102] *Ibidem*, p. 85.
[103] *Ibidem*, p. 86.
[104] *Ibidem*, p. 86.
[105] *Ibidem*, p. 87. "The range of meaning made *domus* a more widely applicable measure of social respectability than *familia* in the Principate."

Durante o Principado, o *nomen* não deixa de ter esta importância, porém a *domus* adquire preponderância na medida em que, na constante disputa entre as casas, as *domus*, como unidades familiares ligadas por meio da agnação, cognação, casamentos e adoções, eram tidas como símbolos de *status* político e social, principalmente quando se trata da aristocracia romana. Neste sentido, Saller nota um esvaziamento do termo *familia* durante o Principado:

> A nova realidade política era constituída por uma rede de amizades e conexões de patronos-clientes que emanavam do imperador. Para esta nova realidade o princípio agnático, oficializado nas leis sobre a família romana, era irrelevante, como tinha sido, por algum tempo, para a realidade de certas unidades domésticas. Na medida em que critérios alternativos de status social, tornaram-se mais solidamente estabilizados, *familia*, como linhagem, pode ter começado a parecer algo vazio.[106]

Este novo critério ao qual Saller faz referência aponta para a capacidade de um indivíduo e sua *domus* se posicionarem dentro de redes de influência por meio do estabelecimento de laços de parentesco (casamentos e adoções) e laços clientelares em redes de patronato. Neste contexto, as mulheres da corte imperial, muitas vezes devido à proximidade com o imperador, ocupavam papéis de destaque dentro da *domus* e também dentro de redes clientelares, até mesmo como patronas.[107] Esperava-se que as mulheres ocupassem papéis preestabelecidos dentro de uma *domus*, exercendo funções que eram tidas como próprias do universo feminino, como, por exemplo, administrar a despensa, coordenar os escravos da casa, auxiliar o marido em suas atividades de caráter social, além de estabelecer casamentos e gerar filhos. Contudo, a fundamental importância política da *domus* durante o principado fez com que tais atividades femininas adquirissem preponderância na esfera política, inclusive no âmbito do patronato. É neste sentido que Woodhull afirma que: "Ao se apropriarem de questões de

---

[106] SALLER, 1994, p. 95. "The new political reality was a web of friendship and patron-client ties emanating from the emperor. To this new reality the agnatic principle, enshrined in Roman family law, was irrelevant, as it had been to the real household units in Rome for some time. As alternative criteria of social status became more solidly entrenched, *familia* as lineage could begin to appear somewhat empty."

[107] Sobre a influência das mulheres no patronato romano durante o início do principado romano, ver: SALLER, 1982, p. 41-78, principalmente as páginas 64-69 e DIXON, 2001, p. 69-156, com destaque para as páginas 89-112. Ver também: WOODHULL, In: McHARDY F.; MARSHALL E., 2004, p. 75-91. Saller apresenta uma análise da influência das mulheres e escravos da corte imperial nas redes de patronato. Dixon demonstra o sentido econômico do exercício do patronato pelas mulheres. Já Woodhull, através de um estudo de caso (Salvia Postuma), analisa o papel de mulheres da elite, inclusive de elites provinciais, como patronas e a influência delas na arquitetura urbana. A autora indica que mulheres de elites provinciais eram influenciadas pelas mulheres da corte imperial, neste sentido, Woodhull afirma que essas mulheres viviam longe do centro de poder, mas nem por isso se encontravam afastadas de certos "projetos ideológicos". (WOODHULL, *op. cit*, p. 82)

família, as mulheres poderiam participar de atividades do patronato e estender suas esferas de influência para além dos tradicionais papéis domésticos."[108]

Desta forma, a mudança da República para o Principado e a predominância da *domus* como símbolo aristocrático de *status* político e social, propiciou às mulheres pertencentes às *domus* da aristocracia romana, principalmente as mulheres da *domus Caesarum*, um maior envolvimento com assuntos de caráter político. A *domus Caesarum* representava um espaço dúbio, onde relações como público e privado, e político e informal se imbricavam. Tácito é um dos primeiros autores, dentre os autores da literatura latina preservada, que faz utilização da expressão *domus Caesarum.*[109] Este termo aparece nos *Anais* para designar os membros da dinastia fundada por Augusto através da união de duas *familiae,* as quais Tácito faz referência como duas *domus*: *Claudia et Iulia domus*.[110] Neste sentido, a *domus Caesarum* pode ser entendida como um largo grupo de indivíduos ligados por parentesco que não necessariamente residem em uma mesma *domus* (espaço físico) e que compreende várias *domus,* tanto no sentido de casas, espaço físico, como também no sentido aproximado de *familiae*. Neste contexto, importante ressaltar que a *domus Caesarum* representava a unidade familiar primordial do império. Enquanto espaço físico, pode ser compreendida como um importante espaço do exercício da política na Roma imperial.

Desta forma, não é difícil perceber que as mulheres da *Domus Caesarum* possuíam funções relacionadas à política, como por exemplo, gerar sucessores legítimos (e lutar para garantir seu sucesso) ou contrair casamentos com motivação política. Considerando que as mulheres da dinastia Júlio-Cláudia eram peças do jogo político do império, a sua inserção em um relato historiográfico é algo que não surpreende. Por isso, compreendemos também que o envolvimento delas com a política nem sempre é representado como uma transgressão, ou seja, nem sempre apresentam comportamento inadequado ou características viris, implicando em um sentido negativo. Desde que o envolvimento da mulher com a política permaneça no âmbito da *domus* e relacionado aos seus deveres com os membros desta, não há transgressão.[111]

Mas, embora a percepção da divisão de espaços, gêneros e funções - como, por exemplo, a relação entre público, masculino e política em contraposição a privado,

---

[108] WOODHULL, In: McHARDY F.; MARSHALL E. 2004, p. 77. "By appropriating the terms of the family, women could participate in patronal activities and extend their sphere of influence beyond the traditional domestic roles."
[109]Como nota CORBIER, In: HAWLEY, 1995, p.178.
[110] *Ann*., VI, 8, 3.
[111] MILNOR, In: FELDHERR, 2009, p. 277.

feminino e doméstico - ser de extrema importância, não é suficiente para uma compreensão pormenorizada da representação das mulheres na historiografia. As próprias fronteiras entre público e privado não representavam uma linha, mas uma ampla e muitas vezes pouco clara área, aberta a negociações e sobreposições. O mesmo pode ser dito para os espaços da política que podiam ser o fórum e a *domus* e os papéis masculino e feminino, que não são fixos e delimitados como campos apartados e nitidamente separados que se definem pela oposição de um com o outro. Neste sentido, veremos que a impossibilidade de entender as relações entre masculino e feminino na narrativa taciteana pela simples contraposição destes dois conceitos reside no fato de outros tipos de relações perpassarem este campo. Desta forma, veremos que a análise de alguns mecanismos retóricos utilizados por Tácito na narrativa dos *Anais* para compor suas personagens, permite o entendimento da representação de alguns tipos de relações sociais nas quais as mulheres estavam envolvidas. O estudo da representação destas relações sociais possibilita a identificação do uso de estereótipos retóricos e sociais, padrões de comportamento e também a inversão destes. Estes últimos representam elementos essenciais para a compreensão do processo de constituição de personagens nos *Anais* e da maneira como as personagens foram associadas na narrativa. Ademais, um estudo das interações estabelecidas entre personagens, partindo das personagens femininas, possibilita o entendimento de como Tácito, estabelecendo estas associações entre as personagens, procurou alcançar um efeito retórico na construção das imagens dos imperadores da dinastia Júlio-Cláudia.

As mulheres da dinastia Júlio-Cláudia cumpriram papel fundamental na transição e legitimação do poder durante todo o período em que imperadores desta dinastia exerceram poder (31 a.C. a 68 d.C.). Um dos fatores que reforçou a participação feminina na legitimação política foi a necessidade de gerar herdeiros masculinos. Coube às mulheres, filhas, esposas e mães de imperadores, transmitir legitimidade através de casamentos e geração de filhos legítimos.[112] A relevância do

[112] Sobre a função e influência das mulheres da elite imperial da dinastia Júlio-Cláudia na produção de potenciais sucessores do império, ver: CORBIER, In: HAWLEY, 1995, p. 178-193 e RUTLAND, 1978, p. 15-29. Corbier analisa a função das mulheres dentro de um processo de reestruturação da *domus Caesarum*, iniciado por Augusto. A autora traça um esquema dos casamentos e adoções da dinastia Júlio-Cláudia e aponta a importância política de tais alianças. Com relação a estas alianças, indica quais eram as funções das mulheres da elite e do *paterfamilias* dentro da *domus Caesarum*. A partir de uma abordagem diferente da de Corbier, Rutland estuda a influência das mulheres nas adoções estabelecidas pelos imperadores, para isso, a autora realizou um sistemático estudo do vocabulário taciteano nos *Anais* referente à caracterização de algumas personagens femininas. Deste modo, a autora analisa também como Tácito retratou certas disputas femininas, entre mães, a respeito da sucessão de seus filhos.

papel feminino na transmissão de legitimidade se deve também, e principalmente, à mudança do regime republicano para o imperial. Ou seja, as mulheres da família imperial passaram a ocupar estas funções, que são próprias das mulheres em regimes monárquicos.

Augusto, o primeiro imperador da dinastia Júlio-Cláudia, consciente da importância de uma *domus* consolidada para manutenção e sucessão do poder, deu início a uma série de reformas, resultando em uma redefinição da vida pública e privada. Nas palavras de Kristina Milnor:

> Na visão de Augusto da nova República Romana, a família (especialmente a do imperador) e a vida doméstica constituíam o espaço central ao redor do qual o resto da vida civil deveria ser organizada. Esta é, claro, uma posição fundamentalmente paradoxal, mas que era uma parte inseparável do projeto no qual o *princeps* embarcou: transformar o que isto significava em função do funcionamento do Estado Romano, construindo uma nova definição de *res publica*, fazendo com que instituições políticas e sociais aparecessem para sustentar a ideia de um único governante.[113]

Neste sentido, Augusto promulgou leis com objetivo de fortalecer a unidade familiar, visto que era através da *familia*, por meio da garantia de uma linha sucessória agnática, que se estruturava o direito à propriedade e também à cidadania. As leis de Augusto interferiram em toda a estrutura social romana e, principalmente, da aristocracia.[114] O cuidado do imperador em reforçar os laços familiares, criando leis que visavam a incentivar casamentos e inibir adultérios, tinha como motivação o desinteresse que era atribuído à aristocracia romana em gerar filhos legítimos. Como nota Finley - além de Milnor, na citação acima - trata-se não apenas de uma reforma de cunho moral, mas de uma preocupação com a legitimação e manutenção de um regime político.[115]

Além de promulgar as leis, Augusto iniciou uma estruturação da *domus Caesarum*, o que resultou em uma unidade familiar diferente, em muitos aspectos, da estrutura tradicional patrilinear, baseada em uma linha agnática.[116] Augusto não teve

---

[113] MILNOR, 2005, p. 3. "In the Augustan vision of the new Roman Republic, the family (especially the emperor's own) and domestic life constituted the central space around which the rest of civic life might be built. It is, of course, a fundamentally paradoxical position, but one which was an inseparable part of the project on which the *princeps* had embarked: transforming what it meant to participate in the functioning of the Roman state, building a new definition of the *res publica*, making the social and political institutions of a Republic appear to support the idea of one-man rule."

[114] Trata-se das leis: *Lex Iulia de maritandis ordinibus*, *Lex Iulia de adulteriis* e *Lex Papia-Poppaea*. Para definição destas leis, ver: GRUBBS, 2002, p. 83-87.

[115] FINLEY, In: McCLURE, 2002, p. 151.

[116] CORBIER, In: HAWLEY, 2005, p. 178.

filhos homens. Entretanto, na condição de *paterfamilias*, e com a autoridade de *princeps*, o imperador interferiu nas relações familiares dentro de sua *domus*, a fim de obter herdeiros legítimos. Primeiro, Augusto depositou suas expectativas nos casamentos de sua única filha, Julia. Pois, na ausência de um filho, Augusto poderia, através do casamento da filha, adotar o genro ou um neto. Em 25 a.C., Augusto casou Julia com Marcelo, seu sobrinho, filho de sua única irmã Octávia. O casamento não produziu descendentes e Marcelo morreu prematuramente. Augusto, então, obrigou seu amigo Agripa (*Marcus Vipsanius Agrippa*) a se divorciar de sua esposa Marcela, sobrinha do próprio Augusto, para se casar com Julia. Agripa e Julia tiveram três filhos e duas filhas, uma de suas filhas era Agripina Maior.[117] Augusto adotou seus três netos, mas somente um sobreviveu: Agripa (*Agrippa Julius Caesar*). Além de adotar o neto, Augusto adotou também um enteado, filho de sua esposa Lívia, o futuro imperador Tibério. Este, por sua vez, foi constrangido por Augusto a adotar o sobrinho Germânico, que adquiriu precedência sobre o filho natural de Tibério, Druso (*Drusus Julius Caesar*). A partir destas adoções, Augusto determinou casamentos importantes para a manutenção da dinastia Júlio-Cláudia: o casamento de sua neta Agripina Maior com seu neto adotivo Germânico e o casamento da neta de Lívia, conhecida como Livila ou Livia (*Livia Julia* ou *Claudia*), com Druso. Deste modo, Augusto uniu a *gens* Julia e a *gens* Claudia, formando dois casais potenciais para garantir a sucessão. Germânico e Druso eram da família Claudia, mas depois das adoções, passaram a ser da *gens* Julia. Germânico e Livila eram irmãos, netos de Livia e Octávia, a esposa e a irmã de Augusto. Portanto Livila também era da *gens* Claudia. Ela era filha de Druso (*Nero Claudius Drusus*), filho de Tibério (*Tiberius Claudius Nero*), com quem Livia foi casada antes de se casar com Augusto. Portanto, os filhos de Livila e Druso eram descendentes consanguíneos de Livia, e eram descendentes de Augusto somente por este ter adotado Tibério, filho de Livia. Druso e Livila tiveram três filhos: Julia, Tibério (*Tiberio Gemellus*) e Germânico (*Germanicus Gemellus*), entretanto o último não alcançou a idade adulta. Os filhos de Agripina e Germânico eram descendentes comuns entre Augusto e Livia.[118] Germânico e Agripina tiveram seis filhos: Druso (*Drusus Caesar*), Calígula (*Gaius Caesar*), Drusila (*Julia Drusilla*), Julia (*Julia Livilla*), Nero (*Drusus Caesar*) e Agripina Menor (*Julia Agrippina*). Entre estes dois casais, Agripina

[117] Para uma melhor compreensão das relações de parentesco dos membros da dinastia Júlio-Cláudia, consultar estemas em anexo, p. 126 e 127.
[118] Como ressalta Tácito em *Ann*., 5, 1, 2.

e Germânico e Druso e Livila, as esposas possuíam relação consanguínea mais próxima com Augusto, uma neta e uma sobrinha-neta. Portanto, além das adoções, os casamentos foram fundamentais para garantir uma linha de parentesco legítima.

Desta forma, percebemos que, na estruturação da dinastia Júlio-Cláudia na *Domus Caesarum*, as mulheres cumpriram função de transmitir legitimidade através do estabelecimento de casamentos e geração de filhos legítimos. Entretanto, mesmo com a ausência de uma linha agnática, a genealogia da dinastia demonstra que o caráter essencial do patriarcado foi mantido. Os casamentos e adoções eram estabelecidos de maneira a manter uma conexão com o patriarca e fundador da dinastia, Augusto. Deste modo, notamos que durante os principados de Tibério, Calígula, Cláudio e Nero, existia uma clara preocupação em manter e demonstrar esta conexão, que muitas vezes era estabelecida através das mulheres. Comemorações e concessões de títulos eram feitas a elas para assinalar mais claramente e publicamente os vínculos delas com a *domus Caesarum*. Cláudio, por exemplo, não foi adotado, ele foi escolhido pela guarda pretoriana depois do assassinato de seu sobrinho Calígula, especialmente por ser irmão de Germânico. Logo depois de sua ascensão, Cláudio mandou divinizar a avó Lívia, pois ela representava o elo de ligação que mais diretamente o conectava a Augusto. Ele também confirmou o título de Augusta conferido por Calígula a Antonia Menor, sua mãe, pois deste modo, ele poderia se referir ao divino Augusto como *avunculus* (tio). [119] Desta forma, a legitimidade de Cláudio foi constituída a partir destas duas mulheres, Livia e Antonia Menor, além dele ter sido irmão de Germânico.[120]

Esta organização da *Domus Caesarum* durante o período Júlio-Cláudio, só foi possível devido à tradição jurídica romana, fator para o qual atenta Mireille Corbier:

> Tal construção foi possível dentro das tradições romanas de divórcio, recasamento e adoção, direitos que ofereciam possibilidades de adaptações às circunstâncias, mas que, posteriormente, seriam negadas aos dinastas da Europa Cristã.[121]

Neste sentido, vimos que o imperador, como um *paterfamilias*, era responsável pela determinação de casamentos e adoções estabelecidas dentro da *domus Caesarum.* A preocupação com a sucessão é uma constante no jogo político. O governante atual deveria possuir uma *domus* com potenciais herdeiros a fim de garantir a sucessão.

---

[119] SUETONIUS, *Claudius*, XI, 2.

[120] Importante ressaltar que as filhas de Cláudio, *Claudia Octavia* e *Antonia*, receberam os nomes da mãe e avó de Cláudio.

[121] CORBIER, In: HAWLEY, 1995, p. 192. "Such a construction was made possible within Roman traditions by divorce, remarriage and adoption, rights which offered possibilities for adaptation to circumstances, but which would in due course be denied to the dynasts of Christians Europe."

Claro, uma *domus* sem *Caesares* não transmitia o poder, o que poderia levar a uma nova guerra civil, como aconteceu depois da morte de Nero, marcando o fim da dinastia Júlio-Cláudia. Entretanto, uma *domus* com *Caesares* em demasia corria riscos semelhantes. Deste modo, o *princeps* era responsável por delimitar, através dos casamentos e adoções, hierarquias internas e uma ordem de sucessão. Desta forma, podemos dizer que cabia ao *princeps* estabelecer um controle das fronteiras da *domus Caesarum*.[122]

Neste sentido, vemos que as estratégias adotadas pelos imperadores para fixar as fronteiras de sua *domus Caesaris* não foram exatamente as mesmas. Augusto, por exemplo, manteve as mulheres da *domus* casadas, a fim de garantir sucessores. Já Tibério negou pedidos de permissão de casamento a Livila[123] e Agripina Maior,[124] depois da morte de Druso (23 d.C) e Germânico (19 d.C.). Tibério não tinha necessidade de prover sua *domus Caesaris* de sucessores, visto que, em seu tempo, já estava estabelecida uma linha agnática: além do neto Tibério (*Tiberio Gemellus*), filho de Druso, Tibério também possuía netos através de Germânico, devido às adoções determinadas por Augusto.

Uma *domus Caesarum* com muitos *Caesares* se tornava palco de disputas e intrigas.[125] Tácito, durante toda a narrativa dos *Anais*, indica conflitos envolvendo a obtenção e manutenção de poder, nas quais as mulheres aparecem ocupando papéis fundamentais. Nos *Anais*, a intriga está relacionada essencialmente ao meio feminino. As intrigas, da maneira como relata Tácito, envolve agentes diversos, porém o envolvimento de mulheres, escravos e libertos se torna marcante na medida em que estes agentes, por serem desprovidos de legitimidade política, só podem interferir nas disputas pelo poder por meio de intrigas. Como vimos, as mulheres possuíam funções de caráter explicitamente político na transmissão e legitimação do poder, contudo, é sabido que elas não possuíam poder de deliberação política, e agiam usando de sua influência em razão de sua posição na *domus*. Participavam de conflitos que envolviam os membros da *domus*. Especialmente ao narrar tais intrigas, Tácito denota o nível de influência de algumas mulheres da *domus*, e possibilita, também, o

[122] CORBIER, In: HAWLEY, 1995, p. 190.
[123] *Ann*., IV, 39.
[124] *Ann*., IV, 53.
[125] Sobre as intrigas na narrativa taciteana nos livros dedicados ao principado de Tibério, ver: NOBRE, 2010.

mapeamento de redes de influência, muitas vezes encabeçadas por mulheres.[126] As mães competiam pela sucessão imperial pelos filhos e, como rivais, participavam de tramas para eliminação ou elevação de um possível sucessor. Um exemplo de competição entre mulheres durante o principado de Tibério foi a disputa entre Agripina Maior e Livila. Por meio de intrigas, Livila, associada a Sejano, participou de tramas contra Agripina, que foi condenada ao desterro. Os filhos de Agripina Maior, Nero e Druso, também foram condenados, o primeiro foi desterrado e depois morto, o segundo foi preso e morreu em 33 d.C.[127] Entretanto Livila não foi bem sucedida nos seus intentos. Depois de descoberta a conspiração de Sejano, Livila se matou de fome[128] e seu filho Tibério (*Tiberius Gemellus*) morreu durante o primeiro ano do principado de Calígula. Deste modo, o único filho vivo de Germânico e Agripina Maior, Calígula, adquiriu proeminência na sucessão do império.

Diferente de Livila, Agripina Menor foi bem sucedida na concorrência pela sucessão de seu filho Nero. Veremos, agora, um breve esboço da trajetória de Agripina Menor, até a ascensão de Nero. Nascida em 15 d.C., Agripina casou-se em 28 com Domício (*Gnaeus Domitius Ahenobarbus*) por determinação de Tibério. Tácito, ao narrar o casamento, conta que a escolha do marido recaiu sobre Domício por este ser de família antiga e ter ligação com a família imperial, pois era neto de Octávia, e por meio dela, sobrinho de Augusto.[129] Em 37, ano da morte de Tibério e ascensão de Calígula, se deu o nascimento de Nero (*Lucius Domitius Ahenobarnus*), único filho de Agripina e Domício. Por volta de dois anos depois, em 39, Agripina e sua irmã Julia (*Iulia Livilla*) foram exiladas por ordem de Calígula. Um ano mais tarde, Domício morreu. Pouco tempo se passou, não sabemos a data exata, e Agripina se casou pela segunda vez, com *Passienus Crispus* (*Gaius Sallustius Crispus Passienus*), que também foi casado com a ex-cunhada de Agripina, Domícia, irmã de Domício. A data exata do retorno de Agripina a Roma também é desconhecida, mas há indícios de sua presença em Roma no ano de 47.[130] O casamento com *Passienus Crispus* parece não ter durado muitos anos, visto que, por volta do ano de 49, Agripina se encontrava mais uma vez viúva.[131] Seu terceiro e último casamento foi com seu tio e então imperador, Cláudio, no ano de 49.

---

[126] Sobre estas redes de influência, ver: RODRIGUES, 2008, p. 281-295.
[127] *Ann.*, VI, 23.
[128] Dio Cass., 58,11,6-7.
[129] *Ann.*, IV, 75.
[130] *Ann.*, XI, 12.
[131] *Ann.*, XII, 6.

Os motivos deste casamento estão relacionados com a manutenção da dinastia Júlio-Cláudio, como demonstra Tácito, ao apresentar a defesa desta união pelo liberto Palas.[132] Depois, o Censor Vitélio tratou de defender o casamento junto ao Senado, que aprovou um decreto autorizando casamento entre tio e sobrinha.[133] O matrimônio extraordinário se justificativa pela nobre ascendência de Agripina e, ainda, pelo fato dela trazer consigo o único descendente masculino de Germânico, Nero. Ficam unidos, assim, em uma única casa todos os possíveis aspirantes ao Império. Já no livro XI, antes do casamento de Agripina com Cláudio, Tácito indica que Nero era mais estimado que Britânico, filho de Cláudio e Messalina:

Uerum inclinatio populi supererat ex memoria Germanici, cuius illa reliqua suboles uirilis; et matri Agrippinae miseratio augebatur ob saeuitiam Messalinae, quae, semper infesta et tunc commotior, quo minus strueret crimina et accusatores, nouo et furori proximo amore distinebatur.[134]	Verdadeiramente, sobrevivia ainda uma inclinação do povo pela memória de Germânico, cuja lembrança era a de ser o único descendente varão; além disso, a compaixão em relação à sua mãe, Agripina, crescia em virtude da crueldade de Messalina, que era sempre hostil – mais predisposta, portanto, a cumular menos crimes e acusadores quando ocupada por um recente amor e íntimo furor.

Viúvas da *domus Caesarum*, que apresentavam condições de se casar novamente e que tinham filhos que eram potenciais herdeiros do império, representavam, ao mesmo tempo, uma ameaça e uma garantia.[135] Contraindo casamentos fora da *domus*, mulheres ligadas às famílias Júlio e Cláudia poderiam deste modo transmitir legitimidade a membros de outras famílias, conferindo poder a outras *domus*. Neste sentido, Palas lembra a Cláudio que, este se casando com Agripina:

Stirpem nobilem et familiae [iuliae] claudiaeque posteros coniungeret, ne femina expertae fecunditatis, integra iuventa, claritudinem caesarum aliam in domum ferret. [136]	Deste modo, uniria a estirpe e os descendentes das famílias Júlia e Cláudia, a fim de que uma mulher que já provou ser fecunda, e que é ainda jovem e saudável, não transferisse a nobreza dos Césares para outra casa.

Depois do casamento com Cláudio, Agripina tratou de situar o filho cada vez mais próximo da sucessão. Ao longo do livro XII, Tácito mostra como Agripina, por meio de ações perpetradas graças a sua influência, seja no campo da informalidade

[132] *Ann.*, XII, 2.
[133] *Ann.*, XII, 5-7.
[134] *Ann*. XI, 12, 1.
[135] CORBIER, In: HAWLEY, 1995, p. 187.
[136] *Ann.*, XII, 2, 3.

como também através de ações institucionais, planejou a queda de Cláudio e a ascensão de Nero. Denominamos ações por meio de sua influência, no campo institucional, àquelas ações que, uma vez que as mulheres não poderiam ter encargos políticos públicos, são perpetradas por alguém que vez detém tais direitos, mas age sob orientação de alguma mulher. Como nos mostra Tácito, Cláudio, sob influência de Agripina, agiu de forma que privilegiou Nero, seu enteado, deixando seu próprio filho, Britânico, em segundo plano no que diz respeito à sucessão do império. O primeiro procedimento de Agripina, depois de seu casamento com Cláudio, por meio de influência sobre este, foi o alcance do perdão para Sêneca, que fazia já três anos vivia no desterro, para fazer dele tutor de Nero.[137] Logo depois, segundo a ordem dos acontecimentos na narrativa taciteana, ela obteve a promessa de casamento de Nero com Octávia, e a anulação do noivado desta com Silano.[138] Em 50, quatro anos antes da ascensão de Nero, Agripina, por meio do liberto Palas, conseguiu convencer Cláudio a adotar Nero.[139] Neste mesmo ano, ela obteve o título de *Augusta*.[140]

Como dissemos acima, Agripina também agiu por meio de ações legítimas. Denominamos ações legítimas aquelas que as mulheres possuíam direito de praticar. Tais ações poderiam se dar por meio informal ou institucional, no sentido que mulheres da elite imperial, envolvidas em redes de patronato e detentoras de propriedades, ocupavam posições sociais e econômicas que lhes permitiam envolvimento com a política do império, mesmo sem possuir legitimidade política. Ou seja, as mulheres pertencentes à aristocracia romana, principalmente aquelas da elite imperial, possuíam certa autonomia, derivada de vários fatores, como o direito à propriedade, a posição de patronas em redes clientelares e a proximidade com o imperador, que lhes permitia executar ações que repercutissem no meio político. Neste sentido, Tácito, no livro XII, mostra Agripina como personagem consciente do funcionamento das manobras políticas do império. Por exemplo, Tácito mostra a preocupação de Agripina em veicular uma imagem positiva de si mesma. Ela manda estabelecer uma colônia para veteranos no lugar onde nasceu, e a nomeia "Colônia de Agripina".[141] Além disso, ela aparece em público sendo conduzida em *carpentum*:

---

[137] *Ann*., XII, 8.
[138] Cláudio já havia prometido Octavia em casamento com Silano: *Ann*., XII, 3.
[139] *Ann*., XII, 25.
[140] *Ann*., XII, 26.
[141] *Ann*., XII, 27.

suum quoque fastigium Agrippina extollere altius: ***carpento*** *Capitolium ingredi, qui honos sacerdotibus et sacris antiquitus concessus, uenerationem augebat feminae, quam imperatore genitam, sororem eius qui rerum potitus sit et coniugem et matrem fuisse, unicum ad hunc diem exemplum est.*[142]	Agripina, do mesmo modo, buscava elevar mais ainda sua proeminência: dirigia-se até o Capitólio de liteira daquelas com que outrora se concedia honrarias aos sacerdotes e aos objetos sagrados; com isso, aumentava a veneração a uma mulher descendente de um Imperador, e que fora irmã e esposa e mãe de outros que também tomariam o poder: até hoje um exemplo sem precedentes.

Agripina também aparece exercendo ações de caráter explicitamente político, junto a Cláudio, porém sem deter tal direito. No capítulo 37, Tácito relata que Cláudio concedeu perdão ao general Carataco. Este último, depois de proferir um discurso e obter o perdão, cumprimentou César e também Agripina, que se encontrava sentada no tribunal:

ad ea Caesar ueniam ipsique et coniugi et fratribus tribuit. atque illi, uinclis absoluti, Agrippinam quoque, haud procul alio suggestu conspicuam, isdem quibus principem laudibus gratibusque uenerati sunt. Nouum sane et moribus ueterum insolitum, feminam signis Romanis praesidere! ipsa semet parti a maioribus suis imperii sociam ferebat.[143]	Em resposta, César ofereceu o perdão ao próprio Carataco, à esposa e a seus irmãos. E, livres dos grilhões, reverenciaram também Agripina, que se encontrava visível não muito distante daquela tribuna, com os mesmos louvores e graças que dirigiram ao Príncipe. Fora, com efeito, um fato novo e insólito aos costumes dos antepassados: uma mulher governar diante das insígnias romanas! Ela mesma desejava tomar para si a parte do Império que cabia a seus antepassados.

Este trecho do capítulo 37 denota um ponto primordial sobre a representação das mulheres na narrativa tacitena, notadamente sobre a representação de Agripina Menor: o da usurpação de símbolos do poder político e masculino pelas mulheres. Relacionado a este ponto, esta pequena parte da narrativa revela dois importantes fatores para a compreensão da personagem de Agripina nos *Anais*. O primeiro é a transgressão feminina, que pode ser entendida como um comportamento inverso na perspectiva da relação de gênero. Ou seja, um comportamento feminino que demonstra ações impróprias à natureza feminina e que, ao mesmo tempo, apresenta características viris. Agripina é retratada por Tácito, muitas vezes, executando ações masculinas e ocupando lugar na política imperial totalmente inadequado para uma mulher. O segundo fator, que está relacionado ao primeiro, é o indício de um estereótipo retórico utilizado por Tácito para compor a personagem da imperatriz, o estereótipo da *dux femina* ('mulher comandante'). Este estereótipo, que geralmente apresenta sentido pejorativo, é utilizado

[142] *Ann.*, XII, 42, 2-3.
[143] *Ann.*, XII, 37, 4.

para caracterizar mulheres que ambicionam exercer *imperium*, ou seja, desejam exercer poder como homens, apropriando-se de uma autoridade que naturalmente não possuíriam.[144]

Nos *Anais*, a transgressão feminina nem sempre ressalta um comportamento reprovável ou inaceitável. Uma personagem feminina, que apresenta comportamento transgressor, demonstra um tipo de superação de sua natureza, ou seja, denota comportamento que vai além da expectativa, além dos padrões de conduta próprios da e condizentes com a natureza feminina. Em algumas situações a superação da natureza feminina significa que a mulher alcançou virtudes viris, anulando vícios próprios da natureza feminina. A personagem de Agripina Maior é um exemplo clássico da mulher virtuosa e que apresenta conduta viril. No capítulo 25 do livro VI, quando Tácito faz um breve obituário de Agripina Maior, relata que: "Agripina, porém, quanto à equidade impaciente, ávida de poder, despoja-se, por meio de inquietações viris, dos vícios femininos." (*sed Agrippina aequi impatiens, dominandi auida, uirilibus curis feminarum uitia exuerat*).[145] A personagem de Agripina Maior também apresenta traços do estereótipo da *dux femina*. Porém, o uso deste estereótipo para caracterização de Agripina Maior não apresenta sentido pejorativo. No capítulo 69 do livro I, ela aparece se comportando como general:

Peruaserat interim circumuenti exercitus fama et infesto Germanorum agmine Gallias peti, ac, ni Agrippina inpositum Rheno pontem solui prohibuisset, erant qui id flagitium formidine auderent. Sed femina ingens animi munia ducis per eos dies induit, militibusque, ut quis inops aut saucius, uestem et fomenta dilargita est.[146]	Corria a notícia, naquele tempo, de que o Exército estava cercado e de que as Gálias estavam sendo atacadas por uma horda hostil de Germanos; e, se Agripina não tivesse proibido que se destruísse a ponte construída sobre o Reno, aqueles de fato teriam a audácia de cometer, com o terror, aquele verdadeiro escândalo. Porém, durante aqueles dias, essa distinta mulher investiu-se dos deveres próprios do espírito de um general: tal como alguém destituído de tudo e ferido, repartiu entre os soldados suas vestes e recursos.

A personagem de Agripina Maior não apresenta valor negativo. A imagem de Agripina, retratada por Tácito, está associada ao personagem de Germânico. Agripina representa uma esposa exemplar, que acompanha e auxilia o marido nas campanhas militares. Como ressalta Tácito, além de ser casta e fecunda, qualidades essenciais da

[144] GINSBURG, 2006, p. 112; L'HOIR, 1994, p. 5. Para uma definição de *imperium* circunscrito ao poder do imperador, ver VEYNE, 2008, p. 1-34.
[145] *Ann*., VI, 25, 2.
[146] *Ann*. I, 69, 1.

matrona ideal, Agripina era reconhecida pelo *mariti amor* (‘amor conjugal’, esta expressão também pode ser entendida como ‘companheira do marido’).[147] A influência de Agripina pode ser classificada como influência aceitável, já que suas ações, além de auxiliar o marido, visam o bem da república. A figura de Agripina, por apresentar as qualidades de uma esposa ideal, pode ser considerada como um *exemplum.* E, ao mesmo tempo em que sua figura representa um modelo de conduta feminina, reforça a imagem positiva de Germânico. Na narrativa taciteana as esposas leais ao marido, por meio de seu comportamento leal, enfatizam as qualidades do marido que, por ser virtuoso, estimula a esposa a um comportamento igualmente virtuoso. Veremos, mais adiante, outros exemplos deste tipo de relação entre marido e esposa. Por ora, atentemos para a construção das personagens de Agripina Maior e Agripina Menor. Como vimos, estas duas personagens apresentam indícios do uso dos mesmos mecanismos retóricos para suas caracterizações. Contudo, os efeitos na narrativa são opostos. Isto se dá, essencialmente, pela relação, estabelecida na narrativa, entre estas personagens femininas e os personagens masculinos aos quais elas aparecem associadas. Ou seja, enquanto Agripina Menor, apresentando um comportamento reprovável, atribui um valor negativo a Cláudio, e consequentemente ao seu governo, o comportamento de Agripina Maior reflete as qualidades de Germânico. Vale ressaltar que, assim como o resultado da associação da figura de Agripina Menor a Cláudio é uma imagem negativa deste último, o resultante da associação de Agripina Maior a Germânico também é a imagem negativa do imperador, neste caso, de Tibério. Isto, porque, na narrativa dos *Anais*, a ênfase nas qualidades de Germânico tem como função ressaltar a falta delas em Tibério. Ademais, ressalta a inimizade entre os dois césares.

A semelhança entre as caracterizações de Agripina Maior e Agripina Menor também podem ser percebidas através de uma comparação do vocabulário utilizado por Tácito para descrever estas duas personagens. Ginsburg, em estudo sobre Agripina, cita um artigo de Kaplan. Este autor, através de um estudo das ocorrências da palavra *atrox* (atroz) nos *Anais*, concluiu que um dos usos desta palavra visa a designar mulheres que demonstram características viris. Tal palavra foi utilizada para a caracterização de ambas as Agripinas:

> Como M. Kaplan demonstrou, a palavra ‘atrox’ implica imputação de qualidades masculinas e tão somente aplicada a mulheres que aspiram

[147] *Ann.*, I, 33, 3.

> papéis masculinos; seu uso aqui sugere que o comportamento inadequado da filha (Agripina Menor) derivou daquele da mãe.[148]

Tácito faz uso da palavra *atrox* para descrever Agripina Maior no capítulo 52 do livro IV, ele a designa como *semper atrox* (sempre atroz). No livro XII, capítulo 22, Agripina Menor é descrita como sendo *atrox odii* (implacável em suas aversões). Como ressaltou Ginsburg, na citação acima, isto, dentre outros fatores, indica que a personagem de Agripina Menor apresenta características herdadas de sua mãe. A caracterização de personagens com base na retirada de argumentos de seus antepassados é um *tópos* da literatura latina. Este é, inclusive, o primeiro tópico tratado por Quintiliano em sua enumeração de lugares onde se retiram argumentos com base em pessoas, para composição de personagens.[149] Contudo, como vimos, as semelhanças nas caracterizações não significa uma igualdade entre as personagens. Isto porque muitas vezes, nos *Anais*, a interação estabelecida entre personagens atribui mais valor e sentido a determinada personagem do que sua caracterização isoladamente.

2.2. Estereótipos retóricos

É possível identificar vários *topoi* relativos a alguns estereótipos retóricos na narrativa taciteana. As personagens de Lívia e Agripina Menor, por exemplo, também apresentam semelhanças em suas caracterizações. Um dos estereótipos retóricos utilizados por Tácito para caracterizar Lívia e Agripina é o da *saeva nouerca* (madrasta má). [150] Sempre com conotação negativa, este estereótipo é composto pela mãe que, por meio de intrigas e influências garante os interesses dos filhos, maridos ou delas mesmas. Desta maneira Lívia aparece como a responsável pela eliminação de todos os possíveis sucessores de Augusto, favorecendo assim seu filho Tibério. Já Agripina não aparece como a responsável pela morte de seu enteado (Britânico), mas aparece, durante todo o livro XII, arquitetando a subida de Nero ao poder. Tácito mostra que praticamente todas as ações de Agripina narradas no livro XII têm uma

[148] GINSBURG, 2006, p. 23. Sobre o estudo de Kaplan, ver: KAPLAN, 1979, p. 410-417. "As M. Kaplan has demonstrated, the word 'atrox' implies masculine qualities and is only applied to females who aspire to a masculine role; its use here suggests that the daughter's unconventional behaviour derived from that of her mother."
[149] Quintiliano, *Instituições oratórias*, V, 10, 23-27. Citamos este trecho no capítulo anterior.
[150] GINSBURG, *op. cit.*, p. 107.

única intenção. Desde o casamento com seu tio Cláudio, até a morte deste, minimamente planejada por ela, seu único propósito é ver o filho como imperador. Os estereótipos retóricos utilizados para retratar algumas mulheres da família imperial auxiliam na formação da imagem do governante com quem estas mulheres estão associadas. O estereótipo da *saeva nouerca*, por exemplo, na literatura romana, em geral, representa uma disfunção dentro de uma família.[151] Quando esta crítica atinge as mulheres da família imperial, isto representa uma disfunção na política imperial, uma vez que caberia ao imperador conter o comportamento inadequado ou mesmo repudiar ou levar à morte a esposa que cometesse ações indignas.

Deste modo, os estereótipos aplicados por Tácito na caracterização de Agripina Menor revelam seu sentido quando compreendidos dentro de um contexto de crítica a Cláudio (ou a Nero, durante os livros neronianos). Nas palavras de Ginsburg:

> Quaisquer que sejam os objetivos e motivações da mulher histórica, a Agripina figurada aqui é uma construção literária e retórica, projetada para sugerir a fraqueza de um imperador e de um sistema político que não podia controlar suas mulheres. [152]

Agripina, como muitas outras personagens femininas da narrativa dos *Anais*, foram compostas por Tácito com base em estereótipos retóricos e sociais. Consideramos estereótipos retóricos modelos que congregam vários *topoi* retóricos, disponíveis para a construção de personagens. Tais estereótipos denotam valores morais, e como ressalta Ginsburg: "conjeturas culturais e circunstâncias históricas formam a base dos estereótipos retóricos".[153] Deste modo, por serem formados a partir de condições culturais, históricas e sociais, os estereótipos retóricos são capazes de revelar tipos de modelos ideais de comportamentos ou mesmo seus opostos. Não muito diferentes dos estereótipos retóricos, os estereótipos sociais podem ser definidos como modelos de conduta orientados por valores morais, e também evidenciam padrões ideais ou avessos. Os estereótipos sociais, como aqueles retóricos, aplicados na perspectiva da relação de gênero, revelam categorias de homens e mulheres socialmente construídos. Por exemplo, denotam padrões da matrona ideal ou da esposa ideal. Diferente dos *exempla*, os estereótipos não representam modelos de conduta a partir de uma determinada ação ou personagem. Contudo, os *exempla* demonstram o

---

[151] GINSBURG, 2006, p. 112.
[152] *Ibidem*, p. 23. "Whatever the aims and motivations of the historical woman, the Agrippina figured here is a literary and rhetorical construct, one designed to suggest the weakness of an emperor and a political system that could not control its women."
[153] *Ibidem*, p. 107. "cultural assumptions and historical circumstances underlie the rhetorical stereotypes."

uso dos estereótipos, na medida em que podem representar estereótipos sociais. Estereótipos retóricos, tidos como construções literárias, revelam estereótipos sociais. Neste sentido, consideramos aqui, para a compreensão do uso de estereótipos nos *Anais*, a nossa definição de estereótipo retórico, visto que este não exclui aquele, e guarda relação mais estrita com formas narrativas.[154]

A personagem de Agripina Menor, como construção literária, congrega vários estereótipos retóricos e constitui um interessante *exemplum* caracterizado por um distanciamento do ideal de matrona romana. Identificaremos, ao longo do texto, estereótipos utilizados por Tácito para caracterização de Agripina e de outras personagens femininas nos *Anais*. No momento, devemos atentar para questões a respeito do uso destes estereótipos. Barrett chama atenção para as limitações em perceber o nível de influência na política de determinada mulher, de forma individual, devido ao fato de existir, na literatura latina, largo uso de estereótipos de mulheres que buscavam interferir em assuntos de caráter político:

> É consequentemente difícil determinar, em casos individuais, qual a extensão de sua influência é real e qual extensão é estabelecida pela exageração retórica, propiciando a manutenção de temores imaginários por detrás de estereótipos conhecidos.[155]

Se, por um lado, Barrett nota esta restrição imposta aos estudiosos modernos pela presença dos estereótipos retóricos, Fischler, procurando analisar o uso de estereótipos como construções sociais presentes nas narrativas de historiadores, ressalta que este uso revela ideais de comportamentos sociais e também atitudes masculinas que influenciaram na representação destas mulheres:

> Os retratos destas mulheres contam-nos mais sobre atitudes sociais dos romanos do que como viviam as mulheres da elite: eles nos possibilitam entender, de maneira mais completa, relações de gênero e sua ligação com estruturas de poder em Roma, assim como atitudes masculinas a respeito de gênero e poder que influenciaram na descrição das mulheres presentes na literatura clássica.[156]

---

[154] Nossa definição de estereótipos sociais e retóricos tem como base acepções presentes na bibliografia mais recente sobre as mulheres da dinastia Júlio-Cláudia. A nossa necessidade de diferenciar aqui os estereótipos retóricos dos sociais se deve ao fato de percebermos uma inexistência desta diferenciação nesta bibliografia. Contudo, a escolha e o uso, pelos autores, do termo 'estereótipo social' ou 'estereótipo retórico' não cria um embate, de modo que as abordagens são semelhantes apesar dos conceitos serem diferentes. A maior parte dos autores utiliza o termo ou acepção de'estereótipo retórico', como por exemplo, BARRETT, 1996; GINSBURG, 2006; JOSHEL, 1995; L'HOIR, 1994. Sobre estereótipo social ver FISCHLER, In: ARCHER, 1994.

[155] BARRETT, *op. cit.*, p. 9. "It is consequently difficult in individual cases to determine to what extent their influence is real and to what extent it arises from rhetorical exaggeration, feeding long-held imaginary fears by drawing upon familiar stereotypes".

[156] FISCHLER, In: ARCHER, *op.cit.*, p. 115. "The portrayals of these women tell us more about Roman social attitudes than how elite women lived: they enable us to understand more fully gender relationships

Para Fischler, a utilização de estereótipos para caracterização de personagens femininas na historiografia do período Júlio-Cláudio informa a existência de construções sociais, que podem ser entendidas como 'estereótipos sociais', tal como definimos acima. O modo como as personagens femininas foram caracterizadas, além de demonstrar construções de mulheres ideais – mesmo que seja através de construções do avesso do ideal –, revela também como os homens da elite percebiam e reagiam frente à influência e ao comportamento destas mulheres. Desta forma, a autora indica que havia uma tendência em perceber e retratar as mulheres como símbolos da desordem. O acesso das mulheres da elite ao poder, devido à proximidade delas com o imperador, poderia ser considerado como uma ameaça à ordem na medida em que, deste modo, a interferência delas em assuntos políticos poderia ser maior ou mais efetiva do que a daqueles que possuíam legitimidade política. Neste sentido, mulheres como Agripina Menor, da maneira como retratada por Tácito, representam ameaça e instabilidade. No caso do principado de Cláudio, isto enfatiza as falhas do imperador, incapaz de controlar as mulheres e os libertos de sua *domus.*

Os estereótipos servem para enfatizar um tipo de comportamento de determinada personagem, tornando evidentes certas características, positivas ou negativas. O estereótipo da matrona romana ideal, por exemplo, quando utilizado para caracterizar uma determinada personagem, enfatiza um comportamento virtuoso. Mas, quando o objetivo é ressaltar um comportamento vicioso, percebe-se uma clara inversão de estereótipo. Ou seja, uma personagem caracterizada como distante do ideal de matrona apresenta características que representam o inverso daquela. Ademais, percebe-se que o modelo da matrona ideal também reside no modelo que representa seu avesso. Neste sentido, uma audiência, capaz de identificar uma personagem caracterizada com base em estereótipos da matrona ideal, provavelmente, não teria problemas em identificar o inverso.[157]

Agripina, como representante desta inversão do estereótipo da matrona ideal, apresenta também uma interessante característica da transgressão feminina. Agripina detém todas as condições para desempenhar o papel da matrona ideal, mas as utiliza de forma errada, inadequada. Este é um fator que enfatiza a mulher como símbolo de desordem e ameaça. Ou seja, ela representa uma ameaça, na medida em que demonstra

---

and their bearing on power structures at Rome, as well as how male attitudes toward gender and power influenced the depiction of women within ancient literary texts".

[157] FISCHLER, In: ARCHER, 1994, p. 119.

qualidades potenciais, mas faz uso delas de forma subversiva. É neste sentido que Tácito, ao descrever a rivalidade entre Agripina e Domícia Lépida, ressalta as qualidades, vícios e virtudes de ambas:

perdita prius Domitia Lepida muliebribus causis, quia Lepida minore Antonia genita, auunculo Augusto, Agrippinae sobrina prior ac Gnaei, mariti eius soror, parem sibi claritudinem credebat. nec forma, aetas, opes multum distabant; et utraque impudica, infamis, uiolenta, haud minus uitiis aemulabantur quam si qua ex fortuna prospera acceperant.[158]	Por motivos que concernem às mulheres, Domícia Lépida foi quem primeiro [Agripina] arruinou, uma vez que Lépida, sendo esta filha de Antônia, a mais jovem, sobrinha neta de Augusto pelo lado materno, prima de Agripina e irmã de Gneu [Domício], seu primeiro marido, julgava-se mulher de igual reputação. De fato, não se distanciavam muito em beleza, idade e riqueza: ambas eram lascivas, infames, violentas, não rivalizavam menos nos vícios do que nos bens recebidos pela Fortuna.

Domícia Lépida foi a responsável pela educação de Nero durante o período em que Agripina permaneceu no exílio. Segundo Tácito, a principal rivalidade entre as duas dizia respeito a qual delas, a tia ou a mãe, tinha predomínio junto a Nero: "Sem dúvida, a disputa era muito acirrada: quem prevaleceria aos olhos de Nero? A mãe ou, antes, a tia?" (*enimvero certamen acerrimum, amita potius an mater apud Neronem praevaleret*).[159] Ou seja, a questão era qual delas se fazia mais proeminente, e qual conseguiria influenciar mais o César. A preocupação de Agripina em querer eliminar Domícia denota uma lógica do império para a qual Tácito se mostra atento: em governos autocráticos, é preciso eliminar aqueles que apresentam as mesmas qualidades que possibilitem a sucessão. Contudo, os motivos da disputa, como ressalta Tácito, eram de natureza feminina (*muliebribus causis*), o que significa que, apesar de terem condições para demonstrar um comportamento virtuoso, ambas apresentavam conduta pautada pela natureza feminina, essencialmente viciosa. Um tipo de comportamento relacionado à natureza do personagem salienta vícios ou virtudes, revela o caráter do personagem e através de quais valores sua conduta foi orientada. Para Tácito, um comportamento pautado pela natureza feminina denota ambição, elemento presente na caracterização de mulheres e escravos na narrativa taciteana. Atitudes orientadas pela ambição são caracterizadas pela busca de vantagens pessoais e, além do mais, indica

[158] *Ann*. XII, 64, 2-3.
[159] *Ann*., XII, 64, 3.

que escravos, libertos e mulheres devem permanecer sob supervisão e controle, uma vez que a natureza destes apresenta *infirmitas* (fraqueza, leviandade).[160]

Na narrativa dos *Anais* sobre Cláudio, um certo tipo de fraqueza é transferida para Cláudio, na medida em que este é mostrado como incapaz de controlar os escravos, libertos e mulheres de sua *domus* ou relacionados a esta. Esta pode ser entendida como a principal crítica sobre Cláudio, elaborada por Tácito por meio da caracterização de escravos e mulheres que se apoderam de direitos e posições que institucionalmente lhes eram negadas.

Outro estereótipo retórico utilizado por Tácito para caracterizar algumas personagens femininas reforça esta crítica sobre Cláudio. Trata-se do estereótipo da mulher que apresenta comportamento sexual transgressor. Este estereótipo pode ser identificado na caracterização de duas importantes personagens dos *Anais*: Messalina e Agripina Menor. O uso deste estereótipo, na narrativa taciteana, guarda estrita relação com a construção do retrato de Cláudio e Nero (analisaremos Nero no terceiro capítulo). No caso de Cláudio, enfatiza seu caráter fraco pelo fato de o imperador ser incapaz de controlar suas esposas. Sugere insegurança, na medida em que leva a indagar como um imperador incapaz de controlar suas esposas, e consequentemente estabelecer a ordem dentro de sua própria casa, poderia administrar o império.

Adultério, libidinagem e incesto constituem *topoi* na caracterização de mulheres imorais. O comportamento sexual transgressor de Messalina e Agripina tem como característica em comum o adultério. Cláudio, por sua vez, é caracterizado como tolerante em relação aos adultérios de suas esposas, o que significa falta de virilidade e, neste sentido, representa mais um fator que contribui para a constituição do retrato

[160] THOMAS, 1990, p. 127. Yan Thomas, em texto sobre a divisão dos sexos no direito romano indica que era lugar-comum, entre os juristas, caracterizar o sexo feminino como *imbecillitas mentis* (fraqueza de espírito) e *infirmitas sexus* (leviandade ou inferioridade em relação ao sexo masculino). Para mais detalhes sobre as ocorrências de *infirmitas*, entre os juristas e com relação às mulheres, ver também: GRUBBS, 2002, p. 51-52. No entanto, estas acepções de *infirmitas* também estão presentes na literatura latina, como claramente exposto por Cícero em *Pro Murena*, XII, 27: "Quiseram nossos ancestrais que as mulheres, em vista de sua fraqueza de caráter, permanecessem em poder de tutores." (*Mulieres omnes propter infirmitatem consilii maiores in tutorum potestate esse uoluerunt*). Quanto à *imbecillitas*, temos uma ocorrência do adjetivo *imbecillus* em *Anais*, VI, 49, 2 relacionada às mulheres: "[...] Foi, portanto, acusada no Senado, ainda que tivesse se jogado diante dos pés dos senadores e, comiserando-se daquela dor, carregado por muito tempo, lúgubre, o luto – comum e mais débil ainda, em tais adversidades, em função do espírito típico das mulheres – fora, porém, exilada de Roma por dez anos, até que seu filho caçula deixasse para trás o caráter lúbrico próprio da juventude." (*Igitur, accusata in senatu, quamquam genua patribus aduolueretur luctumque communem et magis imbecillum tali super casu feminarum animum aliaque in eunde dolorem maesta et miseranda diu ferret, Vrbe tamen in decem annos prohibita est, donec minor filius lubricum iuuentae exiret*.)

de Cláudio como, ao mesmo tempo, um *paterfamilias* e um *imperator* de caráter fraco.[161]

Entretanto, enquanto as duas, Messalina e Agripina, são caracterizadas como adúlteras, somente Messalina é caracterizada com elementos próprios da caracterização de prostitutas, e em contrapartida somente Agripina é caracterizada como incestuosa.[162] Esta diferença ressalta que Tácito buscou alcançar efeitos díspares nas críticas aos imperadores, através da composição destas duas personagens. A figura de Messalina é associada com a lascívia e a libertinagem. Joshel indica que é possível identificar pressupostos de um discurso senatorial na composição da Messalina de Tácito, através de uma análise dessas características da imperatriz.[163] A caracterização de uma mulher como tendo um desejo sexual exagerado sugere o caos, a desordem social.[164] O desejo irrefreável de Messalina é mostrado por Tácito através do relato do grande número de amantes da imperatriz e do modo como ela rapidamente se enfastiava deles, o que também é enfatizado pela despreocupação dela em esconder seus adultérios. A lascívia de Messalina incorre em uma desordem na *domus* imperial e na hierarquia social, principalmente por meio de seu casamento com Sílio, fato que representa o ápice da falta de escrúpulos da imperatriz.[165] Denota, deste modo, Cláudio como um imperador incapaz de manter hierarquias sociais e, portanto, incapaz de assegurar os direitos senatoriais. Neste sentido, Messalina representa um símbolo de um discurso senatorial que determinou sua imagem, e fez de sua figura um mecanismo retórico capaz de informar preocupações dos agentes que construíram seu retrato.[166]

Como referimos acima, diferentemente de Messalina, Agripina foi caracterizada como mulher incestuosa. Ginsburg aponta que uma mulher que comete relações incestuosas era compreendida como tendo violado tabus sociais e religiosos e, deste modo, como transgressora de limites fundamentais do comportamento humano.[167] E, desta forma, a construção do retrato de Agripina como incestuosa representa uma

---

[161] Sobre as implicações do adultério no caráter viril dos romanos, ver: EDWARDS, 1993, p. 54-57.
[162] Para uma compreensão da representação de Messalina como prostituta, ver também Juvenal, *Sátiras* VI, 114-132. Recomendamos a tradução, seguida de comentário do autor, proposta por Agnolon em: AGNOLON, 2010, p. 71-72. Ainda sobre a Messalina de Juvenal, ver: JOSHEL, 1995, p. 77-78 e NAPPA, In: MILLER;WOODMAN, 2010, p. 189-204.
[163] JOSHEL, *op. cit.*, p. 50-82.
[164] *Ibidem*, p. 59-60.
[165] *Ann*., XI, 26 e 27.
[166] JOSHEL, *op. cit*, p. 52.
[167] GINSBURG, 2006, p. 121.

metáfora do potencial efeito destrutivo, principalmente no que diz respeito ao seu envolvimento com a política imperial.

Embora a conduta sexual de Messalina sugira desordem social e a de Agripina seja direcionada para uma crítica ao envolvimento das mulheres com a política, podemos entender que ambas convergem em uma única crítica a Cláudio. Ambas sugerem incapacidade do imperador em assegurar os direitos senatoriais por meio do controle de agentes que representam uma ameaça à manutenção da hierarquia política e social.

Os comportamentos sexuais desviantes, tanto de Messalina quanto de Agripina são constituídos a partir de *topoi* que relacionam sexo e política. Tais *topoi* conjugam ideais de conduta sexual e política. Ginsburg indica que estes *topoi* eram aplicados na literatura de forma recorrente sem uma expectativa de crença da audiência, devido a, principalmente, uma consciência da possível falsidade das acusações de adultério, incesto, aborto etc. O próprio Tácito demonstra que acusações com fins de eliminar concorrentes políticos ou mesmo familiares, mas que representavam ameaça política, eram feitas através da imputação de conduta sexual desviante, como, por exemplo, quando Nero acusou sua esposa Octávia de adultério e aborto. Ou seja, a mesma fonte que retrata estas mulheres atribuindo-lhes condutas imorais, demonstra o uso e manipulação deste tipo de conduta em acusações formais com objetivo de denegrir e eliminar.[168]

Tácito ressalta as diferenças entre os comportamentos sexuais desviantes de Agripina e Messalina ao indicar que a morte de Messalina e o casamento de Cláudio com Agripina marcaram uma fase do principado de Cláudio. No capítulo sete do livro XII, Tácito indica que depois do casamento estabeleceu-se uma escravidão (*seruitium*):

Versa ex eo ciuitas et cuncta ***feminae*** *oboediebant, non per lasciuiam, ut Messalina, rebus Romanis inludenti. Adductum et quasi* ***uirile seruitium****: palam* ***seueritas*** *ac saepius superbia; nihil domi impudicum, nisi* ***dominationi*** *expediret,*[169]

Desde então, transformada, a cidade e tudo obedeciam a uma mulher que se divertia com os assuntos romanos, mas não em função de sua lascívia – como no caso de Messalina. Tratava-se de uma severa escravidão, viril, por assim dizer: em público, ela revelava austeridade, mui frequentemente, soberba; dentro da Casa, nenhuma impudência, a não ser pela dominação.

[168] GINSBURG, 2006, p. 117-118.
[169] *Ann*., XII, 7, 3.

Nota-se, neste trecho, uma associação entre o poder feminino e a perda da liberdade. Esta associação é de fundamental importância para a compreensão da representação das mulheres nos *Anais*. Tácito indica a influência de Agripina na política e faz uma contraposição da conduta sexual de Messalina e Agripina. Neste sentido, reforça o caráter lascivo de Messalina, que se faz ausente em Agripina. Entretanto, dá ênfase no envolvimento de Agripina em assuntos políticos por indicar que estes representavam a motivação de seus adultérios. O envolvimento de Agripina com a política é decorrente de uma forma de usurpação de poder, o que nos leva ao estereótipo da *dux femina*. Como já vimos, este estereótipo está relacionado com o comportamento masculinizado de mulheres que ambicionam exercer poder político e militar. Este sentido é explicitado pelo uso da palavra *uirile*. Entretanto, há ainda outros elementos que reforçam esta idéia. Ginsburg indica que, nesta parte do relato, Tácito procurou ressaltar as qualidades viris de Agripina através do uso da palavra *seueritas.* A autora nota que, além de dois usos relacionados a Agripina (*Ann.*, XII, 7, 3 e XIII,13,2), esta palavra aparece nos *Anais* exclusivamente relacionada à caracterização de personagens masculinos.[170] Segundo L'Hoir, a associação de palavras como *femina* e *dominatio*, como apresentadas no trecho acima, reforça esta ideia.[171] A palavra *dominatio* representa poder masculino legítimo e, quando associada às mulheres, pode significar tanto a pretensão ao masculino ou mesmo a mulher masculinizada, como também a usurpação do poder masculino legítimo pela mulher em questão. Ademais, o estereótipo da *dux femina* denota ausência de liberdade, uma vez que indica sujeição a um poder usurpado e ilegítimo. Esta ausência de liberdade é apontada por Tácito de forma explícita, por meio do uso da palavra *seruitium*. Evidentemente, esta crítica recai sobre o *princeps*, que, supostamente, era responsável pela garantia da *libertas*.

Para L'Hoir, os retratos de mulheres usurpadoras do poder masculino compostos por Tácito representam um dos sintomas da crise política que determinou o fim da dinastia Júlio-Cláudia.[172] Durante esta dinastia, Roma sofreu a influência e a ameaça crônica de uma ginecocracia, fator que, junto a outros, teria desencadeado uma série de acontecimentos que agravaram e ocasionaram o fim da dinastia. Com esta proposição, retomamos a ideia da presença feminina nos *Anais* como símbolo de um estado de desordem, como fator que demonstra que estas mulheres foram representadas a partir de

[170] GINSBURG, 2006, p. 129.
[171] L'HOIR, 1994, p. 5.
[172] *Ibidem*, p. 25.

estereótipos que revelam um ponto de vista masculino e senatorial, uma vez que é possível perceber a preocupação com a garantia de privilégios próprios da ordem senatorial.

Entretanto, se as mulheres representavam uma constante ameaça, com certeza tal ameaça era inferior àquela de homens que ocupavam posições de destaque ou que eram parentes próximos do imperador.[173] Evidentemente, pelo fato de não poderem ocupar cargos políticos, as mulheres não participavam, de modo direto, da concorrência pelo controle do império. Característica que explica, de certo modo, porque o afastamento de homens que representavam ameaça se dava através da morte, enquanto as mulheres frequentemente sofriam deportação, muitas vezes temporária, podendo retornar a Roma depois de mudanças na situação política.

Um último ponto importante sobre a representação das mulheres nos *Anais* diz respeito ao tempo em que estas representações foram constituídas. Sabemos que Tácito escreveu os *Anais* durante o principado de Trajano, portanto, pouco mais de quarenta anos depois do fim da dinastia Júlio-Cláudia. Desta forma, as imagens de mulheres apresentadas pelo historiador, e por ele utilizadas como símbolos de desordem, são posteriores e dialogam com uma série de imagens produzidas ao longo destas décadas tanto por outros autores quanto nos rumores que circulavam oralmente. Outros tipos de fontes, contemporâneas a estas mulheres, como, por exemplo, moedas e estátuas, indicam que elas também eram representadas como símbolos da ordem imperial. As mulheres da *domus* Júlio-Cláudia eram tidas como símbolos desta dinastia e suas imagens eram veiculadas de modo que representavam uma composição da *familia* imperial. Como nota Fischler, estas imagens positivas das mulheres da elite imperial surgiram da necessidade de Augusto legitimar o novo regime político a partir de um conceito de descendência dinástica.[174] Neste sentido, tornou-se necessário a veiculação da imagem da *familia* imperial em posição única e legítima. As mulheres, como mães e esposas de imperadores, essenciais na constituição de um ideal baseado na descendência, contribuíam para esta imagem de unidade familiar, necessária também para a representação do imperador como *paterfamilias* e *pater patriae*.

Entretanto, não havia uma hegemonia de imagens positivas contemporâneas às estas mulheres. Ou seja, as imagens negativas não são exclusivamente posteriores. Muitos elementos que constituíam imagens negativas posteriores destas mulheres, tal

---

[173] FISCHLER, In: ARCHER, 1994, p. 129.
[174] *Ibidem*, p. 128-29.

como apresenta Tácito, foram determinados enquanto estas mulheres ainda estavam vivas. Imagens negativas destas mulheres podiam ser criadas a partir de boatos e intrigas e transmitidas através de rumores ou literatura, ambos utilizados por Tácito como fontes para a escrita dos *Anais*.[175] Como o próprio Tácito indica em sua narrativa, as mulheres se envolviam em intrigas e rivalidades, o que poderia acarretar em processos de difamação delas pelos oponentes. Um outro fator que poderia contribuir para a formação de imagens negativas era a impossibilidade de estabelecer um controle efetivo sobre a recepção de imagens veiculadas através de monumentos, como visto anteriormente, em nossa explicação sobre a dinâmica do discurso exemplar.

Fischler nota que estas duas representações relacionam a mulher com a natureza individual do poder imperial.[176] Para a autora, a representação da mulher como símbolo da ordem imperial, feita através da propagação de um ideal imperial, ajuda a explicar a existência da inversão, utilizada por historiadores em suas narrativas deste período, fazendo delas símbolos de desordem e fatores explicativos para a queda de imperadores. Notamos que nestes dois tipos de representações, as mulheres aparecem intrinsecamente associadas ao imperador e auxiliam na constituição de uma boa ou má imagem deste. Ademais, a representação positiva das mulheres, gerada pelo caráter indispensável delas na elite imperial, frente à representação negativa caracterizada pelo seu envolvimento com a política, visto como uma ameaça, situa a mulher em posição de tensão. Deste modo, revela a ambivalência simbólica da mulher da elite imperial e, ao mesmo tempo, a complexidade em situá-las dentro da estrutura do poder imperial.

[175] Um exemplo é a recepção e o tratamento de Tácito da imagem de Agripina como incestuosa, analisaremos este exemplo no terceiro capítulo.
[176] FISCHLER, In: ARCHER, 1994, p. 129-30.

Conclusão do capítulo 2:

Podemos concluir que mudanças na estrutura social decorrentes da mudança do regime republicano para o imperial proporcionaram um reposicionamento da mulher pertencente à aristocracia romana. Dentre estas mudanças, destacamos a preponderância da *domus* como símbolo de *status* político e social e, ao mesmo tempo, como espaço do exercício da política, fator que contribuiu para um maior envolvimento e autonomia das mulheres no que diz respeito a assuntos políticos.

Vimos que as mulheres da primeira dinastia do período imperial romano, a dinastia Júlio-Cláudia, cumpriram papel de destaque na transmissão e legitimação do poder, através de casamentos e geração de filhos. Desta forma, as mulheres foram essenciais na consolidação desta dinastia e, por conseguinte, na construção de um ideal imperial dinástico, projeto iniciado por Augusto.

Neste sentido, a presença destas mulheres em narrativas historiográficas, como nos *Anais*, de Tácito, revela, simultaneamente, os lugares ocupados por elas na política imperial, e também, o modo como a ocupação destes lugares foi percebida e principalmente, a maneira como foi retoricamente representada. Vimos que a historiografia apresenta inversões da representação das mulheres como símbolos de uma nova ordem política. Entretanto, o objetivo em apresentar as mulheres como símbolos de desordem não significa, simplesmente, uma negação do regime imperial. O objetivo em representá-las desta maneira faz parte de um esforço em demonstrar as falhas deste regime, e, decorrente disto, caracterizar os maus imperadores desta dinastia. Desta forma, personagens femininas dos *Anais*, compreendidas como mecanismo retórico, auxiliaram na caracterização dos imperadores. O modo como estas personagens foram constituídas, através das escolhas dos argumentos e recursos retóricos que determinaram seus retratos, demonstra e enfatiza diferentes críticas sobre diferentes imperadores da narrativa. É neste sentido que procuraremos analisar, no próximo capítulo, a construção da imagem de Nero como um mau imperador, a partir da compreensão dos dispositivos retóricos relacionados às personagens femininas.

3. As personagens femininas e a construção da imagem de Nero

Nos livros XIII a XVI dos *Anais*, nos quais Tácito relata acontecimentos do principado de Nero, contamos 48 personagens femininas. Neste terceiro capítulo, problematizaremos como estas personagens auxiliaram na formação da imagem de Nero como um mau governante.

Dividimos esta análise em duas partes: primeiro trataremos das personagens de menor visibilidade na narrativa, que são aquelas que aparecem entre uma e quatro vezes no relato e, na segunda parte do capítulo, trataremos das personagens de maior visibilidade, as personagens que aparecem mais de quatro vezes. Deste modo, veremos como cada uma destas personagens contribuíram para a construção do retrato de Nero. Nem todas estas personagens aparecem diretamente relacionadas ao imperador, notadamente algumas de menor visibilidade na narrativa. Entretanto, muitas aparecem relacionadas a homens – ou a outras mulheres – da aristocracia e evidenciam um tipo de comportamento destes que pode, por sua vez, auxiliar-nos a iluminar como se dava a construção da imagem imperial. Entendemos que estas personagens também contribuíram para a formação da imagem de Nero, na medida em que ao relatar tipos de conduta próprios da aristocracia daquele período, Tácito evidencia aspectos do governo de Nero.

Analisaremos somente as personagens que, por apresentarem comportamento pautado por vícios ou virtudes, contribuem, de alguma forma, para a formação da imagem de Nero. Deixamos de fora da análise aquelas personagens que consideramos neutras, ou seja, personagens cuja inserção no relato não interferiu, de maneira significativa, na constituição da imagem de Nero na narrativa dos *Anais*.[177]

Retomaremos, ao longo deste capítulo, os conceitos de *exempla*, retrato e imagem apresentados no primeiro capítulo. Veremos como algumas personagens femininas auxiliaram na constituição de *exempla*. Estas personagens evidenciam valores morais e aparecem em determinados momentos da narrativa, o que indica que Tácito foi seletivo quanto ao emprego delas no relato, considerando-as como recurso retórico. O

[177] Segue, em anexo, p. 128, uma lista com todas as personagens femininas, inclusive estas, que consideramos como neutras. Nesta lista, encontram-se todas as referências de cada ocorrência destas personagens nos *Anais*, de Tácito. As personagens neutras estão marcadas com um *.

conceito de *exempla* é de grande importância em nosso estudo, uma vez que possibilita a identificação de vícios e virtudes pelos quais foram elaboradas críticas a Nero.

Tomando como referência o conceito de retrato, buscaremos demonstrar como Tácito se utilizou das personagens femininas e da relação estabelecida entre o imperador e estas para compor uma imagem de Nero como um mau governante ou para pôr em evidência aspectos deste governo.

3.1. Personagens de menor visibilidade na narrativa

Analisaremos, nesta parte do texto, alguns episódios envolvendo as personagens femininas "menos visíveis". Importante ressaltar o nosso critério: tratamos como menos visíveis as personagens femininas a que Tácito faz menção entre uma e quatro vezes durante o relato. Elas não são menos importantes no sentido de necessariamente terem um papel menor no relato e também não necessariamente gozam de uma posição social menos destacada. Muitas aparecem em determinados momentos da narrativa com função de evidenciar as virtudes ou vícios de outra personagem. Ou seja, elas foram intencionalmente inseridas no relato em momentos ideais, de maneira que auxiliam na caracterização de outras personagens.

Dentre as 48 personagens femininas que são mencionadas por Tácito ao longo do relato do principado de Nero, notamos que 28, ou seja, 58%, aparecem somente uma vez na narrativa. Vale ressaltar que uma parte significativa dessas personagens de ocorrência única no texto apresenta virtudes. Muitas delas, não por acaso, estão relacionadas a homens virtuosos. Percebemos que, para além das características individuais das personagens, Tácito as caracteriza também pela associação ou dissociação entre personagens (masculinas ou femininas) e os vícios e virtudes de suas respectivas naturezas. Em outras palavras, uma personagem pode ser mostrada como virtuosa ou viciosa quando associada ou se afastada de uma personagem antes mostrada como virtuosa ou viciosa. Assim, as características das personagens e a construção dos *exempla* decorre muitas vezes de como as personagens são colocadas em interação, como se ligam umas às outras.

Comecemos pelas personagens femininas de ocorrência única e positiva na narrativa, ou seja, personagens que apresentam virtudes. Dentre estas, identificamos dois tipos paradigmáticos: Primeiro temos aquelas que constituem exemplos de

mulheres fiéis e leais aos maridos e em segundo lugar temos aquelas que sofreram injustiças, ou seja, mulheres virtuosas que foram acusadas injustamente. Dentre as mulheres leais aos maridos, destacam-se: Antonia Flacila, Inácia Maximila, Antístia e Arria Menor. As duas primeiras eram as esposas de Nónio Prisco e Glício Galo.[178] Elas acompanharam os maridos no desterro depois de eles serem acusados de envolvimento na conspiração pisoniana. Antístia era esposa de Rubélio Plauto, também o acompanhou, quando ele foi forçado a sair de Roma.[179] Árria Menor era esposa de Traseia Peto, e filha de Arria Maior, a quem quis imitar ao demonstrar o desejo de morrer com o marido.[180] Acompanhar o marido no desterro é um comportamento louvável, sendo que Tácito, no prefácio das *Histórias*, indica que estas mulheres representam *bona exempla*:

Non tamen adeo uirtutum sterile saeculum ut non et ***bona exempla*** *prodiderit. Comitatae profugos liberos matres, secutae maritos in exilia coniuges: propinqui audentes, constantes generi, contumax etiam aduersus tormenta seruorum fides; supremae clarorum uirorum necessitates, ipsa necessitas fortiter tolerata et laudatis antiquorum mortibus pares exitus*.[181]	Entretanto, o século não foi de tal forma estéril que não produzisse bons exemplos: mães acompanharam os filhos proscritos, esposas seguiram os maridos no exílio; parentes corajosos, genros perseverantes, escravos cuja lealdade fora contumaz mesmo diante dos maiores tormentos; homens ilustres que toleraram corajosamente as circunstâncias derradeiras, equiparando seu fim com as mortes gloriosas dos antigos.

Ao narrar os episódios em que estas mulheres estão inseridas, Tácito emprega o *tópos* da mulher leal com o claro objetivo de evidenciar as virtudes do marido. Ou seja, as virtudes dele é que fazem surgir na esposa o sentimento de lealdade e superar os inatos vícios femininos (luxúria, vaidade, ambição). Vejamos o exemplo de Árria Menor: ela não acompanha o marido no desterro, mas sua lealdade vai além. Quando Traseia Peto foi condenado por envolvimento na conspiração pisoniana, ela logo demonstrou desejo de morrer junto ao marido e imitar o exemplo de sua mãe, Árria Maior, famosa pela frase "*Paete, non dolet*".[182] No entanto, foi persuadida por Traseia, que lhe pediu que continuasse a viver para não deixar a filha desamparada. Suicidar junto ao marido é a prova máxima da lealdade de uma esposa, além de perpetuar a imagem da mulher honrada, faz aumentar ainda mais a glória do marido. Traseia negou esta glória a Árria, o que não interferiu na reputação elevada do casal, uma vez que a

[178] *Ann.* XV, 71.
[179] *Ann.* XIV, 22.
[180] *Ann.* XVI, 34.
[181] *His.*, I, 3, 1.
[182] "Peto, não dói". Plínio, *Ep.*, 3,16, 13.

preservação da própria vida é apresentada como um sacrifício maternal. Acresça-se que neste caso, a mulher se torna testemunha viva da injustiça sofrida pelo marido, além de sua sobrevivência ser também prova de sua lealdade (já que obedeceu ao marido, o único que, neste dilema, poderia persuadi-la a continuar viva). Vimos que Tácito menciona os nomes de cada uma destas esposas leais somente uma vez durante todo o relato, ou seja, apenas para narrar suas ações de lealdade. Elas aparecem em um determinado momento da narrativa, quando o historiador pretende exaltar a virtude de alguma personagem masculina. Não por acaso, todos os maridos destas esposas leais são homens de virtudes. A lealdade das esposas, associada a estes, evidencia tais virtudes. Por sua vez, estes homens virtuosos auxiliam na caracterização de Nero na medida em que os comportamentos virtuosos que apresentam, quando compreendidos em contraposição ao do príncipe, indicam algum tipo de vício deste. Cabe ressaltar aqui que esta contraposição é uma das várias maneiras pelas quais as personagens masculinas podem também ser entendidas como recurso retórico que auxilia na caracterização de Nero. Contudo, não aprofundaremos na análise destes personagens por razões que concernem ao nosso objeto de pesquisa, que nos leva a priorizar as personagens femininas.

O segundo tipo de personagens femininas de ocorrência única e positiva na narrativa são as mulheres que foram acusadas injustamente, destas, destacamos: Agripina Maior,[183] que foi condenada ao desterro por Tibério; Júlia,[184] condenada ao desterro por Cláudio (sob influência de Messalina); Calpurnia,[185] também condenada ao desterro por Cláudio (agora sob influência de Agripina Menor); Lólia Paulina,[186] outra vítima de Agripina Menor, recebeu ordem para morrer depois de ser falsamente acusada; e Popeia,[187] (mãe de Popeia, a segunda esposa de Nero), foi persuadida a se matar por intrigas de Messalina.

Diferente das esposas leais, estas mulheres que sofreram injustiças estão diretamente associadas a outras mulheres. Elas auxiliam na construção da imagem de outra personagem feminina. Vejamos, Agripina Maior e Júlia aparecem uma única vez no conjunto da narrativa do principado de Nero. No capítulo 63 do livro XIV, quando Tácito narra as falsas acusações de Nero contra Octávia e seu desterro para a ilha

---

[183] *Ann.*, XIV, 63.
[184] *Ann.*, XIV, 63. Tácito não especifica se é Júlia, filha de Germânico, ou Júlia, filha de Druso. Ambas morreram no desterro na época de Cláudio.
[185] *Ann.*, XIV, 12.
[186] *Ann.*, XIV, 12. Para o relato da acusação contra Calpúrnia e Lólia Paulina, ver: *Ann*. XII, 22.
[187] *Ann.*, XIII, 43. Sobre a intriga de Messalina para matar Popeia, ver: *Ann.* XI, 1 - 2.

Pandatária, o sofrimento de Octávia é comparado ao de Agripina Maior e Júlia, que também foram desterradas, possivelmente para a mesma ilha que Octávia.[188] Ao comparar, Tácito ressalta que Octávia, por ter aproximadamente 20 anos, e ser mais jovem que Agripina Maior e Júlia, inspirava ainda mais compaixão. Ou seja, o foco da narrativa, neste momento, é a injustiça sofrida por Octávia, de modo que o contraste com outras mulheres de virtude, que sofreram injustiças semelhantes, faz realçar mais o caráter virtuoso de Octávia. Já Calpúrnia e Lólia Paulina são personagens que fazem tornar evidente a crueldade de Agripina. Elas foram acusadas no ano de 49, ano do casamento de Cláudio e Agripina. As acusações foram forjadas por Agripina, e a motivação para eliminar essas mulheres era apenas o ciúme, motivo que denota natureza feminina viciosa. Lólia Paulina foi uma das concorrentes ao casamento com Cláudio, e Calpúrnia foi, certa vez, elogiada por Cláudio. O próprio César proferiu as acusações frente ao Senado. Lólia Paulina foi acusada de consultar adivinhos sobre as núpcias de Cláudio, e foi sentenciada à morte. Tácito não menciona qual foi a acusação contra Calpúrnia, mas sua sentença foi o desterro. As razões femininas de Agripina e as sentenças sofridas pelas acusadas revelam a crueldade de Agripina, além de demonstrar a influência que ela exercia sobre Cláudio, já no início do casamento. Tácito narra estas acusações no capítulo 22 do livro XII, ou seja, durante a narrativa dos acontecimentos do principado de Cláudio. O efeito das interações entre as personagens se reforça uma vez mais. Agripina não é apresentada como uma má esposa por si. Cláudio, ao abrigar as acusações injustas e usar de seu poder para fazê-las prosperar estimula o perfil negativo da sua esposa. Tácito deixa claro como Cláudio é conivente com as atitudes de Agripina, e a falta de iniciativa dele em controlá-la. O historiador recoloca essas duas mulheres na narrativa apenas no livro XIV. Portanto, elas aparecem uma vez na narrativa sobre o principado de Cláudio, e uma vez durante o principado de Nero. Tácito relata que, depois da morte da mãe, Nero perdoou algumas vítimas de Agripina, dentre elas estava Calpúrnia, que foi chamada do desterro, e Lólia Paulina, para a qual o príncipe permitiu que erigissem um túmulo para as suas cinzas. Estas ações de Nero visavam mostrar sua clemência, e, ao mesmo tempo agravar o sentimento de aversão a Agripina: "Deste modo, agravava o ódio pela mãe, repelida, ao mesmo tempo que declarava e aumentava sua clemência." (*Ceterum quo grauaret invidiam matris eaque demota auctam lenitatem suam testificaretur*).[189] Nos dois momentos da narrativa em

[188] Sobre o desterro de Agripina Maior para esta ilha, ver: *Suet.*, *Tiberius*, 53, 2.
[189] *Ann.*, XIV, 12, 3.

que Tácito menciona Calpúrnia e Lólia Paulina, a intenção é clara: a caracterização de Agripina, através de seus atos cruéis e, por decorrência, tanto o elogio dos que se opunham a seus desmandos, quanto a crítica àqueles que a estimulavam.

Seguindo esta mesma lógica, notamos que a personagem de Popeia, mãe da segunda esposa de Nero, também aparece na narrativa com função de evidenciar a crueldade de Messalina. As intrigas da imperatriz são narradas no início do livro XI.[190] Tácito retoma o episódio no livro XIII, capítulo 43, quando relata as acusações feitas a P. Suílio, e uma delas era estar envolvido na morte de Popeia, por ter sido aliado de Messalina. Entretanto, a lembrança do episódio, neste ponto do relato, serve mais para incriminar Suílio do que para caracterizar Messalina, que, evidentemente, já havia sido morta neste momento da narrativa. Neste sentido, Tácito faz uso de uma personagem já estabelecida no relato, Messalina, para caracterizar Suílio.

As personagens de ocorrência única na narrativa ressaltam comportamentos específicos da aristocracia daquele período. Um exemplo interessante é a personagem de Atila, mãe de Lucano. Tácito, ao narrar as mortes, suplícios e punições dos acusados de envolvimento na conspiração pisoniana, conta que Átila salvou-se, sem castigo e sem perdão: "Atila, mãe de Aneu Lucano, por ter sido dissimulada, permaneceu sem absolvição e nem suplício." (*Acilia mater Annaei Lucani sine absolutione, sine suplicio dissimulata*).[191] Notamos que Tácito utiliza o particípio "*dissimulata*", que indica que o fato de Atila não ter sofrido pena alguma se deve a um esquecimento, provavelmente por ela ter apresentado um comportamento dissimulado.

A dissimulação é tema recorrente nos *Anais*. Tácito relaciona o comportamento dissimulado da aristocracia do período Júlio-Cláudio com a falta de liberdade, devido à tirania. Neste sentido, o historiador indica que a dissimulação era também um comportamento comum da aristocracia como uma estratégia de sobrevivência. A dissimulação oculta a verdade e, desta forma, se relaciona com a noção de história presente nos *Anais*. Para Tácito, a busca pela verdade é caracterizada por colocar em evidência aquilo que não era visível para todos, nem por aqueles que viveram durante o período narrado, e nem por aqueles do tempo do historiador.[192]

---

[190] Esta Popeia é personagem de ocorrência única na narrativa dos livros neronianos dos *Anais*. Entretanto, durante o relato dos acontecimentos do principado de Cláudio, é mencionada em três capítulos: *Ann.* XI, 1-2, 4.
[191] *Ann.*, XV, 71, 3.
[192] FAVERSANI, 2011.

Outra personagem que também ressalta um tipo de comportamento da aristocracia é Pompónia Grecina. Ela é tida por Tácito como exemplo de mulher virtuosa. Pompónia era esposa de Pláucio, um aristocrata distinto. Pláucio foi cônsul *suffectus* em 29 e, tendo liderado um bem sucedido ataque para assegurar territórios no sul da Bretanha no ano de 43, recebeu ovação das tropas. No entanto, não recebeu o título de *imperator*, já que, durante o império, esta graça era reservada somente aos príncipes. Tácito menciona Pompónia no segundo capítulo dedicado à narrativa dos acontecimentos do ano de 57. O historiador ressalta que, neste ano, aconteceram "poucas coisas dignas de memória" (*pauca memoria digna euenere*),[193] e uma delas foi a absolvição de Pompónia. Os acontecimentos do ano de 57 ocupam somente três capítulos do livro XIII.[194] Conta Tácito que Pompónia foi acusada de praticar superstições estrangeiras e que seu marido foi responsável pelo seu julgamento. Pláucio levou Pompónia à presença dos senadores, expôs os costumes da mulher e a julgou inocente. A isto, Tácito acrescenta que Pompónia teve uma longa vida e que viveu quarenta anos de luto por causa da morte de Júlia, filha de Druso, devido às intrigas de Messalina. Pompónia provavelmente era parente de Júlia, pois Druso era neto de Pompónio Ático, pelo lado materno. Júlia morreu em 43, quando Pompónia deu início ao luto, que durou até sua morte, por volta de 83. Tácito ressalta que o luto de Pompónia não lhe fez correr riscos durante o principado de Cláudio e que o comportamento dela lhe proporcionou muita glória.[195] Neste sentido, Tácito indica que comportamentos orientados pela austeridade são *exempla* de virtudes, proporcionam fama pela posteridade, além de garantir sobrevivência em situações de tirania.

Há também personagens que, além de enfatizar um tipo de comportamento da aristocracia, ressaltam, de forma mais direta, o comportamento de Nero. Ou seja, são personagens que aparecem diretamente relacionadas com a construção da imagem do imperador. Uma destas personagens é Claudia Augusta, filha de Nero com Popeia. Claudia Augusta nasceu no ano de 63 e seu nascimento e morte são relatados exatamente no primeiro capítulo da parte da narrativa dedicada ao relato dos acontecimentos deste ano.[196] Tácito narra a comemoração exagerada de Nero e o comportamento adulatório do senado. Para comemorar o nascimento da filha, Nero deu o título de Augusta a ela e também à Popeia. O senado mandou celebrar vários jogos,

[193] *Ann.*, XIII, 31, 1.
[194] *Ann.*, XIII, 31-33.
[195] *Ann.*, XIII, 32.
[196] *Ann.*, XV, 23.

inclusive semelhantes aos que comemoravam a batalha do Ácio, e do mesmo modo, jogos celebrando as famílias Cláudia e Domícia, ordenou também que se erigisse um templo à Fecundidade e que se colocassem estátuas de ouro junto a Júpiter Capitolino. Entretanto, a menina morreu em menos de quatro meses, e por isso não se realizou nada do que foi planejado. Contudo, as adulações continuaram. Tácito indica que a morte de Claudia Augusta, "deu início a novas adulações" (*rursusque exortae adulationes*).[197] Decretaram que fosse honrada como uma deusa, mandaram erigir um templo, com um *pulvinar*[198] e um sacerdote. Tácito enfatiza o comportamento adulatório do senado ao narrar que os senadores foram até a colônia de Ântio, onde a menina nasceu, cumprimentar o príncipe. Somente Traseia Peto não foi e, ainda assim, por ter recebido ordem para que não viesse. Traseia representa um personagem de contraponto ao longo de toda a narrativa do principado de Nero, ele não apresenta comportamento adulatório. Tácito indica que a conduta virtuosa de Traseia é um comportamento arriscado e, neste sentido, encerra o capítulo com uma *sententia* (sentença): "o que aumentava a glória de homens distintos era também o que incorria em perigos" (*unde gloria egregiis uiris et pericula gliscebant*).[199] Mas, além deste episódio ressaltar características do comportamento dos senadores, notamos que a personagem de Cláudia Augusta está diretamente associada à construção da imagem de Nero. Tácito apresenta Nero como excessivo, principalmente por utilizar a palavra *immodicus* (desmedido, excessivo) ao narrar que o príncipe apresentou comportamento extravagante tanto na ocasião do nascimento como também na morte da filha: "[Nero] foi excessivo tanto nas aflições quanto tinha sido na alegria" (*atque ipse ut laetitiae, it maeroris immodicus egit*).[200] Deste modo, por demonstrar a conduta desmedida de Nero, Tácito indica a falta de *moderatio*, virtude essencial que um príncipe deve apresentar.

Outra personagem deste tipo, que aparece somente uma vez na narrativa e que contribui diretamente para a construção da imagem de Nero, além de ressaltar características do comportamento aristocrático é Dido, a lendária rainha de Cartago. Ela aparece no primeiro capítulo do livro XVI. Neste capítulo, Tácito narra que um cartaginês de nome Cesélio Basso,[201] ao conseguir uma audiência com Nero à força de

---

[197] *Ann*. XV, 23, 3.
[198] Um tipo de leito destinado aos deuses.
[199] *Ann*. XV, 23, 4.
[200] *Ann*. XV, 23, 3.
[201] Suetônio também relata este episódio: Suet., *Nero*, 31, 4. Suetônio menciona Dido, mas não menciona o cartaginês, ele atribui a história do tesouro perdido a um esquestre romano. O fato de Tácito ter qualificado Cesélio Basso como cartaginês possivelmente guarda intenção de ressaltar o caráter pérfido

dinheiro, confidenciou ao príncipe um sonho que teve, no qual lhe foi revelado a localização de grande quantidade de ouro. Em sua história, Cesélio cita Dido, a qual, segundo ele, provavelmente teria escondido o ouro depois que fugiu de Tiro. De acordo com a tradição, Dido fugiu de Tiro devido a uma disputa dinástica e fundou Cartago. A história da fundação de Cartago na qual Dido está envolvida é uma lenda, desprovida de veracidade histórica. Neste sentido, podemos compreender que Dido foi inserida no relato dos *Anais* para reforçar o caráter de fábula da história de Cesélio, a qual Nero deu crédito como se fosse verdadeira.

Dido também é personagem da *Eneida*, epopéia de Virgílio. Murgatroyd aponta que Tácito, por meio de paródia com a *Eneida*, visa ridicularizar Nero.[202] Neste sentido, indica que a inserção de Dido na narrativa taciteana denota elementos a respeito de um possível paralelismo entre o Cesélio de Tácito e a Dido de Virgílio e também uma relação entre Nero e Enéias. Este autor argumenta que, ambos, Cesélio e Dido, eram de Cartago, fizeram longas viagens, tiveram sonhos, foram enganados e cometeram suicídio. Desta forma, é estabelecida uma vinculação entre Cesélio como Dido e Nero como Enéias, visando enfatizar as falhas de Nero em contraste com seu antecessor Enéias.

Deste modo, podemos inferir que Tácito utiliza elementos de humor na narrativa do episódio e caracteriza Nero como um tolo. Junta-se a isso, ainda, outras características, como a ambição e a imprudência. Estas últimas são enfatizadas pelo fato de Nero ter enviado homens e navios em busca do tesouro sem antes ter examinado a veracidade da história de Cesélio e também por ter gasto riquezas antigas, na confiança de que encontraria o ouro. Sobre este ponto, Murgatroyd indica que uma possível vinculação entre Nero e Enéias, ressalta, dentre outras características, a ausência de *pietas* nas ações de Nero, qualidade pela qual Enéias era conhecido por ter considerado o seu povo, enquanto que Nero, marcadamente imprudente, excessivo e desmedido, dissipou as riquezas romanas de modo que, segundo Tácito, "a esperança das riquezas

---

da personagem, pois como aponta Lemaire, em comentário a um epigrama de Marcial dedicado a Sílio Itálico: "os púnicos foram considerados pelo vulgo pérfidos e traidores, assim como o atesta o próprio Sílio Itálico no início de seu primeiro livro: 'Por três vezes Marte funesto, jurou-se o pacto de Jove e os chefes sidônios romperam os tratados dos pais" (*perfidi uulgo ac foedifragi Poeni sunt habiti, ut ipse testatur Silius Italicus initio primi libri*: *Ter Marte sinistro iuratumque Ioui foedus, conuentaque patrum Sidonii fregere duces*). LEMAIRE, 1837, p. 387. (Sobre o poema de Itálico, cf.: Sílio Itálico, *Punica*, I, vv. 8-10.)

[202] MURGATROYD, In: McKECHNIE, 2002, p. 131-33.

se tornou uma das causas da pobreza pública." (*divitiarum exspectatio inter causas paupertatis publicae erat*).[203]

Mais uma vez Tácito indica a falta de *moderatio* no comportamento de Nero, consequência da falta de *prudentia* do príncipe. Esta ideia se faz evidente pelo uso da palavra *prudentes* no capítulo seguinte àquele da menção de Dido, quando Tácito relata que a história adquiriu fama e que se tornou assunto corrente. As pessoas prudentes não acreditavam na existência de tal tesouro e o povo dava crédito a história: "não se falava de outra coisa por aqueles dias, o povo por causa da comum credulidade, e os instruídos porque eram hostis ao que se contava" (*nec aliud per illos dies populus credulitate, prudentes diuersa fama tulere*).[204] Deste modo, Tácito aproxima Nero do vulgo, enfatizando a falta de *prudentia* do príncipe. Nota-se que poucas linhas depois Tácito menciona que o episódio foi utilizado por poetas e oradores com vistas de adular Nero. Além desta história do tesouro, ainda inventavam outras, certos de que Nero iria lhes dar crédito. Tácito adiciona o tema da adulação, entretanto esta adulação dos poetas e oradores, diferente daquela do senado, apresenta ambiguidades, pois, ao mesmo tempo em que Tácito classifica a adulação dos poetas e oradores como servil, indica também a intenção deles em ridicularizar o príncipe, o que é reforçado pelo fato deste acreditar em coisas fictas como se fossem verdadeiras: "produziam ainda outras adulações servis, que adornavam com muita eloquência, seguros sobre a ingenuidade do crédulo (Nero)" (*quaeque alia summa facundia nec minore adulatione servilia fingebant, securi de facilitate credentis*).[205]

Uma outra personagem de ocorrência única e que auxilia diretamente na caracterização do príncipe é Estalília Messalina, terceira esposa de Nero.[206] Estatília pertencia a uma família de cônsules e ficou conhecida por sua eloquência.[207] Segundo Tácito, antes mesmo de se casar com Nero, Estatília já era sua amante, além de ser casada com Vestino, cônsul em 65. Estatília aparece no capítulo 68 do livro XV. Neste capítulo Tácito indica que Nero se aproveitou da conspiração pisoniana para eliminar inimigos pessoais, mesmo que não estivessem envolvidos na conspiração. Vestino, cônsul em exercício, foi um deles. Tácito deixa bem claro que Nero não tinha motivos

---

[203] *Ann.*, XVI, 3, 1.
[204] *Ann.*, XVI, 2, 1.
[205] *Ann.*, XVI, 2, 2.
[206] Cf. *Suet*. Nero, 35,1. Suetônio também menciona Estatília na biografia de Otho, indicando que este tinha intenção de se casar com ela.
[207] Para mais informações sobre a educação e eloquência de Estatília e de mulheres da elite romana, ver: HEMELRIJK, 1999, p. 15-55.

para acusar Vestino, e que este nem sequer foi convidado para participar da conspiração. Tácito relata que Nero e Vestino foram amigos, e que o ódio de Nero contra ele vem desde estes tempos, quando Vestino passou a conhecer o verdadeiro caráter do príncipe. Além disso, Nero guardava ressentimentos, advindos de ocasiões nas quais Vestino teria zombado dele. Tácito, no final do capítulo, acrescenta a estas causas o fato de Vestino ter se casado com Estatília, mesmo tendo ciência de que Nero era um de seus amantes. Nota-se que os motivos pelos quais Nero queria incriminar Vestino são todos de caráter pessoal. No início do capítulo seguinte, Tácito relata que, mesmo na falta de motivos para acusar Vestino, Nero resolveu empregar meios legais, aproveitando-se dos poderes que lhe foram instituídos. Nero ordenou a um tribuno que fosse, com uma corte de soldados, à casa de Vestino a fim de desarmá-lo e ocupar sua casa. Em meio a esta situação, Vestino optou pelo suicídio. O episódio demonstra o abuso da autoridade de Nero, enfatizando o caráter tirano do príncipe. A inserção da personagem de Estatília na narrativa contribui para esta caracterização de Nero, na medida em que realça o sentido pessoal das desavenças do príncipe e do cônsul. Nota-se também que Tácito é o único autor latino que atribui características viciosas a Estatília. Suetônio, ao referir Estatília, cita que ela era bisneta de Taurus, que foi duas vezes cônsul e agraciado com um triunfo, e, deste modo, ressalta que ela era de família consular. Juvenal menciona suas habilidades na arte retórica. Já Tácito, sem menção alguma das qualidades de Estatília, indica o caráter de adúltera e a promiscuidade dela, ao relatar que "Nero era um de seus vários amantes" (*inter adulteros eius et Caesarem esse*).[208] Desta forma, percebemos que Tácito, ao retratar Estatília como personagem viciosa, enfatiza a natureza das pessoas com as quais o príncipe se relacionava. Nos *Anais*, a associação entre personagens viciosas e virtuosas entre si é de fundamental importância na caracterização de personagens, já que, muitas vezes, virtudes ou vícios são considerados como consequência das relações entre as personagens, como vimos, por exemplo, entre esposas leais e maridos virtuosos. Neste sentido, a atribuição de vícios a Estatília denota e reforça a igual natureza viciosa de Nero. Temos assim uma combinação de fatores representados por uma mulher adúltera e promíscua com a qual não se deveria casar, um consular que ao se casar com ela sela sua própria perda, um imperador que deseja uma mulher que deveria evitar tanto por ela ser casada quanto por

[208] *Ann*., XV, 68, 3.

ela ser adúltera.[209] Nero causa a morte de um inocente e se casa com Estatília, restando claro que dava mais um passo para o seu próprio fim. Assim, as ideias de que Nero merece ser criticado e que se perderá são reforçadas pelas interações estabelecidas pelas personagens, sendo que a personagem feminina representa a figura central neste retrato.

Temos ainda mais uma personagem de ocorrência única que contribui diretamente na formação da imagem de Nero: Sília, que era também esposa de um senador. Sília aparece no capítulo 20 do livro XVI. No capítulo anterior, Tácito relata a morte de Petrônio. O historiador ressalta que Petrônio, ao contrário de outros condenados de envolvimento na conspiração pisoniana, não adulou o príncipe em seu testamento. Ao invés disso, Petrônio narrou as obscenidades de Nero e ainda citou nomes dos participantes. Tácito então relata que Nero, sem saber como suas atividades noturnas tinham se tornado públicas, ou seja, sem saber como Petrônio tomou conhecimento delas, lembrou-se de Sília, que era íntima de Petrônio e também cúmplice das orgias do príncipe, por ter sido requisitada por ele para participar de suas libidinagens. Nero manda Sília para exílio, com a ressalva dela manter silêncio sobre tudo o que sabia. Estas são as únicas informações que Tácito fornece sobre Sília. O historiador não menciona o nome de seu marido e nenhuma outra informação que poderia ajudar na sua identificação. Ela aparece na narrativa somente para enfatizar que as orgias de Nero eram de conhecimento público, ainda que o próprio *princeps* desconhecesse. Nero é mostrado assim como imprudente, por desconhecer o que deveria saber, além de impudente. A inserção dela na narrativa ressalta a fragilidade do pacto da amizade entre pessoas viciosas e denota também como se dava o envolvimento da aristocracia nas libidinagens do príncipe. Silia aparece no final da parte preservada do livro XVI. Neste momento do relato, a personagem de Nero caracterizada com comportamento sexual desviante já estava estabelecida na narrativa, portanto, Sília apenas auxilia na manutenção da imagem de Nero como portador deste comportamento. Nero, deste modo, ao levar Sília a agir mal produz sua desgraça. Ela age mal por participar nas orgias motivada por Nero, mas, sendo viciosa, agirá mal por não guardar o segredo como equivocadamente o *princeps* esperava que ocorresse. Uma vez mais, as interações entre *princeps*, outro aristocrata e uma mulher leva à construção de um retrato em que as interações são importantes para evidenciar que o imperador é vicioso e

[209] A preferência por mulheres adúlteras, esposas de amigos, e o casamento com elas representa sinal de ruína de aristocratas. Nos *Anais*, livros neronianos, além de Estatília Messalina, Tácito apresenta mais duas mulheres com este perfil: Pôncia (*Ann*., XIII, 44), que causou a ruína de Otávio Sagita, tribuno do povo, e Arria Gala (*Ann.*, XV, 53 e 59), causou a infâmia de Píson.

seus vícios produzem situações que prejudicam também a ele próprio. Uma vez mais, uma mulher é colocada no centro da composição.

O ápice, no que restou dos *Anais*, da caracterização de Nero como praticante de orgias se dá no livro XV, capítulo 37, quando Tácito narra um banquete promovido por Tigelino e o casamento de Nero com o liberto Pitágoras.[210] Sobre este episódio, atentaremos para as representações das mulheres e do feminino nesta parte da narrativa. Ao relatar detalhes do banquete, Tácito menciona que havia lupanares nos quais matronas romanas ocupavam lugares frente a prostitutas nuas. O historiador ressalta que neste banquete Nero parecia ter esgotado as abominações imagináveis, mas poucos dias depois conseguiu ainda superar tal conceito, em ocasião que, se passando por mulher, realizou um casamento com o liberto Pitágoras. O que se percebe é que a caracterização de Nero como portador de uma conduta sexual desviante denota desordem e inversão de papéis sociais, fator que, durante este principado, toma dimensões assustadoras, englobando vários setores da sociedade romana. Nero, que tantas vezes na narrativaa assumiu comportamentos que poderiam ser associados às mulheres, fez-se mulher, noiva que se casa com um liberto. Rompe-se assim a fronteira entre homem e mulher e também entre o universo livre e o servil. Onde as distinções nada significam, emerge a desordem. Neste episódio, a personagem feminina representada pelo imperador está no centro do retrato, um retrato em que as realidades se sobrepõem criando uma cena irreal. Uma outra fronteira destruída por Nero neste episódio é aquela do que pode se ver/mostrar publicamente. Diz Tácito que: "O imperador recebeu o *flammeum*; foram consultados os auspícios; fez-se a escritura do dote; preparou-se o leito nupcial e acenderam-se as luzes nupciais. Nada faltou e publicamente se permitiu ver tudo que se faz com as mulheres à noite." (*inditum imperatori flammeum; missi auspices; dos et genialis torus et faces nuptiales, cuncta denique spectata, quae etiam in femina nox operit*).[211]

Esta generalização de práticas viciosas já é apontada por Tácito logo no início deste capítulo 37, ao indicar que o príncipe não fazia distinção entre público e privado, e começou a dar banquetes em lugares públicos, considerando toda a cidade como seu

[210] Nero se casaria mais uma vez com um liberto, de nome Sporus, mas desta vez fazendo papel masculino. Infelizmente, este episódio deveria estar na parte que se perdeu dos *Anais* e não é possível comparar a abordagem dada por Tácito aos dois casamentos. Cf. Dio, 62, 28, 2-3.
[211] *Ann*., XV, 37, 4.

palácio.[212] Tal generalização enfatiza a desordem por demonstrar ausência de hierarquias. No principado de Nero, como retrata Tácito, a situação de desordem social se agrava, pois ela se dá por iniciativa do próprio príncipe, colocando em interação o povo e a aristocracia. Esta situação é enfatizada, ainda, pela inversão de papéis socialmente constituídos e que, porém, são aceitos como naturalmente determinados, como por exemplo, a troca entre masculino e feminino, como representada no casamento de Nero com Pitágoras. Como nota Champlin, ao analisar o banquete de Tigelino: "O efeito desta narrativa é impressionante: uma sociedade sucumbindo em uma orgia de sexo e violência sob um imperador que parecia estar determinado a perverter o curso da natureza."[213]

Analisaremos agora as personagens femininas que foram mencionadas entre duas e quatro vezes nos livros neronianos. Assim como algumas das personagens de ocorrência única, algumas destas também auxiliam na caracterização de uma personagem de maior visibilidade na narrativa. Como exemplos, citamos Pythias,[214] a escrava leal de Octávia, e Acerrônia,[215] a escrava desleal de Agripina. Para se separar de Octávia, Nero a acusou falsamente de adultério e mandou submeter à tortura todas as suas escravas. Tácito narra que algumas, devido à dor, fizeram confissões que poderiam comprometer Octávia, enquanto outras foram persistentes em afirmar a inocência da ama. Uma das escravas, a qual Dion Cássio nomeia Pythias,[216] demonstrou lealdade de tal maneira que chegou a insultar o torturador (Tigelino), dizendo-lhe que até as partes íntimas de Octávia eram mais puras que a boca dele. Importante ressaltar que Tácito, no prefácio das Histórias, citado no início desta seção, classifica os escravos que demonstram lealdade em situações de tormento como *bona exempla*. Segundo Holt Parker, nos *exempla* de escravos leais, as virtudes apresentadas pelo escravo se tornam uma testemunha do bom caráter do senhor.[217] Deste modo, as histórias de virtudes de escravos são devidas à fama do senhor e reforçam a imagem deste, ou seja, compõem o *exemplum* que o senhor representa. Nesta perspectiva, Pythias é um exemplo claro de

---

[212] MILNOR, 2005, p. 298-99. A partir de uma abordagem diferente da de Milnor, Paul Veyne analisa a aproximação de Nero do povo como um sinal de uma utopia deste imperador. Segundo este autor, "A utopia de Nero tentou modificar as razões que, pensava ele, os sujeitos podiam ter para lhe obedecer" (VEYNE, 1987, p. 17). Neste sentido, o autor analisa como esta utopia levou Nero à ruína.
[213] CHAMPLIN, 2003, p. 154. "The effect of this narrative is stunning: a society collapses in an orgy of sex and violence under an emperor who seems determined to pervert the course of nature."
[214] *Ann.*, XIV, 60 e 62.
[215] *Ann.*, XIV, 5-6.
[216] Tácito não cita este nome, mas o encontramos em Dio LXII 13, 4. Devemos atentar para o sentido deste nome: Pythias remete a um modelo de amizade verdadeira.
[217] PARKER, In: JOSHEL; MURNAGHAN, 1998, p. 167.

personagem que foi inserida na narrativa para evidenciar as virtudes de Octávia. Em contraposição, Acerrônia, a escrava de Agripina, apresenta raciocínio servil e, portanto, ambicioso e desleal. Acerrônia acompanhava Agripina na embarcação que Nero mandou construir para forjar um naufrágio, pois assim a morte da mãe teria aparência de acidente. O plano de Nero falhou, porque além dos tripulantes terem se atrapalhado no momento do naufrágio, Agripina e Acerrônia conseguiram se salvar, apesar de terem ficado presas debaixo da armação de um leito. Acerrônia, pretendendo enganar a tripulação e ser salva logo, gritou que ela era Agripina, imaginando que isto faria com que fosse atendida de pronto. Mas seu ardil levou a que fosse morta de imediato por golpes de remos e outros objetos navais. Agripina, percebendo toda a trama, ficou calada e se pôs a nadar até a margem. Interessante notar, então, que a escrava que apresenta virtudes está associada à Octávia, modelo virtuoso, enquanto a que apresenta vícios está associada à Agripina, modelo vicioso.[218]

Assim, as interações não só reforçam as características individuais, mas promovem uma nova realidade para além das individualidades. Pessoas virtuosas geram coletivos virtuosos, especialmente se elas são superiores hierárquicos e têm poder sobre a ação alheia. Mas em Tácito, como temos visto, os inferiores não são constrangidos a agir bem ou mal, simplesmente o fazem. As interações não são circunstâncias isoladas, mas criam em seu conjunto, uma existência virtuosa ou viciosa.

Um outro exemplo interessante relacionado à lealdade de libertos é o da liberta Epícaris. Como as escravas de Octávia e Acerrônia, ela também aparece duas vezes na narrativa,[219] mas diferente daquelas, a personagem de Epícaris é utilizada para gerar uma contraposição de comportamentos.[220] Envolvida na conspiração pisoniana, a liberta foi submetida à tortura e preferiu suicidar ao invés de denunciar os conjurados. Tácito compara a conduta dela, que na condição de liberta e mulher foi muito mais leal que senadores, equestres e cidadãos romanos, que sem sofrer tortura alguma, denunciavam aqueles que lhes deviam ser caros.

Os escravos leais, assim como as esposas leais, demonstram a superação de sua natureza, ao adotar um comportamento excepcional. Escravos e mulheres geralmente

---

[218] Há ainda uma outra escrava desleal de Agripina: de ocorrência única na narrativa, ela aparece no capítulo dedicado ao relato da morte de Agripina. Conta Tácito que quando Aniceto, o encarregado de matar a mãe do imperador – que está envolvido nas farsas construídas para justificar o repúdio de Octávia – , chega no *cubiculum* (quarto de dormir) onde estava Agripina, encontra ali esta e também uma escrava que ia se retirando, é para ela que Agripina dirige as palavras: "*tu quoque me deseris*?" (tu também me abandonas?). *Ann*., XIV, 8, 4.
[219] *Ann*., XV, 51 e 57.
[220] DAITZ, 1960, p.48.

são caracterizados tendo a ambição como um vício em comum. Esta ambição é caracterizada pela busca de vantagens pessoais. Sem ter na *respublica* uma via de ascensão e distinção sociais, mulheres e escravos eram vistos como elementos potencialmente perturbadores da ordem, por poderem se dispor a construir mecanismos de promoção que desconsideravam as regras cívicas, e muitas vezes pervertiam estas mesmas regras.

Desta forma, a ambição e o individualismo são características próprias da condição servil, e também fazem parte da natureza feminina. Como bem nos lembra Joly: "Para Tácito, uma das principais características do que poderíamos denominar de uma 'racionalidade servil' é a conduta pautada pela satisfação de interesses pessoais do escravo".[221] Um exemplo típico deste tipo de comportamento seria o do liberto Milicho e sua esposa.[222] Milicho, liberto de Cevino, descobriu que seu patrono estava envolvido na conspiração pisoniana. Em dúvida, se o denunciava ou não, resolveu pedir conselhos a sua esposa. Tácito narra que ela, como mulher, lhe aconselhou o pior, já que recomendou ao marido que denunciasse o patrono.

Etenim uxoris quoque consilium adsumpserat muliebre ac deterius: quippe ultro metum intentabat, multosque adstitisse libertos ac servos, qui eadem viderint: nihil profuturum unius silentium, at praemia penes unum fore, qui indicio praevenisset.[223]

De fato, aconselhou-se também com sua esposa, conselho de mulher, portanto mais deletério: sem dúvida, além de lhe incutir medo, disse-lhe que muitos libertos e escravos estavam também presentes, de modo que teriam testemunhado os mesmos acontecimentos, e que o silêncio de um único homem não havia de servir para nada, mas, sim, que os prêmios estariam nas mãos de um só, daquele que, por seu discernimento, se antecipasse a todos.

O argumento usado pela mulher para convencer o esposo demonstra sua ambição e individualismo, pois lhe disse que se ele fosse o primeiro a denunciar, os ganhos seriam maiores. Milicho, igualmente ambicioso e desleal ao patrono, o denunciou. A denúncia se dá porque ambos acreditam que ninguém atuará eticamente, obedecendo aos deveres da "amizade". Aqui, claramente, predominam ações pautadas em uma lógica egoísta em detrimento de uma lógica altruísta. Seguindo um raciocínio servil, é honesto o que é útil para si.[224]

---

[221] JOLY, 2003, p. 71.
[222] *Ann.* XV, 54-55.
[223] *Ann.*, XV, 54, 4.
[224] Há ainda, nos *Anais*, outro exemplo deste tipo de comportamento individualista, representado por Locusta, mulher responsável pelo preparo dos venenos que mataram Cláudio e Britânico. Ao narrar o episódio da morte deste último, Tácito narra que Nero enfurece-se com Locusta devido à demora dos

Mas é importante ressaltar que apesar de apresentarem semelhanças em suas caracterizações, escravos e mulheres não devem ser considerados como agentes equivalentes. Embora estejam inseridos em um quadro jurídico de inferioridade em relação a seus esposos e senhores, as noções de deveres e obediência com aquele que possui a tutelas destes eram diferentes.[225] As relações estabelecidas por mulheres e escravos com seu *paterfamilias* fazia com que suas condições sociais fossem desiguais. Richard Saller aponta que a base da distinção entre mulheres e escravos está na ideia de *honor* (honra), que é reconhecida na *materfamilias*, mas que se faz ausente no escravo.[226] O autor demonstra esta diferença através da análise de alguns hábitos cotidianos domésticos relacionados ao campo linguístico, como por exemplo, o fato da mulher ser respeitosamente chamada *domina* (senhora), enquanto escravos eram algumas vezes designados *pueri* (meninos), o que denota a ausência de dignidade adulta e julgamento independente. Práticas jurídicas também demonstram esta assimetria, como o fato da mulher ter direito à propriedade, incluindo a possibilidade de ela ser proprietária até mesmo de uma *domus*, considerando tanto a casa, propriedade física, como também o controle sobre os residentes desta. Entretanto, importante lembrar que o direito romano não a reconhecia como 'chefe' de família, pois apesar de possuir *honor*, ela não detinha a *potestas* (poder, autoridade), reservada ao *paterfamilias*. Todavia, o direito à propriedade conferia certa autonomia às mulheres, fazendo até com que algumas delas pudessem ser reconhecidas como *patronae*.[227] Mas o que melhor demonstra as diferenças entre escravos e mulheres do ponto de vista estatutário e jurídico é que as esposas podiam ter escravos, enquanto escravos não podiam ter esposas (no máximo estabeleciam *conubium* com o consentimento de seus senhores). Deste modo, as relações que esposas e escravos estabelecem com os senhores são claramente distintas. Ao mesmo tempo, é de se esperar que esposas conquistem um espaço mais destacado nas *domus* e sejam mais autônomas nas suas intervenções fora deste ambiente doméstico.

Um exemplo de *patrona* é Júnia Silana, uma mulher rica, viúva, e sem filhos. Tácito a menciona em quatro capítulos na narrativa sobre o período neroniano.[228] Nos

---

efeitos do veneno dado a Britânico. O imperador culpa Locusta pela demora, uma vez que esta estava preocupada com a repercussão do escândalo. Cf. *Ann*., XIII, 15, 5.

[225] Sobre os princípios legais da autoridade do *paterfamilias* sobre a mulher e as práticas sociais das mulheres da elite, cf: POMEROY, 1995, 149-163.

[226] SALLER, 1998, 87-93.

[227] DIXON, 2001, p.95.

[228] *Ann.* XIII, 19, 21 e 22; XIV, 12.

capítulos 19, 21 e 22 do livro XIII, Júnia Silana aparece associada à Domícia, tia de Nero. Estas duas personagens são importantes na medida em que nos permitem mapear a extensão de algumas redes de influência encabeçadas por mulheres.[229] Inimigas de Agripina, estas duas mulheres aparecem no relato relacionadas a uma denúncia de falsa conspiração na qual Agripina estaria envolvida.[230] Para produzir essa intriga e fazer a notícia chegar até Nero, elas contaram com o auxílio de clientes e libertos; dentre eles estava o liberto Páris, que, segundo Tácito, tinha acesso à casa imperial. Agripina conseguiu provar sua inocência, e Júnia Silana foi desterrada. Domícia parece não ter sofrido punição.

Essas personagens de menor visibilidade, mencionadas entre duas ou quatro vezes no relato, não só auxiliam na compreensão do processo de caracterização de uma personagem mais destacada na narrativa, como também podem nos ajudar no entendimento de questões relacionadas à presença das mulheres na política romana. Como vimos, a presença de personagens femininas em uma narrativa histórica pode ter vários motivos, e nos leva a refletir sobre as modalidades do envolvimento das mulheres em assuntos políticos. Um exemplo destacado e que já mencionamos é a legitimidade política transmitida ou reforçada por elas. Na dinastia Júlio-Cláudia as mulheres foram peças políticas essenciais na sucessão do poder, primeiro, devido à ausência de herdeiros masculinos e, segundo, devido às conexões que poderiam estabelecer com o centro do poder, principalmente através de casamentos e filhos. Os imperadores desta dinastia procuravam legitimar o seu poder estabelecendo uma relação direta com Augusto, e muitas vezes esta ligação se deu através das mulheres.[231] Citamos, no capítulo anterior, o exemplo de Cláudio, que depois de sua ascensão, mandou divinizar Lívia, sua avó, pois ela representava a conexão direta dele com Augusto.[232] Casamentos também serviam para aumentar a legitimidade do César, como por exemplo, o casamento de Nero com Octávia, logo depois dele já ter sido adotado por Cláudio. É neste sentido que percebemos que as duas menções que Tácito faz de Antônia, filha de Claudio e sua primeira esposa, Aelia Paetina, são, sobre este ponto, elucidativas.[233] Antônia aparece pela primeira vez no livro XIII, relacionada a uma falsa denúncia de conspiração, na qual foram acusados de envolvimento Palas e Burro, que pretenderiam

[229] RODRIGUES, 2008, p.291.
[230] *Ann*. XIII,19.
[231] CORBIER, In: HAWLEY; LEVICK, 1995, p. 178.
[232] Suet., *Claudius*, XI, 2.
[233] *Ann.* XIII, 23 e XV, 53.

transferir o império a Cornélio Sula, ex-marido de Antônia. Curiosamente, no livro XV, ela aparece mais uma vez relacionada a uma conspiração. De acordo com os planos da conspiração pisoniana, Antonia iria acompanhar Pison na apresentação que fariam dele, depois da pretendida morte de Nero: "(Pisão) deveria ir acompanhado de Antonia, filha do imperador Cláudio, a fim de obter estima do povo" (*comitante Antonia, Claudii Caesaris filia, ad eliciendum uolgi fauorem*). Tácito deixa claro que a intenção dos conjurados em fazer com que a filha de Claudio acompanhasse Pisão era obter aprovação do povo, através da presença de uma representante da *gens* Cláudia como garantia de continuidade.[234] Nos únicos dois momentos em que aparece durante a narrativa, a personagem de Antônia confere legitimidade a um possível César. Vale lembrar que as duas filhas de Cláudio, Antônia e Octávia, receberam os nomes da mãe e avó materna de Cláudio, através das quais o César mantinha uma conexão com Augusto, além da avó paterna Lívia. Como nos lembra Corbier,[235] o prestígio destas matronas foi, de certo modo, transmitido para as filhas de Cláudio através dos nomes, o que explica, em parte, os conspiradores tenham recorrido a Antônia e a revolta do povo quando Nero se separou de Octávia.[236]

Dentre as mulheres que aparecem entre duas e quatro vezes na narrativa dos livros neronianos, destacam-se alguns modelos de virtude. Como, por exemplo, Polúcia (*Pollitta*), filha de Vétus; Servília, filha de Sorano e Pompeia Paulina, esposa de Sêneca. Polúcia e Servília representam *exempla* de amor e fidelidade filial e também de lealdade marital. Polúcia era esposa de Rubélio Plauto e aparece em três capítulos dos *Anais.*[237] Primeiro, sem mencionar o seu nome, Tácito cita Polúcia no capítulo 59 do livro XIV. Nesta passagem, ela aparece apenas como esposa de Rubélio Plauto. Este capítulo é dedicado à narrativa da morte deste último, a quem Nero quis eliminar por equipararem em nobreza: Rubélio era neto de Druso, filho de Tibério, e por isso representava uma constante ameaça a Nero. Tácito narra que no ano de 62, Rubélio, consciente de sua situação ainda antes de ser acusado, refletia sobre qual procedimento adotaria, se organizava recursos para enfrentar Nero ou se deveria se resignar e esperar a morte iminente. Escolheu esta última alternativa e um dos motivos, especula Tácito, foi que considerava muito a esposa e os filhos e desta maneira evitaria que o César se vingasse

[234] *Ann*. XV, 53, 3.
[235] CORBIER, In: HAWLEY; LEVICK, *op. cit*., p. 187.
[236] *Ann*., XIV, 60-61.
[237] *Ann*., XIV, 59; XVI, 10-11.

neles. Tácito utiliza a expressão "*amore coniugis*" (amor por sua esposa).[238] Neste sentido, Tácito indica o caráter virtuoso de Polúcia, que, evidentemente, por ser esposa virtuosa, gozava de amizade e amor do marido.

O nome de Polúcia aparece somente no livro XVI, na parte da narrativa sobre os acontecimentos do ano de 65, portanto três anos depois da morte de Rubélio. Nesta parte do relato, Tácito narra acusações e mortes injustas e conta que Vétus, sua sogra Séxtia e a filha Polúcia morreram apenas porque estando vivos, pareciam arguir o César sobre a morte de Rubélio. Nero providenciou acusadores contra Vétus, que, tendo notícia de que seria acusado, partiu para Fórmias em companhia de sua filha. Contudo, os soldados o cercaram e então ele pediu à Polúcia que fosse até o príncipe interceder pelo pai. Polúcia foi até Nápoles, mas não conseguiu uma audiência com Nero, apesar de todos os seus rogos, que, segundo Tácito, ora demonstravam sua condição feminina por suas "lamentações de mulher" (*muliebri eiulatu*),[239] ora demonstravam um caráter "superior ao seu sexo" (*sexum egressa*),[240] por apresentar vigor de caráter masculino.

Neste sentido, Tácito indica que o comportamento de Polúcia alcançava qualidades que não condiziam com sua natureza. Ou seja, por ser uma mulher de virtudes, Polúcia, por vezes, apresentava comportamento de superação da natureza feminina, essencialmente viciosa. Entretanto, Tácito aponta que ela oscilava entre um comportamento naturalmente feminino e um comportamento notadamente masculino. Isto porque o comportamento temporário e transgressor de Polúcia não revela que ela possui ambições no sentido de exercer um papel masculino. Tácito não tem interesse em caracterizar Polúcia como mulher que adota conduta masculina para exercer ambições femininas. O foco da narrativa neste momento é outro. A capacidade de Polúcia em exercer atitudes masculinizadas representa apenas mais uma de suas virtudes. Além disso, ela não deixa de apresentar qualidades próprias da condição feminina e que são valorizadas em uma mulher.

Poucas linhas antes, Tácito conta que Polúcia vivia em estado de tristeza desde a morte do marido. O historiador a apresenta com todas as qualidades da viúva exemplar. Ela se recusa a esquecer o marido, e representa um testemunho vivo de tudo o que aconteceu a ele. Ela ainda guardava o vestido salpicado de sangue que trajava quando recebeu a cabeça de Plauto, na ocasião do assassinato. Vivia em estado de "luto

[238] *Ann*., XIV, 59, 1.
[239] *Ann*., XVI, 10, 4.
[240] *Ann*., XVI, 10, 4.

contínuo" (*luctu continuo*),[241] e se alimentava apenas o necessário para se manter viva. Relatando essas atitudes de Polúcia, Tácito atribui a ela características da esposa e viúva leal. O fato de Polúcia ter reduzido os alimentos aponta para um *tópos* que relaciona a sobrevivência da mulher à incapacidade dela viver sem o marido. Como ressalta Parker, tal *tópos* indica que a dependência da mulher apresenta, também, um fundamento físico: "A incapacidade da esposa de viver sem seu marido é apresentada como tendo uma base física".[242] Desta forma, a mulher que manifesta a falta do marido através da redução de sua alimentação demonstra intensa lealdade a ele.

Como Polúcia não conseguiu uma audiência com o príncipe, Tácito narra, no capítulo seguinte, que ela retornou à casa do pai e disse-lhe que o melhor a fazer era resignar-se a morrer. Então Vétus, a sogra Séxtia, e Polúcia suicidaram juntos. Tácito ressalta que foram acusados depois de já mortos. Interessante notar que o mesmo ocorreu com Rubélio Plauto, este também recebeu sentença depois de ter sido assassinado.[243]

Evidentemente, a apresentação de Polúcia, relacionada a seu pai e a seu marido, compõe um *exemplum* virtuoso e enfatiza a natureza cruel de Nero. Deste modo, indica a ausência de virtudes, tal como a *pietas*, que orientem o comportamento do príncipe.

Poucos capítulos depois Tácito apresenta outro modelo de amizade filial, representado por Servília, filha de Sorano. Ela aparece no final da parte preservada do livro XVI, capítulos 30-33. Nesta parte do relato, Tácito narra como se deu a morte de Bárea Sorano e Traseia Peto, considerados dois homens ilustres. Uma das acusações contra Sorano era ter sido amigo de Rubélio Plauto e uma outra envolvia Servília, acusada de ter consultado os magos e dar-lhes dinheiro. A personagem de Servília apresenta muitas características semelhantes à de Polúcia, principalmente no que diz respeito à lealdade filial. Servíla, como Polúcia, também era viúva. Seu marido, Ânio Polião, havia sido desterrado, suspeito de envolvimento na conspiração pisoniana.[244] Entretanto, Servília não foi caracterizada com elementos que ressaltassem sua lealdade para com o marido. O que caracteriza Servília é sua imprudência feminina e juvenil, consequência de sua imensa lealdade para com o pai. Tácito utiliza a expressão *pietate*

---

[241] *Ann.*, XVI, 10, 3.
[242] PARKER, In: JOSHEL; MURNAGHAN, 1998, p. 172. "A wife's inability to live without her husband is made to have a physical basis." Parker analisa *exempla* de mulheres que morreram de fome de forma voluntária depois da morte de seus maridos. Para o autor, esta forma de morte representa uma das maneiras mais extremas e eficazes de demonstrar lealdade.
[243] *Ann.*, XIV, 59.
[244] *Ann.*, XV, 56 e 71.

Serviliae,[245] que ressalta a dedicação dela para com o pai. A lealdade de Servília, como aquela das esposas e escravos leais, evidencia o caráter virtuoso de Sorano, fator que estimula o comportamento leal da filha. Servília foi convocada a se apresentar no senado e lá expôs, frente ao pai, todos os motivos pelos quais havia consultado os magos: que era apenas para saber o destino da família e se a sentença seria muito atroz. Tácito reproduz a fala de Servília em forma de discurso direto. Ela é uma das poucas personagens femininas às quais são dadas falas desta forma. Servilia, junto com Sorano e Traseia, recebeu sentença de morte. Tácito destaca que "a violência das acusações - feitas à Sorano e Servilia - comoveram e causaram misericórdia" (*misericordiae saeuitia acusationis permouerat*).[246] Desta forma, não é difícil perceber que o contraste entre as virtudes dos acusados, a comoção dos que testemunhavam e a sentença final denota, mais uma vez, a falta de virtude do principal dos acusadores e responsável pela sentença, ou seja, de Nero.

Neste sentido, podemos afirmar que a análise de algumas personagens femininas demonstra que certas partes do relato são dedicadas à ênfase de determinado vício do imperador. O tema da falta de *pietas* de Nero é recorrente durante o livro XVI. Este tema é enfatizado no episódio da morte de Vétus, junto com a sogra e a filha Polúcia, narrado nos capítulos 10 e 11, e é retomado no livro 30, na narrativa do episódio da morte de Sorano e a filha Servília. Desta forma, nota-se uma preocupação, por parte de Tácito, de enfatizar e manter a imagem de Nero como imperador insensível e tirano ao longo do livro XVI, através do relato de episódios que evidenciam a falta de *pietas.*

Um outro modelo de virtude, dentre as personagens que aparecem entre duas e quatro vezes no relato, é representado por Pompeia Paulina, a esposa de Sêneca. A personagem de Pompeia Paulina é um interessante *exemplum* da esposa e viúva leal ao marido. Pompeia Paulina aparece nos *Anais* somente na ocasião da morte de Sêneca, episódio que ocupa quatro capítulos do livro XV.[247] A personagem de Pompeia Paulina participa do grupo de mulheres caracterizadas a partir do *tópos* da esposa leal ao marido. Analisamos estas mulheres no início deste capítulo. Entretanto aquelas são personagens de ocorrência única na narrativa, aparecem em apenas um capítulo dos livros neronianos dos *Anais*. Pompeia Paulina, apesar de aparecer apenas na ocasião da morte do marido, é citada em três dos quatro capítulos dedicados à narrativa da morte de

[245] *Ann.*, XVI, 30, 2.
[246] *Ann.*, XVI, 32, 2.
[247] *Ann.*, XV, 61-64.

Sêneca. Ela representa um *exemplum* mais completo que as personagens de ocorrência única, por apresentar vários *topoi* utilizados na caracterização de mulheres virtuosas e leais. Ela apresenta, inclusive, o mais expressivo deles: ela demonstra desejos de morrer junto ao marido. Tácito conta que Pompeia Paulina estava com Sêneca quando este recebeu ordem para morrer. Depois de fazer um discurso aos presentes, Sêneca abraçou a esposa, consolando-a, disse-lhe para moderar a dor e "tolerar a morte do marido através de consolações virtuosas" (*desiderium mariti solaciis honestis toleraret*).[248] No entanto, Paulina escolheu morrer junto a Sêneca. Nota-se que Tácito enfatiza que Sêneca não a persuadiu a agir desta maneira, e demonstra assim a autonomia de sua ação virtuosa. Sêneca também não tenta persuadi-la a continuar viva, reconhecendo a nobreza da ação da mulher. Sêneca diz a ela que, compartilhando este momento, ambos terão muita glória, mas que a morte dela será mais reconhecida: "terás mais fama por tua morte" (*claritudinis plus in tuo fine*),[249] já que a morte dela é voluntária. Os dois então cortam as veias dos braços. Mas Nero, ao receber a notícia do suicídio de Paulina, percebe que a morte dela ressaltará a sua crueldade e ordena que não a deixem morrer. Ou seja, Tácito demonstra que Nero tem consciência que o *exemplum* que Paulina protagoniza, ao agir desta maneira, se voltará contra ele, já que a morte dela junto a Sêneca reforçará o caráter virtuoso do marido e assim enfatizará o caráter tirano, cruel e injusto da ação de Nero ao causar a morte de seu tutor.

Nero, então, ordenou que fechassem as feridas de Paulina. Tácito conta que ela viveu por poucos anos depois da morte de Sêneca. O historiador, para rematar o *exemplum* de fidelidade que Paulina representa, atribui a ela características do *tópos* da viúva leal, aquela que demonstra a falta do marido na maneira como vive. A mulher que demonstra a ausência do marido de forma emocional através de costumes que denotem tristeza e austeridade representa e enfatiza as virtudes do marido. Esta demonstração pode estar fundamentada em fatores físicos, como vimos acima no exemplo de Polúcia, que reduziu os alimentos durante seu luto contínuo depois da morte de seu marido. Paulina também demonstra característica física, pois, enquanto esteve viva, se tornou testemunha viva da morte injusta de Sêneca, ao mostrar, em sua face, uma palidez decorrente da tristeza e também do sangue que havia perdido. Tácito indica também, que Paulina, nos poucos anos que viveu depois da morte de Sêneca, demonstrou sempre

[248] *Ann.*, XV, 63, 1.
[249] *Ann.*, XV, 63, 2.

"louvável recordação do marido" (*laudabili in maritum memoria*).[250] O *exemplum* de Paulina faz parte do *exemplum* protagonizado por Sêneca em sua morte exemplar e, como já dissemos, faz ressaltar as virtudes dele. A própria estrutura da narrativa de Tácito demonstra que o relato da tentativa de suicídio de Paulina seguida de sua viuvez faz parte do *exemplum* de Sêneca. O relato das ações de Paulina, inclusive de suas atitudes perpetradas depois da morte de Sêneca foi inserido exatamente no meio do relato da morte de Sêneca. Tácito narra, no capítulo 63, que Sêneca e Paulina cortaram as veias, e começa o capítulo 64 narrando que Nero mandou fechar as feridas dela, e então segue narrando sobre ações relacionadas somente a Paulina. O historiador retoma a narrativa dos últimos momentos de Sêneca já na metade do livro 64, de modo que o relato das ações de Paulina fica exatamente no meio do relato da morte de Sêneca. Como o *exemplum* de Paulina reforça o caráter virtuoso de Sêneca, ele reforça também os vícios de Nero. Ao narrar detalhadamente e de forma gloriosa a morte de Sêneca, Tácito demonstra a frieza com que Nero, aos poucos, vai eliminando pessoas de sua própria *domus* - como a mãe e o irmão - ou estritamente relacionadas a esta, como Sêneca, seu tutor. Tácito também demonstra que, ao se desligar de pessoas virtuosas como Sêneca e se associar cada vez mais a pessoas viciosas (como, por exemplo, Tigelino e Popeia), Nero vai se entregando gradualmente aos vícios, se sentindo mais propenso a estes e criando em torno de si toda uma esfera viciosa, que se faz evidente na narrativa através de ações e pessoas que demonstram diferentes tipos de vícios.

Ao identificar *topoi* utilizados na caracterização das personagens femininas dos *Anais*, podemos perceber a presença de determinados estereótipos retóricos. Como vimos no capítulo anterior, os estereótipos retóricos congregam vários *topoi*. Estes denotam coesão dos estereótipos, informando vícios e virtudes próprios de cada estereótipo. Isto fica claro através dos *exempla* analisados acima, que, constituídos a partir do *tópos* de mulheres leais, informam um tipo de estereótipo de mulher virtuosa. As personagens femininas que aparecem na narrativa entre duas e quatro vezes nos livros neronianos demonstram vários tipos de estereótipos. Nota-se que o estereótipo da esposa ou da viúva leal apresenta comportamento virtuoso adequado à mulher. Mas, percebe-se também, na narrativa taciteana, estereótipos que demonstram inversão de comportamento, ou seja, comportamentos inadequados às mulheres. Neste tipo de conduta não há, necessariamente, atribuição de vícios femininos à personagem, mas esta

[250] *Ann*., XV, 64, 2.

é caracterizada, sobretudo, pela atribuição de comportamento não condizente à natureza feminina. Um exemplo claro é o estereótipo da *dux femina*. Este estereótipo, definido no capítulo anterior, consiste basicamente na mulher que apresenta comportamento masculino orientado por preceitos militares, sobretudo os que dizem respeito ao comportamento do general. O estereótipo da *dux femina* apresenta um paradoxo, na medida em que indica a atribuição de características militares para a mulher, ao mesmo tempo em que sugere subtração de características viris ao general, gerando comportamentos inadequados. No capítulo anterior apontamos Agripina Maior e Agripina Menor como personagens caracterizadas com este estereótipo. Analisaremos agora uma outra personagem, de menor visibilidade na narrativa, que, embora de forma bem diferente que Agripina Maior e Agripina Menor, também demonstra características do estereótipo da *dux femina*. Esta personagem é Boudicca, esposa de *Prasutagus*, rei cliente de Roma.

Boudicca é mencionada em três capítulos dos *Anais*.[251] Ela aparece na parte da narrativa dedicada ao relato de uma insurreição dos icênios, episódio que ocupa os dez primeiros capítulos destinados à narrativa dos acontecimentos do ano de 61.[252] Boudicca liderou os bretões em batalha contra os romanos. Tácito narra que os icênios, na ocasião da ausência de Paulino Suetônio, o então comandante das tropas que ocupavam a Britânia, insurgiram violentamente. A revolta tinha por motivos o modo como estava sendo conduzida a ocupação romana. No capítulo 31, Tácito relata abusos da dominação romana e um deles foi a humilhação de Boudicca e suas filhas. *Prasutagus*, apesar de tê-las nomeado como herdeiras junto ao César, não conseguiu livrá-las de insultos. O reino foi saqueado por centuriões e o palácio por escravos, que açoitaram Boudicca e violentaram suas filhas. Os bens da nobreza foram confiscados e os parentes do rei foram tomados por escravos. Nota-se que a situação era de total desordem, de ambos os lados, icênios e romanos: centuriões e escravos soberbos, familiares do rei tratados como escravos e, para completar, mulheres no campo de batalha. Tal desordem marca ausência de medidas, sejam elas políticas, sociais ou militares. Desta forma, Tácito chama atenção para a busca de um equilíbrio nas relações de dominação.

---

[251] *Ann*., XIV, 31, 35 e 37. Ela também aparece duas vezes em *Agrícola*, 16, 1-2 e 31, 4. Nota-se que em Agrícola, ao mencionar Boudicca, Tácito explora a mesma temática: os modos abusivos da dominação romana.
[252] *Ann*. XIV, 29-39.

Além da presença de Boudicca ocupando papel de general, percebe-se que representações do feminino permeiam a narrativa deste episódio. No capítulo 34, Tácito relata que os bretões levaram suas mulheres para o campo de batalha para que estas fossem espectadoras da vitória. Como nota L'Hoir, a presença destas mulheres contamina todo o exército com "*muliebritas*".[253] No capítulo 36, Suetônio, o general romano, ao discursar à tropa pouco tempo antes da batalha, menciona que entre o exército de bárbaros "via-se mais mulheres que soldados" (*plus illic feminarum quam iuuentutis aspici*).[254] A própria caracterização de Boudicca como uma *dux femina* faz ressaltar características femininas do exército dos bretões, enfatizando a fraqueza e despreparo destes, – e igualmente dela – pelo fato deles permitirem ser comandados por uma mulher.

Entretanto, o ponto chave para a compreensão deste episódio de Boudicca reside no conceito de escravidão. Tácito, ao narrar a insurreição dos bretões contra a dominação romana faz uso da "metáfora da escravidão", fenômeno analisado por Fábio Joly. Segundo este autor, Tácito, ao descrever estratégias de dominação e administração provincial romana, faz uso de termos relacionados à escravidão, como por exemplo *libertas* e *seruitus*, de forma que este último termo apresente ora sentido positivo, ora negativo: "Reveste-se de um significado negativo, quando associado ao uso da violência ou tributação excessiva; por outro lado, tem um caráter positivo quando se refere à lealdade dos povos bárbaros".[255] Deste modo, Tácito, utilizando-se do sentido negativo, narra as causas da revolta dos icênios apresentando elementos que, por representarem um modo de dominação abusiva, faz com que esta seja classificada como escravidão. Um dos elementos que representa injustiça e violência é apresentado por Tácito através do relato do atentado contra Boudicca e suas filhas, considerando que o castigo e apropriação do corpo indica condição servil. Em oposição a *seruitus*, o conceito de *libertas*, neste contexto, indica a liberdade pessoal ao invés da liberdade política.[256] Isto porque, como nota Joly: "Não é a legitimidade da dominação política romana que Tácito está a criticar, mas o modo de condução da mesma".[257] O próprio discurso de Boudicca, relatado no capítulo 35 enfatiza esta ideia, sugerindo que os

[253] L'HOIR, 1994, p. 9.
[254] *Ann*., XIV, 36, 1.
[255] JOLY, 2003, p.126.
[256] *Ibidem*, 129.
[257] *Ibidem*, p.129.

homens poderiam viver e servir a Roma, subentendido, entretanto, que tal relação de servidão deveria ser contratual.

Um outro ponto a ser destacado sobre esta personagem diz respeito à diferença de costumes entre romanos e bretões. Interessante notar que Tácito não aponta estranhamento, por parte dos bretões, de serem conduzidos em batalha por uma mulher. Entretanto, há estranhamento quando Nero envia um liberto com fins de negociar e restabelecer a paz na província. Fica claro o interesse do historiador em evidenciar as diferentes relações, políticas e sociais, estabelecidas internamente entre romanos e bretões. No discurso de Boudicca, Tácito ressalta não ser novidade, para os bretões, serem liderados por uma mulher: "Certamente, os Bretões estavam habituados a serem conduzidos na guerra por muheres" (*solitum quidem Britannis feminarum ductu bellare*).[258] Desta forma, indica que o comportamento de Boudicca como *dux femina* não apresenta sentido negativo para os bretões, do mesmo modo como não significa que ela exerce poder usurpado e ilegítimo.[259] O sentido negativo se encontra na percepção dos romanos, e pode ser apreendido através do discurso de Suetônio, no capítulo seguinte ao do discurso de Boudicca. Ademais, deve-se considerar que as mulheres da Britânia viviam sob condições políticas diferentes das mulheres romanas, sobretudo em período anterior à dominação romana.[260] Como nota Watts, mudanças significativas advindas da ocupação romana deram início a um processo de depreciação do status da mulher na Britânia.[261]

Evidentemente, ao criticar os meios da dominação romana durante o governo de Nero, Tácito, além de sugerir termos ideais para esta prática, indicando valores com vistas a um equilíbrio, aponta a inaptidão de Nero em administrar as províncias romanas.

---

[258] *Ann*., XIV, 35, 1.

[259] Aqui, discordamos de L'Hoir. Esta autora propõe uma leitura diferenciada deste episódio e argumenta que o estereótipo da *dux femina*, nos *Anais*, se encontra invariavelmente relacionado a um poder usurpado e ilegítimo. Deste modo, aponta que Boudicca, ao adotar este tipo de comportamento situa seu povo na condição de escravos, uma vez que, de acordo com esta autora, o governo feminino, para Tácito, sempre presume escravidão. Cf. L'HOIR, 1994, p. 9-11.

[260] Além de Boudicca, Tácito menciona outra mulher que exerceu importante papel político na Britânia: Cartimandua, tida como rainha dos Brigantes. Cf. *Ann*. XII, 36 e *Hist*. III, 45.

[261] WATTS, 2005, p. 154.

3.2. Personagens de maior visibilidade na narrativa

Trataremos agora das personagens femininas de maior visibilidade na narrativa, ou seja, aquelas que aparecem mais de quatro vezes no decorrer dos livros dos *Anais* dedicados ao relato dos acontecimentos do principado de Nero, livros XIII ao XVI. São estas personagens: Acte, liberta e amante de Nero, aparece cinco vezes na narrativa; Octávia, filha de Cláudio e primeira esposa de Nero, aparece onze vezes na narrativa; Sabina Popeia, segunda esposa de Nero, aparece dezesseis vezes e Agripina Menor, a famosa mãe de Nero, aparece trinta e uma vezes no decorrer dos livros neronianos. Nota-se que estas personagens representam as mulheres que, por estarem associadas a Nero através de vínculo afetivo e/ou de parentesco, gozam de posição privilegiada quanto à proximidade ao imperador. São elas, de fato, apresentadas com destaque por Tácito como as personagens femininas mais próximas a Nero.

Para a análise destas personagens, optamos por manter o método adotado na primeira parte deste capítulo, ou seja, o exame de cada menção à personagem na narrativa, apenas para Acte. Para o estudo das personagens de Octávia, Popeia e Agripina, aplicamos um método ao mesmo tempo comparativo e analítico, tomando como base alguns episódios e características das personagens e que estão mais relacionados com a construção do retrato de Nero como um mau imperador. Entretanto, mantivemos uma ordem de análise de personagem por personagem, seguindo a ordem crescente da quantidade de menções à personagem no decorrer dos livros neronianos.

Comecemos então nossa análise por Acte. Liberta da *domus* de Nero, tudo indica que ela foi sua amante durante praticamente todo o período de seu governo. Suetônio menciona que Acte esteve presente no momento da morte do imperador, e foi uma das responsáveis pelo seu funeral.[262] Acte é uma personagem que Tácito utiliza para marcar uma contraposição entre uma escrava e as matronas romanas, notadamente as duas primeiras esposas de Nero, Octávia e Popeia. Deste modo, indica a estima de Nero por um tipo de comportamento servil. Esta ideia está presente em quatro das cinco menções à Acte: XIII, 12; XIII, 13; XIII, 46 e XIV, 63. Vejamos, ela aparece pela primeira vez na narrativa dos *Anais* no capítulo 12 do livro XIII, parte do relato referente ao ano 55. Neste capítulo, Tácito relata que a influência de Agripina sobre

[262] Suet., *Nero*, 50.

Nero vinha enfraquecendo, e um dos motivos era a paixão de Nero por Acte. No final do capítulo, o historiador aponta uma oposição entre Acte e Octávia ao relatar que Nero demonstrava aversão por Octávia, apresentada por Tácito como um modelo de virtudes. Para assinalar a repulsa de Nero para com Octávia, Tácito utiliza o verbo *abhorreo*, que tem como algumas acepções: "ser contrário, opor-se, evitar". Deste modo, indica que Nero preferia uma escrava à esposa, apesar desta ser "reconhecida pela sua nobreza e probidade" (*nobili quidem et probitatis spectatae*).[263] No início do capítulo seguinte, Tácito estabelece uma oposição entre Acte e Agripina, ressaltando mais uma vez a qualidade servil da preferida do imperador. Esta oposição se faz explícita pelo fato de Agripina conceber a "liberta como uma rival" (*liberta aemulam*),[264] além de demonstrar indignação em ter que considerar uma "escrava como nora" (*nurum ancillam*).[265]

Uma terceira oposição é estabelecida no capítulo 46 do livro XIII. Neste capítulo, Tácito relata como Nero se envolveu com Popeia, a então esposa de Otho, futuro imperador. Relata, inclusive, as artimanhas de Popeia a fim de se casar com Nero. E, deste modo, narra que Popeia disse a Nero que "ele, junto a Acte, nada poderia apreender deste concubinato com uma escrava, que não fosse sórdido e abjeto" (*at Neronem, paelice ancilla et adsuetudine Actes deuinctum, nihil e contubernio seruili nisi abiectum et sordidum traxisse*).[266]

A próxima vez que Acte aparece na narrativa é no episódio do suposto início de incesto entre Nero e Agripina.[267] Nesta parte do relato, a personagem de Acte não demonstra contraposição entre escrava/concubina e esposa/matrona. Entretanto, é possível apreender a influência de Acte dentro da *domus*, uma vez que é ela quem impede Nero de prosseguir e cometer o incesto.

No capítulo 63 do livro XIV, Acte aparece mais uma vez em contraposição a uma esposa de Nero. Esta é a última vez que Acte aparece na narrativa dos *Anais*. Neste capítulo, Tácito narra as acusações contra Octávia e seu desterro. O historiador relata que Octávia, depois do casamento com Nero, encontrou apenas injustiças desde que entrou na *domus*, e uma delas foi uma "escrava que gozava de mais valimento que ela" (*ancilla domina ualidior*).[268]

---

[263] *Ann*., XIII, 12, 2.
[264] *Ann*., XIII, 13, 1.
[265] *Ann*., XIII, 13, 1.
[266] *Ann*., XIII, 46, 2.
[267] *Ann*., XIV, 2.
[268] *Ann*., XIV, 63, 3.

Nota-se que a condição servil de Acte é marca de contraposição entre ela e as matronas romanas. A presença de Acte na narrativa demonstra como Nero, afeito à companhia de uma escrava, valoriza relações servis e deprecia laços matrimoniais legítimos. Principalmente no que diz respeito a Octávia, esposa virtuosa, da qual Nero procura se afastar, desrespeitando-a e ultrajando-a. A relação entre a personagem de Acte e Nero evidencia inversão de papéis sociais dentro da *domus*, onde uma escrava possui mais valimento do que uma *domina*. Nota-se que tal inversão é iniciada e protagonizada pelo próprio imperador, que supostamente deveria zelar pela manutenção de determinada harmonia das relações sociais dentro e fora da *domus*.

A nossa segunda personagem de maior visibilidade na narrativa é Octávia, a primeira esposa de Nero. Filha de Cláudio e Messalina, Octávia nasceu em 40, casou-se com Nero em 53 por determinação de Cláudio, estando este sob influência de Agripina.[269] O casamento de Nero com Octávia teve motivação política e aproximou Nero da sucessão, equiparando-o a Britânico, irmão de Octávia. A possibilidade de Nero ser o sucessor foi ainda reforçada pela sua adoção por Cláudio, três anos antes do casamento dele com Octávia.[270] O matrimônio durou quase dez anos, até Nero repudiá-la para se casar com Popeia, em 62. Forjando várias acusações, Nero a culpou, de modo contraditório, de esterilidade e aborto, além de adultério. Neste mesmo ano, em 62, Octávia foi desterrada para a ilha de Pandatária, e poucos dias depois recebeu ordem para morrer.[271]

Octávia aparece onze vezes na narrativa dos livros neronianos e representa um *exemplum* de mulher virtuosa. Ela aparece pela primeira vez no relato no mesmo capítulo que Acte também é mencionada pela primeira vez: XIII, 12. Como citamos acima, neste capítulo Tácito caracteriza Octávia como mulher "reconhecida pela sua nobreza e probidade" (*nobili quidem et probitatis spectatae*).[272] No capítulo 59 do livro XIV, Tácito, tendo em vista ressaltar o comportamento virtuoso de Octávia, menciona que ela "agia modestamente" (*modeste ageret*).[273] Neste capítulo o historiador relata a decisão de Nero em se separar de Octávia e menciona que para Nero, ela "era intolerável devido ao nome de seu pai e à afeição do povo" (*nomine patris et studiis*

---

[269] A respeito do casamento de Nero com Octávia: *Ann.*, XII, 3, 9 e 58.
[270] Sobre a adoção de Nero por Cláudio: *Ann*., XII, 25. Sobre a determinação do casamento de Nero e Octávia: *Ann*., XII, 9.
[271] *Ann*., XIV, 64. Segundo Suetônio, Octávia morreu no mesmo dia e mês que Nero. Seis anos depois, ele se suicidou, 9 de Junho, Cf. Suet., *Nero*, 57, 1.
[272] *Ann*., XIII, 12, 2.
[273] *Ann*., XIV, 59, 3.

populi grauem).[274] O fato de Octávia ser estimada pelo povo representa um elemento interessante. Esta estima, como aponta Tácito, se deve, em partes, ao fato dela deter o nome de seu pai e ser uma representante viva da memória deste. Junto a isso, o nome de Octávia (*Claudia Octauia*) demonstra prestígio de sua *gens* e *domus.* A inclinação (*studium*) que o povo tem por Octávia é apresentada por Tácito como consequência de sua nobreza e virtudes, qualidades que o príncipe despreza. Popeia, ao contrário de Octávia, não possui virtudes, e, apesar de ser nobre, não se equipara a Octávia, filha do divino Cláudio. Popeia não é estimada pelo povo.

Esta contraposição entre Octávia e Popeia é evidente no episódio da separação de Nero e Octávia, que ocupa os capítulos 60-64. Era tal a estima que o povo mantinha por Octávia que, nos capítulos 60 e 61 Tácito narra uma sedição (*seditio*) motivada pela insatisfação frente ao divórcio e novo matrimônio do príncipe. No final do capítulo 60, o historiador narra que se espalhou um rumor na cidade dizendo que "Nero, arrependido por causa do escândalo, mandou chamar de volta Octávia" (*tamquam Nero paenitentia flagitii coniugem reuocarit Octauiam*).[275] Em seguida, no capítulo 61, Tácito relata que a plebe, dando crédito ao rumor, seguiu para o Capitólio e em demonstração de alegria, ornou as estátuas de Octávia com flores, ao mesmo tempo em que derrubou as estátuas de Popeia. Estabelecendo uma oposição entre Octávia e Popeia, Tácito indica como Nero despreza as virtudes e se aproxima dos vícios, eliminando integrantes virtuosos da *domus* e se cercando de pessoas viciosas.[276]

A maneira como foram conduzidas as acusações e morte de Octávia ressaltam o caráter cruel e tirano de Nero e de sua nova esposa. Tácito relata que, inicialmente, a separação de Nero e Octávia, por motivo de adultério, teve toda a "aparência de um divórcio legal" (*ciuilis discidii specie*);[277] o dote de Octávia foi restituído, Nero lhe destinou propriedades de Burro e Plauto. Mas, pouco tempo depois ela foi relegada para Campânia sob custódia de soldados. Segue-se então, a sedição, Nero manda voltar Octávia e, com auxílio de Popeia, lhe imputa novas e mais graves acusações. Como vimos no capítulo anterior, tais acusações evidenciam *topoi* que relacionam comportamentos políticos e sexuais, com fins de denegrir e eliminar adversários. Octávia segue, pela segunda vez, para desterro, desta vez para a ilha de

[274] *Ann*., XIV, 59, 3.
[275] *Ann*., XIV, 60, 5.
[276] Para mais detalhes sobre a oposição entre Octávia e Popeia, ver: BAUMAN, 1992, p. 205-8.
[277] *Ann*., XIV, 60, 4.

Pandatária, onde, poucos dias depois, recebe ordem para morrer. O historiador menciona que a cabeça de Octávia foi levada a Roma, para que Popeia a visse.

A mutilação de cadáveres e imagens, como, por exemplo, estátuas, tinha como objetivo a expressão da insatisfação com a política e personalidade do agredido. Nota-se, desta forma, uma relação entre a agressão contra as estátuas de Popeia, durante a sedição, e a mutilação do corpo de Octávia. O ataque contra as estátuas de Popeia aponta para uma insatisfação direcionada à personalidade da nova esposa do imperador, ao mesmo tempo em que indica lealdade a Octávia e à *domus* e à *gens* Cláudia, as quais Octávia representava. A agressão às estátuas expressa sentimentos da plebe. Em contrapartida, a agressão contra o corpo de Octávia indica uma réplica, por parte de Popeia, com fins de demonstrar poder. Como aponta Varner, "a profanação de cadáveres de membros da elite era vista como uma forma severa de punição".[278] No caso de Octávia, considerando que não havia motivos verdadeiros para a punição, fica evidente o ataque às virtudes e o caráter cruel e vicioso dos responsáveis pela agressão, Nero e Popeia. Ao analisar o episódio da morte de Octávia e a mutilação do cadáver, Varner nota que:

> Este ato de *poena post mortem* tem extraordinárias implicações políticas e foi perpetrado, quase que de forma exclusiva, sobre cadáveres masculinos de imperadores depostos (*Galba, Macrinus, Diadumenianus, Maximus, Maximinus* e *Maxentius*), rivais do poder imperial malsucedidos (*Clodius Albinus*) ou inimigos estrangeiros derrotados (*Decebalus*).[279]

A mutilação do corpo de Octávia, portanto, também está relacionada com o seu *status.* Poucos capítulos antes, Tácito relata as mortes de Sila e Plauto, possíveis rivais do imperador por se equiparem a ele em nobreza. As cabeças de Sila e Plauto foram levadas até Nero.[280] Podemos entender que entre os capítulos 57 e 64, o historiador narra três mortes seguidas com decapitação, e que apresentam pelo menos um motivo em comum: a eliminação de um agente que representa ameaça ao imperador devido ao *status* daqueles. Evidentemente, Octávia, se viva, representaria constante ameaça, pois, sendo mulher da *domus Caesarum,* poderia transmitir poder através de casamentos ou geração de filhos. Varner, na citação acima, destaca o caráter incomum

---

[278] VARNER, 2004, p. 3. "(…) the desecration of elite corpses was viewed as an extremely severe form of punishment (…)."

[279] *Ibidem*, p. 100. "This act of poena post mortem has extraordinary political implications as it was almost exclusively perpetrated on male corpses of overthrown emperors (Galba, Macrinus, Diadumenianus, Maximus, Maximinus e Maxentius), failed rivals for imperial power (Clodius Albinus), or defeated foreign foes (Decebalus)".

[280] *Ann*., XIV, 57,4 e 59, 3.

da mutilação do corpo de Octávia, uma vez que a decapitação está relacionada com a eliminação política e praticada em corpos masculinos. Entretanto, tal elemento ressalta o aspecto político da eliminação de Octávia, compreendida como uma potencial rival tanto para Nero quanto para Popeia.

Octávia não volta a aparecer na narrativa depois do episódio de sua morte. As duas primeiras esposas de Nero marcam fases do governo deste imperador no decorrer do relato taciteano. A morte de Octávia significa o rompimento definitivo de Nero com a *gens* Cláudia. A eliminação de membros da sua família, como Britânico, Agripina e Octávia marca o caminho de Nero rumo ao fim da dinastia Júlio-Cláudia. A associação de Nero com Popeia aponta para este fim, além de denotar o caráter vicioso do imperador. O próprio Tácito, ao apresentar Popeia, na primeira vez que ela aparece no relato, classifica a união como uma *impudicitia* e razão de grandes maus para a República: "Naquele ano, um exemplo não menos insigne de imoralidade foi, para a República, o início de grandes males." (*Non minus insignis eo anno impudicitia magnorum rei publicae malorum initium fecit*).[281] Neste trecho, Tácito faz alusão à participação de Popeia, através de influências, na morte de Agripina. Tácito menciona Popeia, pela primeira vez, na parte da narrativa referente aos acontecimentos do ano 58, portanto, quatro anos antes do divórcio de Nero com Octávia. Assim, o historiador indica que Popeia já influenciava as decisões do imperador antes mesmo de entrar efetivamente na *domus* por meio de casamento.

Popeia é nossa terceira personagem de maior visibilidade na narrativa. Segunda esposa de Nero, Sabina Popeia nasceu por volta do ano 31, era neta de *Popaeus Sabinus*, cônsul em 9 d.C. Casou-se pela primeira vez por volta do ano 44 com Rufo Crispino, chefe da guarda pretoriana sob Cláudio.[282] Deste casamento, teve um filho, a quem, posteriormente, Nero mandou matar.[283] Em 47, Crispino participou da intriga iniciada por Messalina para matar a mãe de Popeia e Valério Asiático, e, por isso recebeu as insígnias de pretor.[284] Em 51, por influência de Agripina, Crispino foi deposto, para dar lugar a Burro.[285] Em 58 Popeia se separou de Crispino e casou com

[281] *Ann*., XIII, 45, 1.
[282] Conta Tácito que no ano de 65 Crispino foi desterrado sob pretexto de participação na conspiração pisoniana. O real motivo do desterro teria sido que Crispino era mau visto por Nero por causa do antigo casamento com Popeia, cf. *Ann*., XV, 71. Desta forma, Tácito indica o amor exacerbado de Nero por Popeia ao apontar o ciúme dele pelos ex-maridos dela. Sobre o ciúme pelo segundo marido de Popeia, Otho, cf. *Ann*., XIII, 46 e *Hist.*, I, 13.
[283] Suet., *Nero*, 35, 5.
[284] *Ann*., XI, 1-4.
[285] *Ann*., XII, 42.

Otho, o futuro imperador. Nota-se que Popeia se tornou amante de Nero no mesmo ano que se casou com Otho. O casamento de Nero com Popeia se deu no ano de 62, pouco tempo depois do príncipe ter se divorciado de Octávia.[286] Em 63, Popeia deu à luz Cláudia Augusta, a única filha de Nero, e que viveu apenas quatro meses. Como a filha, Popeia recebeu o título de Augusta.[287] Em 65 Popeia esperava mais um filho, entretanto, sofreu aborto e morreu devido a um chute que Nero lhe acertou durante um momento de cólera.[288]

Sobre o casamento de Otho com Popeia, Syme nota a disparidade das versões deste episódio nos *Anais* e nas *Histórias*.[289] Nesta última obra, Tácito relata que Nero, apaixonado por Popeia, confiou a amante ao amigo Otho, em casamento temporário, até que ele conseguisse se separar de Octávia.[290] Concordam com esta versão Suetônio, Plutarco e Dio.[291] Ainda nas *Histórias*, Tácito acrescenta que Nero, por ciúmes, destinou a Otho o governo da Lusitânia, com fins de afastá-lo de Popeia. Nos *Anais*, Tácito descarta a primeira parte desta história. No capítulo 45 do livro XIII, durante o relato dos acontecimentos do ano 58, o historiador narra que Otho, depois de haver se casado com Popeia, elogiava a esposa na frente do príncipe, fato que incentivou Nero a aproximar-se dela. Syme infere que Tácito deve ter adotado a versão mais comum nas *Histórias*, mas que posteriormente, tendo conhecimento mais aprimorado dos fatos, mudou a versão na escrita dos *Anais*.[292]

Popeia, ao contrário de Octávia, representa um *exemplum* de vícios. Popeia é caracterizada por *impudicitia* (impudicícia) e *saeuitia* (crueldade).[293] A descrição de Popeia, feita por Tácito na primeira vez que a menciona na narrativa, ressalta a inversão do estereótipo da matrona ideal. Tal estereótipo não representa apenas uma simples inversão de virtudes em vícios. Nota-se que, primeiramente, o historiador destaca as qualidades de Popeia, e em seguida passa a enumerar seus vícios. Ao descrever suas qualidades, cita seus antecedentes familiares, indica sua nobreza, riqueza e beleza. Deste modo, aponta que ela detinha todos os atributos da matrona ideal, mas que ela os utilizava para potencializar seus vícios. Em outras palavras, ela faz

---

[286] *Ann*., XIV, 60. Segundo Suetônio o casamento foi realizado doze dias após o divórcio de Nero com Octávia, cf. Suet., *Nero*, 35, 2.
[287] *Ann*., XV, 23.
[288] *Ann*., XVI, 6.
[289] SYME, 1958, p. 290.
[290] *Hist*., I, 13.
[291] Suet., *Otho*, 3, 1; Plut., *Galba*, 19 f.; Dio, LXI, 11, 2.
[292] SYME, *op. cit.*, p. 290.
[293] *Ann*., XVI, 7, 1.

uso de suas qualidades de modo subversivo. Pode-se entender que, por isso, ela representa uma ameaça à República. Vejamos a descrição de Popeia:

Non minus insignis eo anno impudicitia magnorum rei publicae malorum initium fecit. Erat in ciuitate Sabina Poppaea, T. Ollio patre genita, sed nomen aui materni sumpserat, inlustri memoria Poppaei Sabini, consularis et triumphali decore praefulgentis; nam Ollium, honoribus nondum functum amicitia Seiani peruertit. Huic mulieri cuncta alia fuere, praeter honestum animum: quippe mater eius, aetatis suae feminas pulchritudine supergressa, gloriam pariter et formam dederat; opes claritudini generis sufficiebant. sermo comis nec absurdum ingenium; modestiam praeferre et lasciuia uti; rarus in publicum egressus, idque uelata parte oris, ne satiaret aspectum, uel quia sic decebat. Famae numquam pepercit, maritos et adulteros non distinguens; neque adfectui suo aut alieno obnoxia, unde utilitas ostenderetur, illuc libidinem transferebat. Igitur agentem eam in matrimonio Rufri Crispi[ni], equitis Romani, ex quo filium genuerat, Otho pellexit iuuenta ac luxu et quia flagrantissimus in amicitia Neronis habebatur; nec mora quin adulterio matrimonium iungeretur.[294]

Naquele ano, um exemplo não menos insigne de imoralidade foi, para a República, o início de grandes males. Encontrava-se na Cidade, Sabina Popeia, cujo pai fora T. Olio. Porém, ela recebeu não o nome do pai, mas do avô materno – em função da memória ilustre que se tinha do cônsul Popeio Sabino, célebre pelas honras triunfais –, porque Olio, ainda sem honrarias de que pudesse gozar, perverteu-se por causa da amizade de Sejano. Outras qualidades se somavam ainda a essa mulher, exceto um espírito honesto: com efeito, sua mãe, que no passado superara, em beleza, as demais mulheres, legara-lhe igual glória e formosura; riquezas suficientes para manter a nobreza de sua estirpe, bem como a fala elegante e uma inteligência nada incongruente. Demonstrava modéstia, apesar da lascívia de que se servia; raramente exibia sua beleza em público – e, quando o fazia, cobria parte do rosto, a fim de não saturar os olhares de todos ou, simplesmente, porque assim julgava mais decoroso. Como não fizesse distinção entre maridos e adúlteros, deu mostras de que nunca se importou com sua reputação. Era indiferente às paixões, às suas e às dos outros: onde se lhe apresentasse alguma vantagem, para lá transferia seu desejo. Em consequência disso, no momento em que convenceu Rufo Crispino, um cavaleiro romano, de quem teve um filho, a casar-se consigo, Oto a seduziu, tendo a seu favor o vigor da juventude e o luxo – e também porque Nero nutria por ele ardente amizade. Não demorou muito para que o enlace se unisse ao adultério.

Syme sugere que Tácito se inspirou em Salústio ao descrever Popeia. De fato, a semelhança entre a Semprônia de Salústio e a Popeia de Tácito é evidente.[295] Ambos apresentam o mesmo estilo, estrutura e elementos na descrição. E, em ambas as descrições, a apresentação das qualidades, seguidas dos vícios denota a capacidade de subversão destas mulheres.

Fischler ressalta o significado simbólico das descrições de Tácito e Salústio, minimizando a hipótese da influência deste segundo sobre o primeiro.[296] Para Fischler, ambas as descrições demonstram o estereótipo da matrona má, inversão do modelo de matrona ideal. Desta forma, a autora indica que tal estereótipo, como um

[294] *Ann*., XIII, 45.
[295] SYME, 1958, p. 353; *idem*, 1981, p. 41. Para a descrição de Semprônia, ver: Sall., *Cat*., 25.
[296] FISCHLER, 1994, p. 120.

conjunto de *topoi* utilizados na caracterização de mulheres que envolveram com política no período do fim da República e início do Império, é bastante comum, inferindo que Tácito não deve ter se baseado exclusivamente em Salústio. Neste sentido, Tácito utilizou de um estereótipo facilmente identificável com objetivo de ressaltar o caráter subversivo da então amante e futura esposa de Nero. Como outras mulheres com caracterizações semelhantes – Messalina e Agripina, por exemplo – Popeia simboliza desordem. Comportamento sexual desviante e desrespeito aos preceitos morais representam características em comum entre estas três mulheres, elementos que as distinguem como ícones da subversão.

Popeia tem papel importante no episódio do assassinato de Agripina. No primeiro capítulo do livro XIV, Tácito narra que Nero resolveu-se por eliminar Agripina, motivado pela "longa possessão do poder, o que consolidou sua audácia, e pelo seu cada dia mais ardente amor por Popeia" (*uetustate imperii coalita audacia et flagrantior in dies amore Poppaeae*).[297] Nota-se que Tácito inicia o livro XIV com a morte de Agripina e o encerra com a morte de Octávia, ambos assassinatos com participação de Popeia.

Ginsburg aponta elementos que sugerem inconsistência quanto ao papel de Popeia no matricídio.[298] Um deles seria o fato do casamento de Nero com Popeia ter ocorrido três anos depois do assassinato de Agripina.[299] Se Nero matou Agripina com intenções de eliminar oponentes ao casamento, por que teria demorado tanto a se separar de Octávia e realizar o casamento?[300] Outro elemento apontado por esta autora seria a mudança de foco na narrativa do episódio depois do primeiro capítulo, dando lugar, nos capítulos subsequentes, a outros motivos que explicassem o matricídio, uma vez que depois do primeiro capítulo, Popeia só volta a ser mencionada 58 capítulos depois, no episódio da separação de Nero e Octávia.

O fato das referências a Popeia, no livro XIV, ocorrerem apenas no início e final do livro, episódios da morte de Agripina e Octávia, ressaltam a relação desta

---

[297] *Ann*., XIV, 1, 1.

[298] GINSBURG, 2006, p. 47. Sobre contradições, inclusive cronológicas, em todo o episódio do matricídio, ver: DAWSON, 1969, p. 253-67.

[299] Nero casou-se com Popeia no ano de 62, cf. *Ann*., XIV, 60

[300] Ao questionar a consistência da participação de Popeia no matricídio, baseando-se na demora e escolha da data ideal para o divórcio com Octávia, por parte de Nero, Ginsburg não considera a possibilidade de que Popeia poderia estar grávida em 62, ano do divórcio. Tácito não menciona a possível gravidez de Popeia como motivo para o divórcio com Octávia. No entanto narra que Popeia deu à luz Cláudia Augusta em 63. Nota-se, também, que Tácito contrapõe a esterilidade de Octávia com a fertilidade de Popeia como motivos para Nero ter divorciado daquela e ter se casado com esta, cf. *Ann*., XIV, 60-61.

personagem com ações de caráter negativo. Considerando nossa hipótese sobre a utilização desta personagem como recurso retórico em determinadas partes da narrativa, podemos dizer que a relação da personagem com eventos negativos reforça esta hipótese. Ou seja, Tácito foi seletivo quanto aos momentos da narrativa que empregou a personagem de Popeia, indicando o caráter maléfico da personagem. Mas cumpre destacar o caráter ainda mais maléfico das interações desta personagem com o imperador. Popeia, por si só, pouca perturbação poderia causar. Interagindo com o imperador, contudo, desestabilizaria seriamente a ordem pública. Visto que nossa intenção não reside em questionar a consistência dos fatos na narrativa dos *Anais*, mas sim identificar a relação das personagens femininas com a construção da imagem de Nero, podemos concluir que Popeia certamente cumpre função essencial na construção da imagem do príncipe como um mau imperador. A participação de Popeia nas duas mortes nos parece adequada no que diz respeito à manutenção da verossimilhança na narrativa. Isto porque a personagem de Popeia aparece relacionada à eliminação de agentes importantes do principado de Nero: Agripina, Octávia e Sêneca.

Neste sentido, a associação do príncipe com Popeia indica a preferência de Nero pelos vícios, ideia reforçada pelo afastamento e repulsa de Octávia, modelo de virtudes. A personagem de Popeia representa a desordem na *domus* e na política, ideia reforçada pela atribuição de características como comportamento sexual desviante e indiferença com relação aos bons valores morais, os quais apontam para um desarranjo das relações sociais e até políticas. A associação da personagem de Popeia com eventos de cunho político é apresentada de forma negativa. Um exemplo é a menção que Tácito faz dela no capítulo 61 do livro XV, episódio da morte de Sêneca. No capítulo anterior, o historiador relata que Nero, desconfiado da participação de Sêneca na conspiração pisoniana, mandou o tribuno Grânio Silvano interrogar o filósofo. Segue-se então a resposta do tribuno no capítulo seguinte. Tácito relata que Popeia e Tigelino estavam presentes no momento em que o tribuno narrou a resposta de Sêneca ao príncipe. O historiador ressalta, em tom irônico, que Popeia e Tigelino formavam "o conselho íntimo a respeito das crueldades do príncipe" (*saeuienti principi intimum consiliorum*).[301] Tácito, assim, procuraria deixar claro que os malefícios do príncipe não seriam fruto simplesmente de sua crueldade individual, mas de um conjunto de interações que a potencializa e lhe dava sustentação.

[301] *Ann*., XV, 61, 2. O tom irônico é dado pela palavra *consilium*, a qual faz alusão a um *Consilium Principis*.

Um último ponto a ser destacado sobre a personagem de Popeia diz respeito à sua morte. No capítulo 6 do livro XVI, Tácito relata que Nero, em um acesso de cólera, golpeou Popeia com um chute, o que teria ocasionado a morte da esposa, que estava grávida. Mayer observa que o modo como Tácito narra a morte de Popeia pode estar relacionado com a caracterização de Nero como um tirano.[302] Este autor sugere que a opção de Tácito na escolha do motivo da morte da imperatriz visa a assimilar Nero a um tirano, na medida em que é possível identificar mortes semelhantes na literatura greco-latina. Ou seja, existe a possibilidade de Tácito ter se baseado em outros personagens, igualmente caracterizados como tiranos, que também mataram suas esposas grávidas golpeando-as com chutes em momentos de raiva. Mayer aponta, como subsídio que sustenta esta hipótese, o fato de Tácito afirmar que discorda de autores que designaram a causa da morte como envenenamento. Mayer indica que este tipo de morte, por envenenamento, representa um *tópos* em situações que a causa da morte é desconhecida. Neste sentido, Mayer infere que Tácito, ao rejeitar este *tópos*, optou por um outro, mais elaborado, com vistas de indicar o caráter tirano de Nero. Considerando esta interessante hipótese de Mayer, temos que mais uma vez Tácito emprega a personagem de Popeia como um recurso retórico a fim de construir um retrato de Nero como um mau imperador, indicando que as interações que geravam o tirano não atingiam apenas as pessoas que estavam fora do círculo próximo ao imperador ou seus adversários, mas também – e talvez com ainda mais violência – as pessoas próximas a ele e que eram seus apoiadores.

Nossa quarta e última personagem de maior visibilidade na narrativa é Agripina. Principal personagem feminina dos livros neronianos dos *Anais*, senão de todo os *Anais*, Agripina bate recorde e aparece 31 vezes nos livros XIII ao XVI. Agripina Menor, a famosa mãe de Nero, dispensa apresentação. Entretanto, visto que ela é nossa principal personagem, retomaremos, de forma breve, algumas informações e datas importantes.[303] Agripina nasceu no ano 15, filha de Germânico e Agripina Maior, ela foi bisneta, filha, irmã, esposa e mãe de césares.[304] Casou-se três vezes. O seu primeiro marido foi Domício, com quem se casou em 28. Em 37 ela deu à luz seu único filho, Nero. A data do seu segundo casamento, com Passieno Crispo, é desconhecida. Em 49, casou-se pela terceira e última vez com o tio e então imperador Cláudio, contra

[302] MAYER, 1982, p. 248-49.
[303] Uma apresentação mais detalhada já foi feita no capítulo 2.
[304] Bisneta de Augusto, filha de Germânico, irmã de Calígula e mãe de Nero.

quem ela planejou um envenenamento a fim de dar o império ao filho, em 54. Entretanto este, depois de cinco anos no poder, mandou matar a mãe, em Março de 59. Agripina é reconhecida pela sua ambição e soberba, motivos pelos quais teria se dado sua queda, assinalada pelo matricídio.

A personagem de Agripina representa um elemento importante na elaboração da crítica a Cláudio e Nero. Vimos que, nos *Anais*, na parte do relato referente ao principado de Cláudio, a caracterização de Agripina a partir da atribuição de um comportamento masculino ressalta a falta de virilidade de Cláudio e, consequentemente, o caráter fraco deste imperador e sua incapacidade para governar o império.[305] Cláudio é apresentado como conivente com suas esposas. Na parte do relato referente ao principado de Nero, Tácito mantém o comportamento transgressor de Agripina, porém a crítica elaborada ao imperador é outra. Nero não é conivente com a mãe. Ele rejeita o comportamento ambicioso e interventor de Agripina de tal maneira que chega a matá-la. Deste modo, a personagem de Agripina põe em evidência o caráter abominável de Nero. Percebe-se que assim Tácito utiliza-se de um mesmo estereótipo retórico, da mulher ambiciosa e que usurpa o poder masculino, para alçar críticas diferentes aos imperadores. A personagem de Agripina representa um recurso retórico eficaz, auxiliando na construção dos retratos de Cláudio e Nero como maus imperadores.

Agripina é tida como ícone da transgressão feminina e representa um interessante distanciamento do ideal de matrona romana. A personagem dela, como apresentada por Tácito, demonstra uma conjugação de vários estereótipos retóricos. Cada qual empregado com objetivo de evidenciar um aspecto negativo do governante ou de seu governo.

---

[305] Embora apresente traços da forma clássica da transgressão, através de uma clara inversão de gênero, a personagem de Agripina mescla características femininas e masculinas. Uma característica feminina marcante é a ambição. O comportamento viril de Agripina é posto em evidência por Tácito não só pelo uso de estereótipos de mulheres ambiciosas e usurpadoras do poder masculino (como o da *dux femina*), mas também por meio de outros elementos textuais. Um exemplo é o modo como Tácito menciona as "Memórias de Agripina". No capítulo 53 do livro IV, Tácito relata que Tibério negou o pedido de permissão para casamento de Agripina Maior. O historiador afirma que teve acesso a esta informação por meio das "Memórias de Agripina" (*Commentariis Agrippinae*). E indica que, nesta obra, Agripina "relatou, para a posteridade, sucessos de sua vida e de seus familiares" (*uitam suam et casus suorum posteris memorauit*). Ao utilizar a palavra *commentarius* Tácito aponta o gênero da obra. Os *commentarii* apresentavam estilo auto-biográfico, eram comumente escritos por homens, que se propunham a narrar as atividades políticas empreendidas por eles. Hemelrijk nota não haver registros sobre outras mulheres que tenham escrito suas memórias em forma de *commentarii*. (HEMELRIJK, 1999, p. 179.) As "Memórias de Agripina" não foram preservadas. A título de curiosidade, temos notícias de duas reconstituições ficcionais em formato de romance: uma escrita por Pierre Grimal, publicada em 1992 pelas edições *des Fallois* e uma segunda, da autora portuguesa Seomara da Veiga Ferreira, publicada em 1993 pela editora Presença.

Um dos estereótipos empregados por Tácito na caracterização de Agripina, e que se faz importante na construção da imagem de Nero, é aquele que indica comportamento sexual desviante. Ao fazer uso deste estereótipo, o historiador relaciona sexo e política e indica a ameaça que uma mulher como Agripina representava para a manutenção da ordem na política do império. Nos *Anais*, a conduta sexual de Agripina está relacionada com a ambição, principalmente pelo exercício da política, que caracteriza esta personagem.

O comportamento sexual desviante de Agripina é assinalado pelo incesto. A personagem de Agripina é reconhecida pelas suas relações incestuosas: com o irmão, o tio, e o filho.[306] O incesto, para os romanos, é tido como um ato imoral, que atenta contra a harmonia das relações humanas e divinas.[307] Portanto, supomos que o casamento entre Cláudio e Agripina deve ter gerado polêmica. Como o próprio Tácito explicita, tal casamento foi justificado por motivos dinásticos e visava a continuidade da *domus Augustae*. Como se tratava de uma exceção, um casamento entre um tio e uma sobrinha, o casamento necessitou de sanção por parte do senado. Mas, apesar da aprovação, tal fato deve ter contribuído fortemente para a construção da imagem de Agripina como incestuosa. Deste modo, a criação desta imagem parece ter sido contemporânea à Agripina, desde então considerada como ícone da subversão e da má administração imperial pelos oponentes de Cláudio e Nero.

O tema do incesto é recorrente no início dos livros XII, XIII e XIV. O início do livro XII é dedicado ao relato do casamento de Cláudio com Agripina. No segundo capítulo do livro XIII, portanto início da parte da narrativa dedicada ao relato dos acontecimentos do principado de Nero, Tácito classifica tal casamento como *nuptiae incesta*e.[308] Os incestos de Agripina estão relacionados com a capacidade de subversão desta personagem. Esta relação se faz evidente no segundo capítulo do livro XIV. Neste capítulo, o historiador narra o suposto início de incesto entre Nero e Agripina. Com um tom de imparcialidade, Tácito indica duas versões sobre este

---

[306] Sobre o incesto de Agripina com o irmão Calígula, ver: Suet., *Gaius*, 24,1 e 36,1.

[307] GINSBURG, 2006, p. 120. O tema do incesto relaciona conduta política e sexual, era utilizado como método eficaz com fins de denegrir e eliminar rivais políticos. Além de Agripina, Tácito indica outro exemplo de mulher incestuosa: Lépida, esposa de Cássio e Tia de Silano. No episódio no qual Lépida aparece, a intenção de denegrir e eliminar é clara. Tácito relata que Nero, com objetivo de incriminar Silano, possível rival político, forja acusações e nelas envolve Lépida, acusando-a de cometer incestos com o sobrinho. Nota-se que a eficácia da imputação de conduta incestuosa se deve ao fato de que a difamação recai sobre ambos envolvidos na relação incestuosa. Neste sentido, Tácito mostra que Nero utilizou-se do *tópos* do incesto para difamar e incriminar Suílio, do mesmo modo que o próprio Tácito utilizou-se deste mesmo *tópos* para detratar Nero.

[308] *Ann*., XIII, 2,2

episódio, uma de Clúvio e outra de Fábio Rústico. O primeiro autor atribui a iniciativa do incesto à Agripina e o segundo a Nero. Tácito demonstra tendências para a versão de Clúvio e, deste modo concorda que a iniciativa do incesto partiu de Agripina. O historiador justifica sua inclinação por indicar que a versão de Clúvio era mais comum, pois outros autores também concordavam com ele, além desta versão estar de acordo com a *fama* (reputação) de Agripina. Ou seja, Tácito aponta para a existência de uma já consolidada imagem de Agripina como tendo comportamento sexual desviante e, principalmente, como incestuosa. No final deste capítulo, Tácito retoma o casamento de Cláudio com Agripina, classificando-o como um sinal da imoralidade dela: "[Agripina] já havia experimentado todos os tipos de torpeza, uma vez que se casou com o próprio tio" (*exercita ad omne flagitium patrui nuptiis*).[309] Desta forma, Tácito faz referência à ausência de valores morais positivos e falta de limites de Agripina, colocando em evidência o potencial efeito destrutivo desta mulher.

Agripina já havia violado tabus sociais e morais, e era indiferente aos bons costumes. Tácito indica que uma mulher da *domus Caesarum* capaz de cometer incestos representa uma ameaça à República. Se considerarmos a caracterização de Agripina como incestuosa e o uso, por parte de Tácito, de *topoi* retóricos que relacionam sexo com política, podemos entender que a capacidade de Agripina em subverter a ordem dentro da *domus* sugere a sua igual capacidade em subverter a ordem no que diz respeito à política do império. E, deste modo, a figura de Agripina como incestuosa, compreendida em um contexto de crítica a Nero, denota a incapacidade do imperador em manter a harmonia das relações políticas, sociais e até sexuais dentro de sua *domus*. Referimos às relações sexuais porque, além da presença do *tópos* que relaciona sexo e política e da recorrente crítica à interferência de Agripina na política, as relações sexuais estabelecidas entre os membros da *domus Caesarum* poderiam ter implicações políticas, na medida em que possibilitavam a determinação de matrimônios e sucessões.

Um segundo tema relacionado ao comportamento sexual desviante de Agripina diz respeito aos adultérios. Ao narrar os possíveis adultérios de Agripina, Tácito indica que ela utilizava de sexo como ferramenta política, principalmente para assegurar *dominatio*. Como vimos anteriormente, nos *Anais*, esta palavra designa poder masculino legítimo e, quando associada às mulheres, evidencia a ambição de

[309] *Ann*., XIV, 2,2.

determinada mulher pelo exercício do poder. Esta ideia está presente no capítulo 7 do livro XII, parte do relato na qual Tácito narra o casamento de Cláudio e Agripina. Neste capítulo, o historiador distingue a conduta sexual de Messalina e Agripina e designa os atos impudicos da nova imperatriz – considerando entre estes também os adultérios – como necessários para manter a *dominatio*: "dentro da Casa, nenhuma impudência, a não ser pela dominação" (*nihil domi impudicum, nisi dominationi expediret*).[310] No episódio do suposto início de incesto entre Nero e Agripina, a palavra *dominatio* aparece mais uma vez relacionada ao comportamento sexual de Agripina e sua pretensão pelo exercício do poder político. No final deste capítulo, Tácito, ao justificar a escolha pela versão da história do incesto de acordo com a reputação de Agripina, indica que era sabido que Agripina já havia se prostituído (*stuprum*) com Lépido, pela "esperança de dominar" (*spe dominationis*).[311]

Os adultérios de Agripina, evidentemente, apontam para a desordem dentro da *domus* e também enfatizam a ameaça à República que mulheres como Agripina representam. Entretanto, o modo de elaboração da crítica que recai sobre Nero através desta caracterização de Agripina é diferente daquela que foi feita a Cláudio, também através desta mesma personagem, no decorrer do livro XII. Como vimos, Cláudio era conivente com os adultérios de Agripina, fator que coloca em evidência a fraqueza e falta de virilidade de um imperador incapaz de submeter sua esposa à sua autoridade e manter a ordem dentro da *domus*.

A crítica elaborada a Nero por meio da caracterização de Agripina como adúltera e imoral aponta para, inicialmente, dois aspectos: primeiro, revela o caráter execrável do imperador que resolve matar a mãe, ao mesmo tempo que indica o caráter igualmente imoral do filho. Nota-se que pela ordem cronológica estabelecida na narrativa, Nero resolve matar Agripina pouco tempo depois da tentativa de incesto. Deste modo, o episódio do incesto assinala a necessidade de um limite, ou seja, Nero percebe uma cobrança em estabelecer um limite para a mãe. Esta cobrança é representada pelo discurso de Acte ao príncipe, que, sendo chamada por Seneca para impedir o incesto, alerta Nero sobre o risco que corria se levasse a cabo tal abominação. Percebe-se então que a iniciativa em interromper o ato imoral parte de Acte, por causa de Seneca, e não de Nero. O caráter de Nero é tão imoral como o de Agripina. A resolução do príncipe, quanto a estabelecer um limite para a mãe por meio do

[310] *Ann.*, XII, 7, 3.
[311] *Ann.*, XIV, 2, 2.

matricídio, além de revelar o caráter abominável do imperador, revela também a falta de experiência de Nero, que aparece inseguro e pedindo conselhos no decorrer de todo o episódio. Nero, assim como Cláudio, se mostra incapaz de estabelecer a ordem dentro, e fora, da *domus*. Cláudio por ser fraco e conivente, e Nero por ser tirano e inexperiente.

Um outro fator importante, colocado em destaque por Tácito através da relação estabelecida na narrativa entre as personagens de Nero e Agripina, diz respeito ao comportamento dissimulatório de Nero. Agripina é figura constante na primeira metade do livro XIII. No primeiro capítulo deste livro, portanto início da parte do relato referente aos acontecimentos do principado de Nero, Tácito já indica a influência exercida por Agripina durante os primeiros anos deste principado. Neste capítulo o historiador narra as mortes de Silano e Narciso, e ressalta que foram perpetradas por ordem de Agripina, sem que Nero tivesse notícia. Nota-se que neste capítulo Tácito utiliza a expressão "*ignaro Nerone*" para designar que Nero ignorava os planos da mãe.[312] Doze capítulos depois o historiador utiliza a expressão "*ignara matre*" para indicar que Agripina não sabia, ou fingia não saber, do *affaire* de Nero com Acte.[313]

A dissimulação na relação entre Nero e Agripina é tema recorrente nos *Anais.* Um outro exemplo pode ser apreendido no episódio da morte de Agripina. Este episódio ocupa os doze primeiros capítulos do livro XIV. Percebe-se que Tácito estabelece um jogo de dissimulação envolvendo hipocrisia, fingimento e ironia durante todo o episódio do matricídio.[314] A dissimulação é evidente no capítulo quatro quando Nero finge intenção de reconciliar com a mãe, atraindo-a para Baias. Como nota Ginsburg, segue, neste mesmo capítulo, uma observação irônica de Tácito, ao indicar que Nero considerou que Agripina, por ser mulher, acreditaria em suas intenções e, deste modo, classifica a *credulitas* dela como *facilis*.[315] Trata-se de ironia porque, em todo o episódio, Tácito caracteriza Agripina como precavida e desconfiada: "atenta às perfídias" (*insidias intentae*).[316] No final do capítulo quatro, Tácito ressalta a dissimulação de Nero ao indicar que o príncipe possivelmente simulou ser amável ao se despedir da mãe, afetando gestos de carinho "como um toque final ao fingimento" (*siue explenda simulatione*).[317] Segue-se então a tentativa do suposto acidente de barco planejado por Nero e seu liberto Aniceto para matar Agripina. O plano fracassa,

[312] *Ann*., XIII, 1,1.
[313] *Ann*., XIII, 12, 2.
[314] *Ann*., XIV, 1-13.
[315] GINSBURG, 2006, p. 48. Cf. *Ann*., XIV, 4, 1.
[316] *Ann*., XIV, 3, 2.
[317] *Ann*., XIV, 4, 4.

Agripina sobrevive, se põe a nadar e volta para casa. Ela percebe a trama e responde ao filho com igual dissimulação. Fingindo que ignorava os intentos de Nero, ela envia o liberto Agerino para avisar ao príncipe que estava salva. Tácito destaca que Agripina "percebeu que o único remédio para escapar da traição era não ser percebida" (*solum insidiarum remedium esse sensit, si non intellegerentur*).[318] E, para finalizar o capítulo, Tácito utiliza mais uma vez a palavra *simulatio*, desta vez relacionada ao comportamento de Agripina: "ordenou que encontrassem o testamento de Acerrônia e que colocassem selos em todos os seus bens, e só nisto não demonstrava fingimento" (*testamentum Acerroniae requiri bonaque obsignari iubet, id tantum non per simulatione*).[319] Percebe-se, desta forma, que a dissimulação, como aspecto marcante da relação estabelecida entre Nero e Agripina, assinala o caráter destes dois personagens, igualando-os em hipocrisia e falsidade.

Um útimo ponto a ser destacado sobre o episódio do matricídio diz respeito ao possível fato de Nero, depois da morte da mãe, ter visto e louvado o corpo dela antes da cremação.[320] Tácito diz não haver consenso sobre este fato. Baldwin observa a probabilidade da inclusão deste pormenor na narrativa se tratar de um *tópos* relacionado à caracterização de Nero como histrião.[321] Este autor argumenta sobre uma possível conexão deste detalhe da narrativa taciteana com elementos das *Bacchae*, de Eurípedes. Tal hipótese é reforçada, primeiro, por Tácito admitir não haver acordo entre as fontes, o que sugere que ele teve de optar pela inclusão ou não do fato e, segundo, pelos capítulos subsequentes aos do matricídio tratarem exatamente das atuações artísticas de Nero. Desta forma, o historiador, por meio do uso do *tópos*, encerra o episódio do matricídio, ao mesmo tempo que indica uma característica da personalidade do imperador (as habilidades teatrais de Nero) e introduz o tema seguinte da narrativa.

Deste modo, a personagem de Agripina figurada nos *Anais*, na parte do relato referente ao principado de Nero, compreendida como um recurso retórico, evidencia o caráter vicioso de Nero, primeiro, por equiparerem em imoralidade e dissimulação e, segundo, pela indicação de vícios – como a extrema falta de *pietas* do imperador que comete matricídio – que formam a personalidade de um governante tirano.

---

[318] *Ann.*, XIV, 6, 1.
[319] *Ann.*, XIV, 6, 3. Acerrônia é a escrava desleal que foi morta no momento do suposto acidente. O fato de Agripina se preocupar com a propriedade da escrava indica a avareza da imperatriz, característica já apontada por Tácito em *Ann.*, XII, 7, 3. Cf. GINSBURG, 2006, p. 50.
[320] *Ann.*, XIV, 9, 1.
[321] BALDWIN, 1979, p. 380-81.

Conclusão do capítulo 3;

Concluímos que para o estudo das personagens femininas nos *Anais*, de Tácito, uma análise sistemática das menções a estas se faz importante, pois permite a identificação de processos retóricos de caracterização de personagens. Além disso, possibilita a compreensão não só das personagens femininas, mas também de outros aspectos, como da relação entre as personagens femininas e a construção da imagem de imperadores na narrativa, investigada neste trabalho.

Vimos ser relevante para o estudo de Tácito, o entendimento dos princípios éticos em que estavam pautados os *exempla*, na medida em que pudemos perceber quais são as virtudes e os vícios que estas personagens ressaltam nas suas relações e não em si mesmas, como indivíduos. Uma condição ética positiva ou negativa surge muito mais como resultado de interações do que como resultado de convicções ou ações "absolutas" individuais sem relação com o ambiente onde ocorrem e com os outros indivíduos que comparecem às cenas construídas por Tácito. Neste sentido, pudemos compreender, por exemplo, a função retórica de personagens como esposas e escravas leais em ressaltar as virtudes de outras personagens. A análise da composição de *exempla*, por meio da compreensão da interação entre as personagens, se mostra importante por indicar determinados comportamentos da aristocracia. Por sua vez, os valores pelos quais são guiados tais comportamentos auxiliam no entendimento do processo de construção da imagem de Nero, na medida em que ressaltam condutas próprias em situações de tirania e por conseguinte, evidenciam o caráter do tirano.

Deste modo, uma análise das menções das personagens que classificamos como personagens de menor visibilidade na narrativa se faz importante na identificação de determinados vícios atribuídos a Nero, assinalados muitas vezes pela falta de alguma virtude essencial para um *princeps* ideal. A partir do emprego destas personagens em certos momentos da narrativa, Tácito procurou enfatizar aspectos do caráter do imperador, de forma que é possível perceber que partes da narrativa são dedicadas à ênfase de determinado vício de Nero. Um exemplo pôde ser apreendido através da análise de duas personagens femininas que aparecem na parte preservada do livro XVI, Polúcia e Servília, as quais auxiliam na caracterização de Nero como um imperador que não possuía *pietas*. Um outro exemplo são as personagens de ocorrência única Dido e Cláudia Augusta, a filha de Nero, cuja forma de inserção na narrativa coloca em evidência a ausência de *prudentia* e *moderatio* do imperador.

A presença das personagens classificadas como as de maior visibilidade na narrativa denotam, essencialmente, a desordem dentro da *domus.* A relação de Nero com Acte demonstra a aproximação de Nero a um comportamento servil, assinalado pelo distanciamento das virtudes, assim como de pessoas virtuosas como Octávia. A preferência de Nero por Acte sugere inversão de papéis dentro da *domus*, na medida em que uma escrava possuía mais valimento que uma *domina*. O afastamento de Nero de Octávia marca o percurso do imperador rumo ao fim da dinastia Júlio-Cláudia.

A eliminação de Octávia, através do divórcio seguido de desterro e morte da imperatriz, encerra um ciclo de mortes de rivais do poder imperial. É neste sentido que a morte de Octávia apresenta características em comum com as mortes de Sila e Plauto, relatadas poucos capítulos antes. A principal característica é a decapitação, tipo de mutilação que evidencia o caráter político da eliminação. A contraposição entre Octávia e Popeia no decorrer do relato da separação de Nero e Octávia também apresenta marcas de desordem, inclusive pública, por ter dado início a uma *seditio.* Percebe-se então uma relação entre a mutilação das estátuas de Popeia, durante a sedição, e a do corpo de Octávia, depois de sua morte. A lealdade da plebe à Octávia, evidenciada pela deposição das estátuas de Popeia, é apresentada como uma das virtudes de Octávia. A decapitação desta última, além de expor o sentido político da morte, aponta para o caráter tirano de Nero e também para a falta de virtudes de Popeia. Esta, além de não possuir estima da plebe, exibe seu valimento e poder através da decapitação da rival, forma de punição especialmente violenta frente à falta de motivos para tal.

Agripina e Popeia também evidenciam desordem. Estas duas personagens representam ícones da subversão feminina durante o principado de Nero. As caracterizações dessas duas personagens apresentam indícios de estereótipos em comum. Um deles, importante para a compreensão da relação entre a presença delas na narrativa e a construção da imagem de Nero, é aquele que indica comportamento sexual desviante e imoralidade. Tal conduta sugere desarranjo das relações sociais e políticas dentro da *domus,* e enfatiza falta de interesse do imperador em estabelecer uma ordem. Popeia, inclusive, aparece como agente que estimula os vícios de Nero. A personagem de Popeia é mostrada na narrativa relacionada às ações de caráter negativo perpetradas pelo imperador, tais como a eliminação de Octávia, Agripina e Sêneca.

Sobre a personagem de Agripina, podemos concluir que o modo como foi caracterizada permitiu a formulação de críticas a Cláudio e Nero. Por meio da caracterização de Agripina como uma mulher ambiciosa e usurpadora do poder

masculino, Tácito sugere a fraqueza de caráter de Cláudio, conivente com as ações dela, e a personalidade execrável de Nero, capaz de matar a própria mãe por rejeitar suas intervenções. Ademais, o modo como Tácito descreve o comportamento de Agripina sugere um igual comportamento de Nero. Agripina e o filho aparecem inseridos em um jogo de dissimulação. Os termos utilizados por Tácito relacionados ao comportamento destas duas personagens durante o livro XIII (*ignarus Nero, ignara mater*),[322] e a conduta de ambos durante o episódio do matricídio colocam a dissimulação em evidência. Do mesmo modo, o episódio do incesto fornece indícios no que diz respeito a uma caracterização tanto de Nero quanto de Agripina como personagens de caráter imoral.

[322] *Ann*., XIII, 1,1; *Ann*., XIII, 12, 2.

Conclusão

Concluímos que um estudo sobre as interações estabelecidas pelas personagens femininas dos *Anais* pode contribuir para uma compreensão mais profunda desta obra, na medida em que, através da análise de questões a respeito da presença das mulheres na narrativa, podemos perceber como Tácito coloca em evidência determinados aspectos relacionados, não só à conduta do imperador, como também de outros agentes da sociedade romana, como por exemplo, da aristocracia.

A proposta que foi colocada, no início desta pesquisa, era demonstrar como as personagens femininas dos *Anais*, de Tácito, auxiliaram na construção da imagem de Nero como um mau imperador. Entretanto, vimos que tal estudo não se tornaria viável se considerássemos como variáveis de análise apenas aspectos da conduta feminina em oposição ou em interação com o imperador. Em outras palavras, percebemos que as personagens femininas estão inseridas em um complexo contexto de representações, nas quais mecanismos retóricos se fazem presentes, e apontam para uma gama de vícios e virtudes que permeiam relações políticas e sociais. Neste sentido, vimos que *topoi* de caracterização de personagens e estereótipos retóricos revelam modelos ideais de comportamento, assim como seus opostos. Estes modelos, por vezes, são representados por *exempla*, e denotam valores morais importantes da sociedade romana. A partir da identificação destes valores, pudemos perceber como foram traçadas críticas à conduta de imperadores, e também de demais agentes presentes na narrativa, como senadores, mulheres e libertos. De fato, pudemos perceber não só as críticas, mas também os elogios àqueles que perpetravam ações louváveis, como por exemplo, escravos e esposas leais.

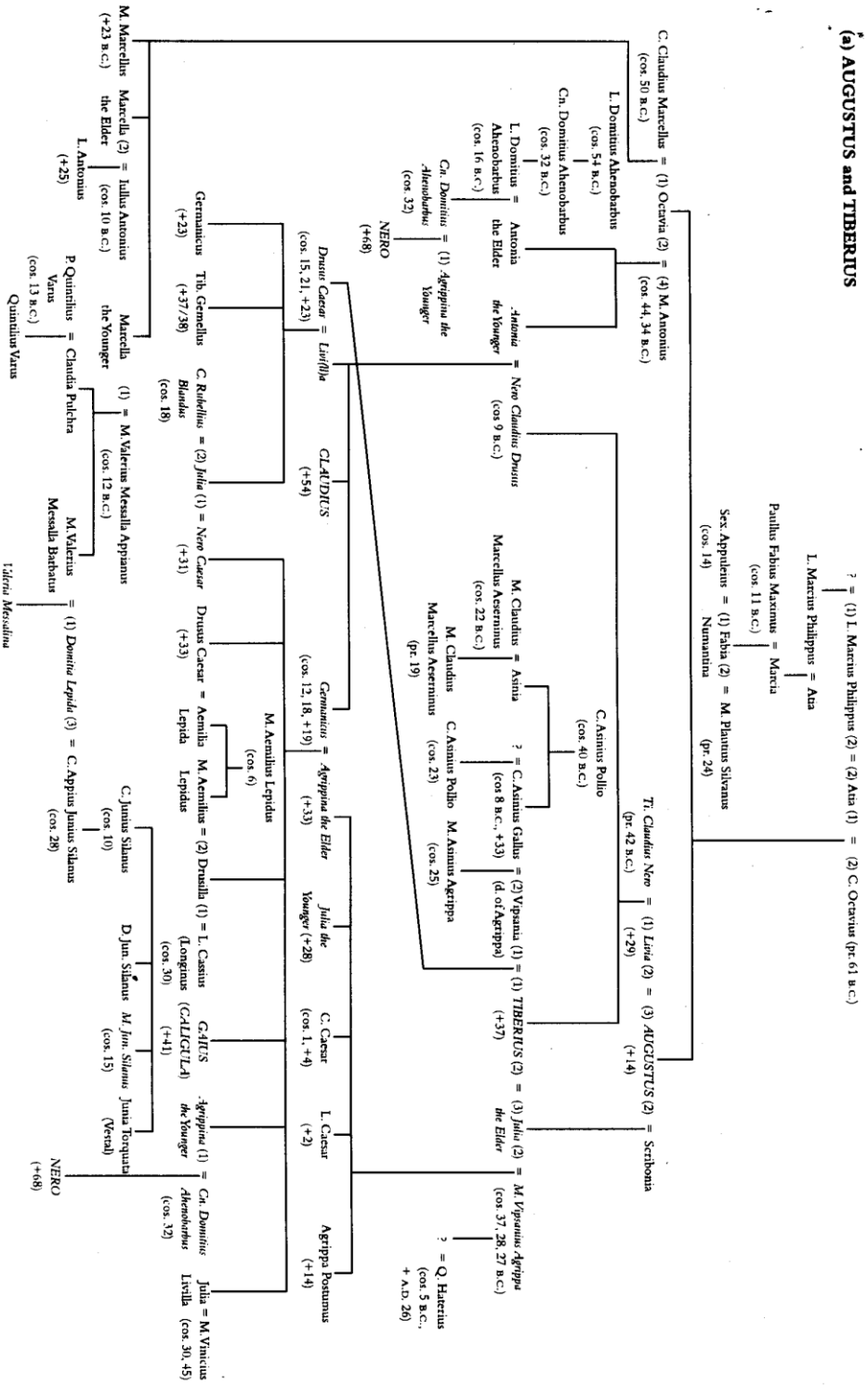
A presença das personagens femininas nos *Anais* fornece evidências interessantes a respeito das mudanças na estrutura social decorrentes da "transferência" do regime republicano para o imperial. Estas mudanças propiciaram um reposicionamento da mulher pertencente à aristocracia romana, permitindo-lhe novas possibilidades de atuação e uma nova visibilidade. Indispensáveis para a manutenção, tanto das dinastias, como do conceito dinástico no qual esteve baseado o Império Romano, as mulheres da *Domus Caesarum* foram de fundamental importância em representações de uma ordem imperial, na medida em que se buscava transmitir ideais dinásticos com base na preponderância de uma única *gens* e/ou *domus*. Entretanto, as mulheres da elite imperial

foram compreendidas como instrumentos simbólicos ambivalentes, de modo que as mesmas mulheres representadas como símbolos da ordem imperial, também foram representadas como símbolos da desordem. Interessante notar que em ambos os tipos de representações, a mulher está relacionada com a natureza individual do poder imperial e com a imagem do imperador. O fator da desordem foi enfatizado, essencialmente, através da caracterização de mulheres que interferiam em assuntos políticos, ou que apresentavam comportamento sexual desviante. Tais tipos de conduta colocam em evidência a desarmonia das relações políticas e sociais no interior e fora da *domus*, indicando a incapacidade dos imperadores (notadamente Cláudio e Nero) de zelar pela manutenção da ordem.

Por último, destacamos as potencialidades do método adotado para a análise textual. A construção de um catálogo da fonte e a divisão do estudo de acordo com a quantidade de menções possibilitou-nos uma análise ao mesmo tempo quantitativa e qualitativa das personagens que classificamos como as de "menor visibilidade na narrativa". Tais personagens, algumas pouco estudadas na historiografia, revelaram-se importantes para o entendimento da composição de *exempla* e na identificação de vícios e virtudes, por sua vez úteis na compreensão de ideais de comportamento e elaboração de críticas na narrativa. O estudo destas personagens, através da análise de menção por menção, permitiu-nos a identificação de semelhanças entre as caracterizações de determinadas personagens, assim como de seus efeitos na narrativa. Deste modo, pudemos enxergar melhor personagens que, por exemplo, aparecem somente uma vez no relato, mas exercem papel essencial na construção da imagem de Nero. Sobre as personagens de maior visibilidade na narrativa, declaramos não ter esgotado aqui nem as análises possíveis, nem e exploração da bibliografia sobre elas disponível. Primeiro, porque procuramos nos centrar nos episódios e aspectos que estão mais relacionados com a construção da imagem de Nero, e, segundo, porque um estudo mais completo destas personagens demandaria uma análise atenta da extensa bibliografia sobre elas, fator inviável diante da dimensão limitada de uma pesquisa de mestrado.

Anexo 1

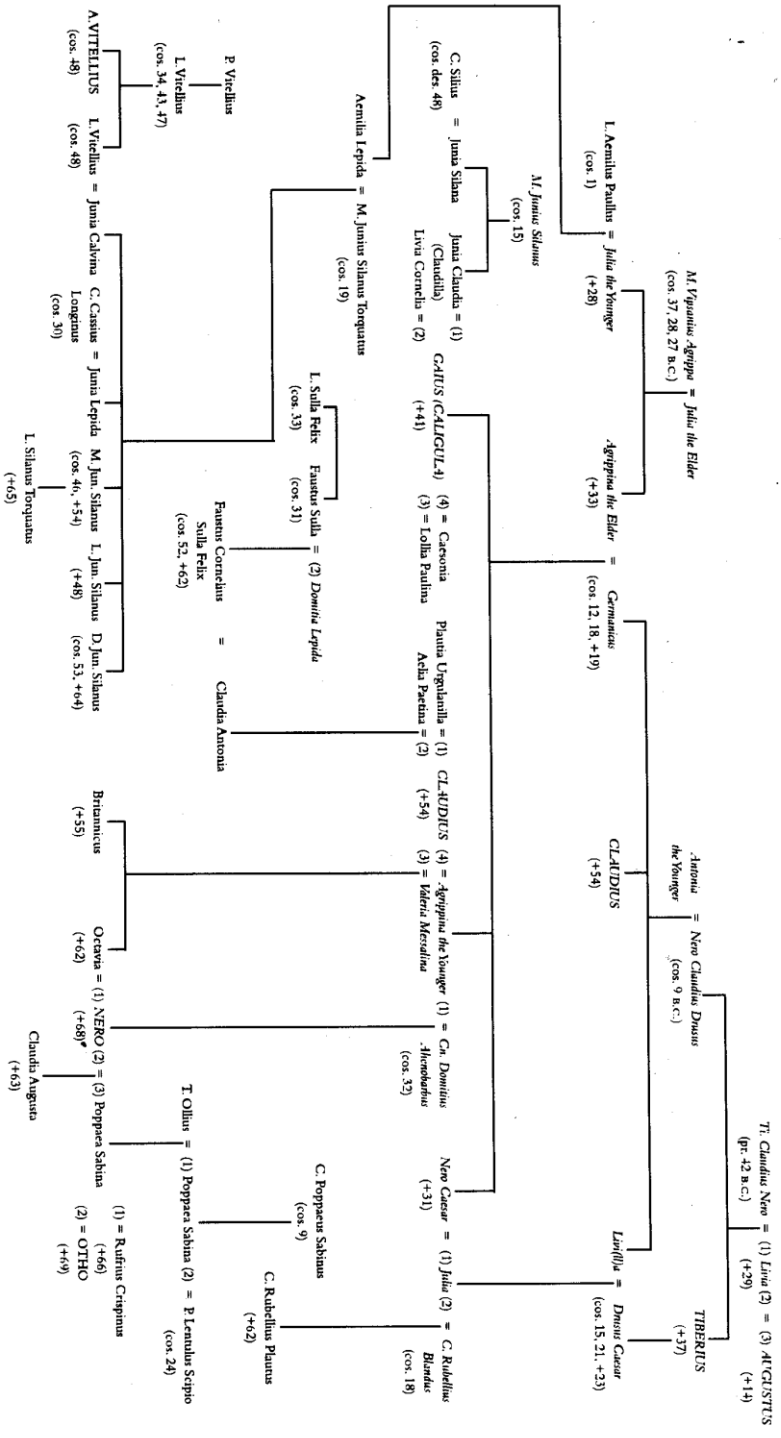
Estema da Dinastia Júlio-Cláudia: Augusto e Tibério.[323]



[323] Os estemas foram extraídos da edição dos *Anais* traduzida e organizada por Woodman: TACITUS. *The Annals.* Translated by A. J. Woodman. Indianopolis: Hackett Publishing Company, Inc, 2004, p. 392-93.

Anexo 2

Estema da Dinastia Júlio-Cláudia: Calígula, Cláudio e Nero.



Anexo 3

Localização das personagens femininas nos *Anais*, de Tácito,
livros XIII-XVI (Principado de Nero)

	Nome em latim	**Nome em português**	**Localização (livro, capítulo)**
1	*Acerronia*	Acerrónia	XIV, 5 / XIV, 6
2	*Acilia*	Átila (mãe de Lucano)	XV, 71
3	*Acte*	Acte	XIII, 12 / XIII, 13 / XIII, 46 / XIV, 2 / XIV, 63
4	*Agrippina*	Agripina Menor	XIII, 1 / XIII, 2 / XIII, 5 / XIII, 6 / XIII, 12 / XIII, 13 / XIII, 14 / XIII, 15 / XIII, 16 / XIII, 18 / XII, 19 / XIII, 20 / XIII, 21 / XIV, 1 / XIV, 2 / XIV, 3 / XIV, 4 / XIV, 5 / XIV, 6 / XIV, 7 / XIV, 8 / XIV, 9 / XIV, 10 / XIV, 11 / XIV, 12 / XIV, 13 / XIV, 57 / XIV, 64 / XV, 50 / XVI, 14 / XVI, 21
5	*Agrippina*	Agripina Maior	XIV, 63
6	*Antistia*	Antístia (esposa de Rubélio Plauto)	XIV, 22
7	*Antonia*	Claudia Antônia	XIII, 23 / XV, 53
8	*Antonia**	Antonia Maior	XIII, 18
9	*Arria*	Árria (esposa de Traseia)	XVI, 34
10	*Artoria Flaccilla*	Antônia Flacila	XV, 71
11	*Augusta*	Claudia Augusta	XV, 23
12	*Boudicca*	Baodiceia e filhas	XIV, 31 / XIV, 35 / XIV, 37
13	*Caedicia*	Cadícia (esposa de Cevino)	XV, 71
14	*Calpurnia*	Calpúrnia	XIV, 12
15	*Cornelia**	Cornélia (sucedeu a vestal Lélia)	XV, 22
16	*Dido*	Dido	XVI, 1
17	*Domitia*	Domícia	XIII, 19 / XIII, 27
18	*Egnatia Maximilla*	Inácia Maximila	XV, 71
19	*Epicharis*	Epícaris	XV, 51 / XV, 57
20	*Iulia*	Júlia (filha de Druso)	XIII, 32 / XIII, 43 / XIV, 22
21	*Iulia*	Julia (filha de Germânico)	XIV, 63
22	*Iunia Silana*	Júnia Silana	XIII, 19 / XIII, 21 / XIII, 22 / XIV, 12
23	*Laelia**	Lélia (vestal)	XV, 22
24	*Lépida*	Lépida (esposa de Cássio, tia de Silano)	XVI, 8 / XVI, 9
25	*Locusta*	Locusta	XIII, 15

26	*Lollia Paulina*	Lólia Paulina	XIV, 12
27	*Messalina*	Valeria Messalina	XII, 65 / XIII, 11 / XIII, 19 / XIII, 32 / XIII, 43
28	*Octavia*	Cláudia Octávia	XIII, 12 / XIII, 16 / XIII, 17 / XIII, 19 / XIV, 1 / XIV, 59 / XIV, 60 / XIV, 61 / XIV, 62 / XIV, 63 / XIV, 64
29	*Pollitta*	Polúcia (filha de L. Vétus e esposa de Rubélio Plauto)	XIV, 59 / XVI, 10 / XVI, 11
30	*Pompeia Paulina*	Pompéia Paulina (esposa de Seneca)	XV, 60 / XV, 63 / XV, 64
31	*Pomponia Graecina*	Pompónia Grecina (esposa de Pláucio)	XIII, 32
32	*Pontia*	Pôncia	XIII, 44
33	*Sabina Poppaea*	Sabina Popeia (mãe da segunda esposa de Nero)	XIII, 43
34	*Sabina Poppaea*	Sabina Popeia (segunda esposa de Nero)	XIII, 45 / XIII, 46 / XIV, 1 / XIV, 59 / XIV, 60 / XIV, 61 / XIV, 63 / XIV, 64 / XIV, 65 / XV, 23 / XV, 61 / XV, 71 / XVI, 6 / XVI, 7 / XVI, 21 / XVI, 22
35	*Satria Galla*	Árria Gala (esposa de Píson)	XV, 53 / XV, 59
36	*Servilia*	Servília (filha de Sorano)	XVI, 30 / XVI, 31 / XVI, 32 / XVI, 33
37	*Sextia*	Séxtia (sogra de L. Vétus)	XVI, 10 / XVI, 11
38	*Silia*	Sília	XVI, 20
39	*Statilia Messalina*	Estatília Messalina	XV, 68
Mulheres sem nome:			
40		Escrava de Pôncia*	XIII, 44
41		Mãe ou avó de P. Suílio*	XIII, 43
42		Neta de P. Suílio*	XIII, 43
43		Escrava de Agripina	XIV, 8
44		Mulher que pariu uma serpente*	XIV, 12
45		Mulher que foi morta com um raio*	XIV, 12
46		Criadas de Octávia	XIV, 60 / XIV, 62
47		Esposa de Milicho (liberto de Cevino)	XV,54 / XV, 55
48		Mãe de Ninfídio*	XV, 72

* personagens ‘neutras’.

Referências Bibliográficas:

FONTES:

Traduções das obras de Tácito:

TACITE. *Annales*. Texte établi et traduit par Pierre Wuilleumier. Paris: Société d'édition "Les Belles Lettres", 2003. (4 v.)

TACITE. *Histoires*. Texte établi et traduit par Pierre Wuilleumier et Henri Le Bonniec. Paris: Société d'édition "Les Belles Lettres", 2002. (v. I)

TÁCITO. *Anais*. Trad. J.L. Freire de Carvalho. São Paulo: W.M. Jackson Inc. Editores, 1952. (Clássicos Jackson, v. XXV).

TACITUS. *Annals*. Translated by John Jackson. Cambridge: Loeb Classical Library, 2006. (5 v.)

TACITUS. *Agricola, Germania, Dialogus*. Translated by M. Hutton, W. Peterson. Cambridge: Loeb Classical Library, 2006.

TACITUS. *The Annals.* Translated by A. J. Woodman. Indianopolis: Hackett Publishing Company, Inc, 2004.

Demais fontes citadas:

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Manuel Alexandre Junior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Biblioteca de autores clássicos, 2005.

CASSIUS, Dio. *Roman History*. Translated by Earnest Cary. Cambridge: Loeb Classical Library, 1925. (v. VII e VIII)

CICERO. *De oratore.* In: SCATOLIN, Adriano. *A invenção no Do Orador de Cícero: Um estudo à luz de Ad Familiares* I, 9, 23. 2009. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2009.

CICERO, M. Tullius. *Pro L. Murena*. Edited, with introduction and notes by J. H. Freese. London: Macmillan and Co., 1894.

[CICERO]. *Retórica a Herênio*. Tradução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

LUCIANO, de Samósata. *Como se deve escrever a história.* Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Tessitura, 2009.

MARCIAL. *Epigrammata*. Avec commentaires anciens et nouveaux, fragments inédits, recherches, dissertations, index, portraits, cartes géographiques, plans de sieges et

batailles, tableaux, etc par N. E. Lemaire. Bibliothèque Classique Latine ou Collection des Auteurs Classiques Latins. Seconde Souscription. Paris: Didot, 1837. (v. I)

PLINY, The younger. *Complete Letters.* Translated by P. G. Walsh. Oxford: Oxford University Press, 2006.

PLINY. *Natural History*. Translated by H. Rackham, M. A. Cambridge: Loeb Classical Library, 1961. (v. II)

PLUTARCH. *Aratus, Artaxerxes, Galba and Otho*. Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge: Loeb Classical Library, 1954. (v. XI)

QUINTILIAN. *The Orator's Education*. Translated by Donald A. Russell. Cambridge: Loeb Classical Library, 2001. (v. II)

SALLUST. *Bellum Catilinae*. Edited, with introduction and commentary by J. T. Ramsey. (American Philological Association Texts and commentaries series). Oxford: Oxford university Press, 2007.

SUETONIUS. *Lives of the Caesars*. Translated by J.C. Rolfe. Cambridge: Loeb Classical Library, 1989. (2 v.)

TEÓN, HERMÓGENES, AFTONIO. *Ejercicios de Retórica*. Introducción, traducción y notas de Maria Dolores Reche Martinez. Madrid: Editorial Gredos, 1991. (Biblioteca Clásica Gredos, 158)

OBRAS DE REFERÊNCIA:

GLARE, P. G. W (ed.). *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Antony (ed.). *The Oxford Classical Dictionary*. Third edition. Oxford: Oxford University Press, 1996.

LIGHTMAN, Marjorie and LIGHTMAN, Benjamin. *A to Z of Ancient Greek and Roman Woman*. New York: Facts on File, Inc., 2008.

SALISBURY, Joyce E. *Encyclopedia of Women in the Ancient World*. Santa Barbara: ABC-Clio, 2001.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário Latino-Português*. Terceira edição. Porto: Edições Marânus, 1945.

LIVROS E ARTIGOS

AGNOLON, Alexandre. *O catálogo das mulheres: os epigramas misóginos de Marcial*. São Paulo: Humanitas, 2010.

BALDWIN, B. Nero and his mother's corpse. *Mnemosyne*, vol. 32, fasc. 3/4, p. 380-81, 1979.

BARRETT, Anthony A. *Agrippina: sex, power, and politics in the early empire.* New Haven and London: Yale University Press, 1996.

BAUMAN, Richard. *Women and politics in Ancient Rome.* London: Routledge, 1992.

BELCHIOR, Ygor Klain. Uma análise dos estudos críticos sobre Tácito em Portugal no século XIX. *Politeia*: *História e Sociedade*, v. 10, n. 1, p. 187-202, 2011.

CHAMPLIN, Edward. "Saturnalia". In:___. *Nero*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2003, p. 145-177.

CLASSEN, C. J. Tacitus: Historian between Republic and Principate**.** *Mnemosyne*, 4th series, vol. 41, fasc. 1/2, p. 93-116, 1988.

CORBIER, Mireille. "Male power and legitimacy through women: the *domus Augusta* under the Julio-Claudians". In: HAWLEY, Richard and LEVICK, Barbara. *Women in Antiquity: New assessments*. London: Routledge, 1995, p.178-193.

CROOK, John. "Family and Succession". In:___. *Law and Life of Rome*. Ithaca: Cornell University Press, 1967, p. 98-138.

DAITZ, Stephen G. Tacitus' Technique of Character Portrayal. *The American Journal of Philology, v*. 81, p. 30-52, 1960.

DAWSON, Alexis. Whatever happened to Lady Agrippina? *The Classical Journal*, vol. 64, n. 6, p. 253-67, 1969.

DIXON, Suzanne. *The Roman Family*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1992.

DIXON, Suzanne. "Reading the Public Face: Legal and Economic Roles". In:___. *Reading Roman Women.* London: Duckworth, 2001, p. 69-156.

EDWARDS, Catharine. "A moral revolution? A law against adultery". In:___. *The politics of immorality in ancient Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 34-62.

FAVERSANI, Fábio. "*Ékphrasis* e as fronteiras da descrição em Tácito." In: Anais do II Colóquio "Visões da Antiguidade", do IAC-USP, 2011.

FINLEY, M.I. “The Silent Women of Rome”. In: McCLURE, Laura K. (ed.) *Sexuality and Gender in the Classical World: Readings and Sources*. Oxford: Blackwell Publishers, 2002, p. 147-160.

FISCHLER, Susan. “Social Stereotypes and Historical Analysis: The Case of the Imperial Women at Rome”. In:ARCHER, Léonie; FISCHLER, Susan and WYKE, Maria (ed.). *Women in Ancient Societies*: *an illusion of the night*. New York: Routledge, 1994, p. 115-133.

GAJDA, Alexandra. “Tacitus and political thought in early modern Europe, c. 1530-c. 1640”. In: WOODMAN, A. J. (ed.). *The Cambridge Companion to Tacitus.* Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 253-268.

GINSBURG, Judith. *Representing Agrippina: construction of female power in the early Roman Empire.* Oxford: Oxford University Press, 2006.

GINZBURG, Carlo. “Sobre Aristóteles e a história, mais uma vez”. In: ___. *Relações de força: História, Retórica, Prova.* Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

GRIFFIN, Miriam T. “Tacitus as a historian”. In: WOODMAN, A. J. (ed.). *The Cambridge Companion to Tacitus.* Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 168-183.

GRUBBS, Judith Evans. *Women and the Law in the Roman Empire*. London: Routledge, 2002.

HADAS, Moses. “Introduction”. In: TACITUS. *The complete Works of Tacitus*. Translated by Alfred John Church and William Jackson Brodribb. New York: Random House/Modern Library, 1942, p. 5-23.

HARTOG, François (org.). *A História de Homero a Santo Agostinho*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

HEATH, Malcolm. “Rhetoric in mid-antiquity”. In: WISEMAN, T. P. (ed.) *Classics in progress: Essays on Ancient Greece and Rome.* Oxford: The British Academy by Oxford University Press, 2002, p. 419-439.

HEMELRIJK, Emily A. Matrona Docta: *Educated Women in the Roman élite from Cornelia to Julia Domna*. London: Routledge, 1999.

JOLY, Fábio Duarte. *Tácito e a metáfora da escravidão*. São Paulo: Edusp, 2003.

JOLY, Fábio Duarte. Teleologia e Metodologia Históricas em Tácito. *História Revista*, Goiânia, v. 6, n. 2, p. 25-50, 2001.

JOLY, Fábio Duarte. “Hierarquia, *status* e poder nos *Anais*, de Tácito: Uma leitura dos livros neronianos”. In: ARAÚJO, Sônia R. R.; ROSA, Claudia B. & JOLY, Fábio (org.). *Intelectuais, poder e política na Roma Antiga*. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2010, p. 99-133.

JOSHEL, Sandra R. Female Desire and The Discourse of Empire: Tacitus's Messalina. *Signs*, vol. 21, n.1, p. 50-82, 1995.

KOSELLECK, Reinhart. "*Historia Magistra Vitae*". In:___. Futuro Passado. Barcelona: Ediciones Paidos, 1993, p. 41-66.

L'HOIR, Francesca Santoro. Tacitus and Women's Usurpation of Power. *The Classical World*, vol.88, n.1, p. 5-25, 1994.

LUCE, T.J. "Reading and Response in the *Dialogus*". In: LUCE T.J. and WOODMAN, A.J. (ed.). *Tacitus and the Tacitean Tradition.* New Jersey: Princenton University Press, 1993, p. 11-38.

MARQUES, Juliana Bastos. Estruturas narrativas nos *Anais* de Tácito. *História da Historiografia*, n.5, p. 44-57, 2010.

MARROU, Henri-Irénée. "Roma e a educação clássica". In:___. *História da Educação na Antiguidade.* Trad. Mário Leônidas Casanova. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1975, p. 357-533.

MARTIN, R. H. "From manuscript to print". In: WOODMAN, A. J. (ed.) *The Cambridge Companion to Tacitus.* Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 241-252.

MAYER, Roland. What caused Poppaea's death? *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, vol. 31, n.2, p. 248-49, 1982.

MILNOR, Kristina. *Gender, Domesticity, and the age of Augustus.* Oxford: Oxford University Press, 2005.

MILNOR, Kristina. "Women in Roman Historiography". In: FELDHERR, Andrew (ed.). *The Cambridge Companion to the Roman Historians*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 276-287.

MOMIGLIANO, Arnaldo. "Tácito e a tradição taciteana". In: ___. *As raízes clássicas da historiografia moderna.* Trad. Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru: EDUSC, 2004, p. 157-185.

MURGATROYD, P. "Dido's treasure at Tacitus *Annals* 16. 1-3". In: McKECHNIE, Paul (ed.). *Thinking like a lawyer*. Leiden: Brill, 2002, p. 131-33. (Mnemosyne Supplementum: History and Archaeology of Classical Antiquity, v.231).

NAPPA, Christopher. "The Unfortunate Marriage of Gaius Silius: Tacitus and Juvenal on the Fall of Messalina". In: MILLER, John F. and WOODMAN, A. J. (ed.). *Latin Historiography and Poetry in the Early Empire*. Leiden: Brill, 2010, p. 189-204.

NOBRE, Ricardo. *Intrigas palacianas nos* Annales *de Tácito: processos e tentativas de obtenção de poder no principado de Tibério*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.

PARATORE, Ettore. “Tácito”. In: *História da Literatura Latina.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983, p. 721-745.

PARKER, Holt. “Loyal slaves and loyal wives: the crisis of the outsider – within and roman *exemplum* literature”. In: JOSHEL, Sandra R. and MURNAGHAN, Sheila (ed.). *Women and Slaves in Greco-Roman culture: Differential Equations.* London: Routledge, 1998, p. 157-178.

PLEBE, Armando. *Breve História da Retórica Antiga.* Trad. Gilda Naécia Maciel de Barros. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1978.

POMEROY, Sarah B. “The Roman Matron of the Late Republic and Early Empire”. In: ___. *Goddesses, Whores, Wives, and Slaves: Women in Antiquity.* New York: Shocken books, 1995, p. 149-189.

REBOUL, Olivier. *Introdução à Retórica.*Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

RODRIGUES, Nuno Simões. Agripina e as outras: Redes femininas de poder nas cortes de Calígula, Cláudio e Nero. *Gerión*, Madrid, 26, núm.1, p. 281-295, 2008.

ROLLER, Matthew. Exemplarity in Roman culture: the cases of Horatius Cocles and Cloelia. *Classical Philology*, vol.99, n.1, p. 1-56, 2004.

ROLLER, Matthew. “The exemplary past in Roman historiography and culture”. In: FELDHERR, Andrew (ed.) *The Cambridge Companion to The Roman Historians*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 214-231.

RUTLAND, Linda W. Women as makers of kings in Tacitus’ Annals. *The Classical World*, vol.72, n.1, p. 15-29, 1978.

SAILOR, Dylan. “Autonomy, authority, and representing the past under the Principate”. In:___. *Writing and Empire in Tacitus.* Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 6-50.

SALLER, Richard. “The Emperor and his court”. In: ___. *Personal patronage under the early empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982, p. 41-78.

SALLER, Richard. “*Familia* and *Domus*: defining and representing the Roman family and household”. In:___. *Patriarchy, property and death in the Roman family.* Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p.74-101.

SALLER, Richard. “Symbols of gender and status hierarchies in the roman household”. In: JOSHEL, Sandra R. and MURNAGHAN, Sheila (ed.). *Women and Slaves in Greco-Roman culture: Differential Equations.* London: Routledge, 1998, p. 87-93.

SCHELLHASE, Kenneth C. *Tacitus in Renaissance Political Thought*. Chicago: The University of Chicago Press, 1976.

SCOTT, Joan W. “Gender: a useful category of Historical Analysis”. In: ___ (ed.). *Feminism and History*. Oxford: Oxford University Press, 1996, p. 152-182.

STADTER, Philip. “Biography and History”. In: MARINCOLA, John. *A Companion to Greek and Roman Historiography*. Malden: Blackwell Publishing, 2007, p. 528-540.

SYME, Ronald. Princesses and Others in Tacitus. *Greece and Rome*, vol. 28, n.1, p. 40-52, 1981.

SYME, Ronald. *Tacitus*. London: Oxford University Press, 1958. (2 volumes)

THOMAS, Yan. “A divisão dos sexos no direto romano”. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.). *História das Mulheres no Ocidente* (vol.1). Trad. Maria H. C. Coelho, Irene M. Vaquinhas, Leontina Ventura e Guilhermina Mota. Porto: Edições Afrontamento, 1990, p. 127-199.

VARNER, Eric R. *Mutilation and Transformation:* Damnatio Memoriae *and Roman Imperial Portraiture*. Leiden: Brill, 2004.

VEYNE, Paul. “O indivíduo atingido no coração pelo poder publico”. In: VEYNE, Paul *et alii*. *Indivíduo e Poder*. Trad. Isabel Dias Braga. Lisboa: Edições 70, 1987, p. 9-23.

VEYNE, Paul. “O que era um imperador romano?” In: ___. *O Império Greco-Romano*. Trad. Marisa Motta. São Paulo: Campus/Elsevier, 2008, p. 1-34.

WALLACE, Kristine Gilmartin. Women in Tacitus, 1903–1986. *ANRW* II, 33.5, p. 3556-3574, 1991.

WATTS, Dorothy. *Boudicca’s heirs: Women in early Britain*. London: Routledge, 2005.

WIEDEMANN, Thomas. “Reflections of Roman Political thought in Latin Historical writing”. In: ROWE, Christopher (Ed.) *The Cambridge History of Greek and Rome Political Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p.517-531.

WOODHULL, Margaret L. “Matronly patrons in the early Roman empire: the case of Salvia Postuma”. In: McHARDY F. and MARSHALL E. *Women’s influence on Classical Civilization*. London: Routledge, 2004, p. 75-91.

WOODMAN, A. J. “Alternative Definitions: Historiography and Epideictic”. In: ___. *Rhetoric in Classical Historiography.* London: Routledge, 1988, p. 95-98.

ZÚÑIGA, José Tapia. “Prólogo”. In: Tácito, Cayo Cornelio. *Anales*. Trad. José Tapia ZÚÑIGA. México: Ciudad Universitária/Universidad Nacional Autónoma de México, Bibliotheca Scriptorvm Graecorvm et Romanorvm mexicana, 2002, p. 9-34.